SET

+

HOMEM DE FERRO 2
MICKEY ROURKE DESCE O CHICOTE EM ROBERT DOWNEY JR.

UP – ALTAS AVENTURAS
DECOLE EM 3D COM UM VELHINHO RABUGENTO E ESPERTO

O SEQUESTRO DO METRÔ
JOHN TRAVOLTA APAVORA NO SUBTERRÂNEO DE NY

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Agosto, 2009 - Ed.265 - Ano 22 - R$9,90

ELE É UM COMÉDIA

ESQUEÇA BEN STILLER, ADAM SANDLER & CIA: SETH ROGEN É QUEM FAZ RIR EM HOLLYWOOD

A cultura clássica francesa você já conhece

França.Br 2009

Confira a programação:
anodafrancanobrasil.cultura.gov.br

Mas tem uma outra França que você nem imagina

ANO DA FRANÇA NO BRASIL.
A FRANÇA MUITO ALÉM DO QUE VOCÊ IMAGINA.

Em 2005, a França dedicou um ano ao Brasil. Agora, em 2009, é a nossa vez de retribuir. **De 21 de abril a 15 de novembro,** acontecem centenas de eventos em todas as regiões brasileiras para mostrar a riqueza e a diversidade da França contemporânea. Espetáculos, shows, exposições, palestras e debates proporcionam uma grande oportunidade para fortalecer ainda mais a parceria entre os nossos países nas áreas de cultura, tecnologia e economia. Participe.

Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

SET

AGOSTO ' 2009

16 HOMEM DE FERRO 2
Robert Downey Jr. agora abre a cena a Scarlett Johansson e Mickey Rourke

20 OS NORMAIS 2
Fernanda Torres e Luiz Fernando Guimarães, o casal aloprado da TV, voltam

24 EFEITOS ESPECIAIS
Fomos aos principais estúdios dos EUA e revelamos como a mágica acontece

32 SEQUESTRO DO METRÔ
John Travolta e Denzel Washington frente a frente nos trilhos subterrâneos de NY

34 UP – ALTAS AVENTURAS
Além da imaginação, o novo desenho da Pixar é a maior viagem

40 CALENDÁRIO DE ANIMAÇÕES
Adiantamos o que vem por aí até 2011. Tem até *Toy Story* em 3D

42 HAYAO MIYAZAKI
Uma conversa com o mestre, maior nome da animação japonesa

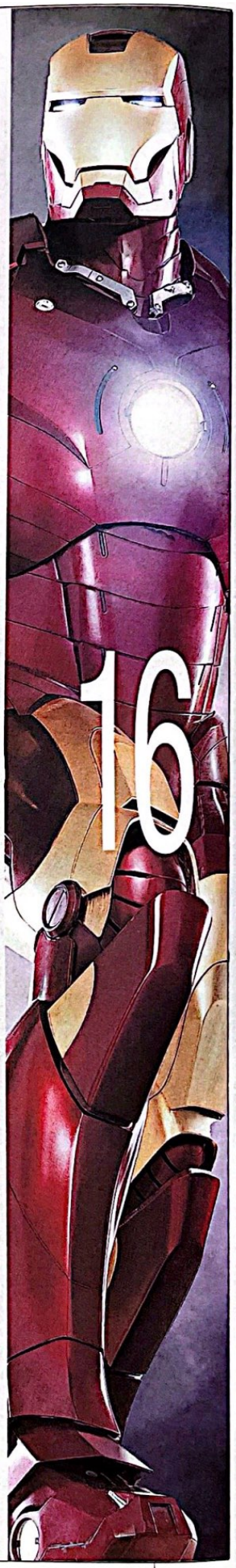
44 SETH ROGEN
Por que ele se transformou em ícone da nova geração de comediantes

52 NA CASA DO OSCAR
Por dentro da Academia de Artes e Estudos Cinematográficos, em Hollywood

56 VERONIKA DECIDE MORRER
A diretora Emily Young fala sobre o filme baseado no livro de Paulo Coelho

SEÇÕES

6 EDITORIAL 7 CARTAS 9 TAKES 19 ANA MARIA BAHIANA 23 PEDRO BUTCHER 55 MARCELO CAJUEIRO 59 EDUARDO SOUZA LIMA 61 CINEMA 71 DVD 76 TECNOLOGIA 79 TV 82 LUIZ NORONHA



A GENTE AJUDA COM O PLANO GERAL DA SUA CARREIRA.

VOCÊ SÓ PRECISA SE PREOCUPAR COM O FOCO.

- PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA DOCUMENTÁRIO
- MBA EM GESTÃO E PRODUÇÃO CULTURAL

Início das aulas em 14/09/2009.
2as e 3as, das 18h30 às 22h · FGV Botafogo

FGV

www.fgv.br/mba-rio

agência3

AVENTURAS DE UM NERD

Já há um bom tempo sei que Marco Antonio Barbosa é na verdade Bart. Mais de 10 anos, vai. Ele é a versão física chicana do moleque tosco da família Simpson. Decerto não é a maior – e melhor – de suas características. Marco Antonio Barbosa.... Tá bom, Bart. Então, Bart é um nerd. Mesmo. Sabe de cabeça a sequência de qualquer disco do Clash ou do Jam, é preciso em datas de qualquer coisa – experimente perguntar ao sujeito os anos de morte dos principais diretores de cinema. É por isso que ele fica aqui de frente para mim. Logo eu, o pior desmemoriado desta redação. Mas Bart, de 35 anos, um dos editores da **SET**, não é um nerd passivo, não. O cara é uma máquina. Escreve e apura rápido, desenvolve as pautas com clareza, é nosso mais antenado jornalista.

Há pouco mais de três semanas, empacotamos o Bart e o empurramos a Los Angeles para conhecer os meandros de Hollywood. Bart partiu e voltou carregado de novidades, boa parte delas atirada nesta edição. De seu frenético bloquinho saíram escritos que incluem uma radiografia minuciosa das principais empresas de efeitos especiais e uma passagem pelas entranhas da Academia de Artes e Estudos Cinematográficos. Bart também abandonou o sol escaldante de LA para assistir a mais e mais filmes. E contar como eles são.

Olhando aqui de soslaio, vejo que Bart está exausto. Respira fundo, coça os olhos, não aguenta mais ver tantas letras à frente. Não à toa. Bart escreveu MUITO nesta revista que você segura nas costas. Mas eu tenho certeza de que, quando ele virar a chave de casa, terá a certeza de ter escrito mais um capítulo, entre tantos, de sua marcante passagem pelo jornalismo cultural.

■■■

A escolha da capa era *Up – Altas Aventuras*. Viramos de novo a curva da obviedade.

MARIO MARQUES
Publisher

CBM CiaBrasileira DMultimídia

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente: Nelson S. Tanure

SET
Diretor Geral: Eduardo Larangeira Jácome

REDAÇÃO
Publisher
Mario Marques (mariomarques@jb.com.br)

Editores:
Carlos Helí de Almeida (halmeida@jb.com.br)
Marco Antonio Barbosa (marco.antonio@jb.com.br)
Nelson Gobbi (ngobbi@jb.com.br)
Robert Halfoun (robert@jb.com.br)

Repórteres:
Bolívar Torres, Leandro Souto Maior, Luiz Felipe Reis, Rachel Almeida, Ricardo Schott, Tais Toti

Correspondentes:
Ana Maria Bahiana (Los Angeles) e Franz Valla (Nova York)

Design:
Anderson B. Oliveira e José Adilson Nunes

Tratamento de imagem:
Abimael Ávila, Lívio Carneiro, Marcos Sobral, Mauro Mira e Santclair dos Santos

Colunistas:
Eduardo Souza Lima, Luiz Noronha, Marcelo Cajueiro, Pedro Butcher, Rodrigo Fonseca

Colaboraram nesta edição:
Daniel Schenker, Eduardo Frota, Filipe Quintans, Rubens Lima Jr (textos); Sabrina Carvalho (fotos)

COMERCIAL E MARKETING

Diretor:
Sidnei Lubianco

Gerente de publicidade SP:
Debora Leopoldo (debora.leopoldo@edpeixes.com.br)

Gerente de publicidade Rio:
Vera Granato (vera.granato@jb.com.br) (21) 2101-4024

Executiva de contas:
Stella Maris Bovino

Publicidade regional:
Paulo Soares

Gerente de marketing publicitário:
Félix Mifune

Gerente de assinaturas:
Alex Ferreira

Coordenadora de produtos: Margareth Torres

Gerente de Processos e Produção:
Wagner Pinheiro

Coordenador de Publicidade: Reinaldo Mendes

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL

Diretor: Aguimar Souza

JURÍDICO

Diretor: Djair Rosa

SET, edição 264, julho de 2009, é uma publicação da CBM. Redação: Avenida Paulo de Frontin 568 - Rio Comprido - Rio de Janeiro - RJ - (21) 2101-4081/2101-4085. Distribuição: SET é distribuída no país pela DINAP S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados podem ser solicitados, ao preço da última edição, em bancas, mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços (Estrada da Balsa, 220, Barueri – SP, CEP 06419-300, fone/fax (11 4161-2481), de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade do estoque.

www.setonline.com.br (em agosto, o novo site da SET)

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 3038-8080

De segunda a sexta-feira, das 8h às 20h e aos sábados, das 9h às 15h
Email: assinapeixes@teletarget.com.br ou acesse: www.assinepeixes.com.br

IVC ANER

PORNOCHANCHADAS!

A edição de junho não disse muito a que veio, mas a de julho... estou sem palavras. O primeiro acerto foi não se render ao óbvio de colocar *Harry Potter* ou outro blockbuster na capa e estampar *Drag Me To Hell*. Já dava uma ideia do que estava por vir, mas quando vi o que estava dentro da revista: Uau! Pornochanchadas! *La Teta Asustada*! Terror! Lars von Trier! E depois *Harry Potter*. O fato de ele vir depois de Von Trier foi um belo sinal. Foi uma grande alegria saber que um filme europeu possa brigar de igual para igual por páginas da revista.

Rafael Sordi Campos, Natal (RN)

ERRAMOS

Na lista "Os 100 Filmes Mais Assustadores da História", a foto de *O Exorcista* está numerada como se fosse *A Morte do Demônio*. No filme nº 76, *O Pássaro das Plumas de Cristal*, há uma citação a outro *giallo* de Dario Argento, cujo título correto recebido no Brasil é *Quatro Moscas Sobre Veludo Cinza*. O nome de Kaneto Shindô, diretor de *Onibaba – A Mulher Demônio*, ficou de fora. E Mickey Rourke não ganhou o Oscar, foi só indicado. **O horror! O terror!**

Na crítica de *Crepúsculo*, Robert Pattinson é citado como tendo participado de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Na verdade ele atua em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. **Eu sabia! Ninguém nessa redação gosta desse bruxinho.**

CINEMA DE VERDADE

SET pode ter mudado de cara na edição de junho, mas foi com essa última, com *Drag Me To Hell* na capa, que o conteúdo encontrou seu diferencial. Não posso negar que sinto falta do papo de nerd como um que sou, mas para isso temos a internet, enquanto cinema de verdade... só na nova **SET**. A reportagem de capa estava um primor.

Caio Coletti, Itatiba (SP)

FINALMENTE BRASIL

Sou leitor dessa revista há muitos anos e quero registrar o quanto eu gostava daquela linha editorial. No entanto, passei a gostar mais agora. A nova **SET** tem mais conteúdo e, visualmente, está mais limpa. Gostei da entrevista com o Heitor Dhalia. Finalmente se fala mais do cinema nacional.

Zé Mário, Manaus (AM)

APAREM AS ARESTAS

A nova edição foi muito superior. Inicialmente, uma capa corajosa: no mês de *Harry Potter*, destaque para *Arrasta-me para o inferno*. Ponto negativo: críticas de filmes e DVD superficiais. Se a qualidade continuar e a revista aparar as arestas, contem com este leitor.

Glauber Lopes, Sobradinho (DF)

LEITOR APAIXONADO

Essa última edição se superou. Nota 10000! Fazia tempo que não saía uma edição tão maravilhosa. A matéria sobre os filmes de terror está sensacional. Dá gosto de mostrar aos amigos e dizer: eu tenho! Não canso de emprestar a revista aos outros. Sou um corno ou não sou? (risos).

Antonino Queiroz Filho, Fortaleza (CE)

SÓ UMA CAPA?

Quero dizer que estou impressionado! Jurava que iria ver mas uma ou quatro capas de *Harry Potter* neste mês, e quando vejo... Putz! A nova obra de horror de Sam Raimi, fantástico, cujo primeiro, *Evil Dead*, assistia quando tinha 10 anos a toda hora. Espero que continuem assim! Ótima revista !

Joao Moreira, Macelo (AL)

SET RETRÔ

Acompanho a **SET** há 10 anos e portanto observei diversas mudanças estéticas e de conteúdo. Na edição de julho, já na capa noto os diferentes ares que, apesar de algumas críticas gráficas, está mais limpa. O susto maior veio mesmo quando eu a abri. Esteticamente está um desastre. Parece que estou lendo uma **SET** de duas décadas atrás.

Allan Mahet, Rio de Janeiro (RJ)

EDIÇÃO DESCONCERTANTE

A edição 264 me surpreendeu. Esperava algo em relação aos filmes comerciais que estão em cartaz no cinema e para minha grata surpresa surge uma edição daquelas desconcertantes, com um dos cineastas e gêneros que eu mais admiro, e que estavam ausentes da revista há um bom tempo, Sam Raimi e os filmes de terror!

Luciano Cremasco, São Paulo (SP)

100 FILMES DE TERROR

Ótima a matéria sobre os 100 filmes mais assustadores da história. Pena que nessa relação faltaram filmes que não poderiam estar de fora, como *O Sexto Sentido*, até hoje o melhor filme de M. Night Shyamalan? Cadê Chucky e seu *Brinquedo Assassino*, *O Predador*, *O Chamado* (versão americana), *Eclipse Mortal*, *A Bolha Assassina*, *O Ataque dos Vermes Malditos*, *Os Garotos Perdidos*, *A Hora do Lobisomem*, *Scanners*?

Alexandre Campos, Rio de Janeiro (RJ)

100 FILMES DE TERROR 2

É normal que listas sempre cometam pecados e cabe aos leitores e apreciadores do gênero corrigi-los. Creio que, ao incluírem filmes como o esquecível *Vingador Tóxico* ou o trivial *O Abismo* vocês excluíram clássicos como *A Semente do Diabo*, de John Frankenheimer, e *Força Sinistra*, de Tobe Hooper.

Marcelo Nascimento, Santo André (SP)

SEUS BURROS!

Mais uma reportagem sobre Harry Potter carregada de erros: Richard Harris morreu ao concluir *Harry Potter e a Câmara Secreta* e não *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* e os livros não venderam "apenas" 40 milhões de exemplares e sim 400 milhões.

Caio Spindola, Juiz de Fora (MG)

MENOS PALAVRÕES

Sou leitor da **SET** há anos e é com tristeza que venho constatando que a linguagem usada na revista está cada vez mais chula. Há necessidade de palavrões na revista?

Anderson Chagas de Oliveira, São Paulo (SP)

FALTOU O SANGUE DE VENEZA

Muito legal a lista publicada pela **SET**. Mas, na minha modesta opinião, não poderiam ter deixado de fora *Inverno de Sangue em Veneza* (*Don't Look Now*, de 1973).

Patrick Matzenbacher, Porto Alegre (RS)

FALE COM A GENTE set@ jb.com.br

TELEFONE: (21) 2101-4081; FAX: (21) 2101-4428; REDAÇÃO: Avenida Paulo de Frontin, 568. CEP 20261-243. Rio de Janeiro, RJ; ASSINATURAS: Tel.: (11) 3038-8080; Fax: (11) 3038-1415; E-mail: assinepeixes@teletarget.com.br ou www.assinepeixes.com.br

Xuxa em
O Mistério
de
Feiurinha
25 de dezembro nos cinemas.
XUXA PRODUÇÕES
CONSPIRAÇÃO
FILMES
GLOBO FILMES
PlayArte
PICTURES

TAKES

ELA COME, REZA, AMA

Flagramos Julia Roberts no set de 'Eat, Pray, Love'

A caminho do *set*, uma déli e o Tompkins Square Park, no East Village, Julia Roberts, de 41 anos, dribla o hidrante e o monte de fotógrafos. Em passadas largas, firmes, caminha para mais um registro cinematográfico. Está preparadíssima para filmar *Eat, Pray, Love*, baseado no best-seller de Elizabeth Gilbert, mais um entre os 34 para os quais já emprestou seu corpitcho. SET estava lá, uma terça-feira de verão tórrido em Nova York. A atriz sai de dentro de um trailer, um dos três postados no quarteirão, que alocava mais 12 caminhões de gravação da Kaufman Astoria Studios. Sua primeira cena vai acontecer no Organic Live Food, uma lojinha micro de produtos naturais encravada no subsolo de uma área devagar quase parando. Uma franquia da Dunkin Donuts na esquina é a base para o punhado de seguranças e figurantes comer. O sol está quente. E lá vem Julia.

FILME É BASEADO NO LIVRO DE ELIZABETH GILBERT, QUASE AUTOAJUDA

Julia está acompanhada de um segurança e corre para a tal lojinha. Perguntamos de longe o que ela está achando da adaptação do livro. Na talhada elegância, diz que está atrasada para o set e aumenta a velocidade. Claire, sua publicista, diz sentir muito por ela não poder falar e avisa que, se quisermos, haverá outra cena no Tompkins Square Park, a duas quadras dali, em meia hora. Não demora mesmo. A atriz entra, passa pouco mais de 20 minutos na loja e volta ao trailer. Está dentro de um jeans, camiseta e blazer preto, sandália aberta e uma bolsa nas mãos. Armada de óculos escuros. Do trailer, antes de embarcar numa van preta, acena e deixa à mostra um CD de... músicas para meditar – presente da dona da lojinha, diz o segurança. Agora já está de blazer cinza e outros óculos.

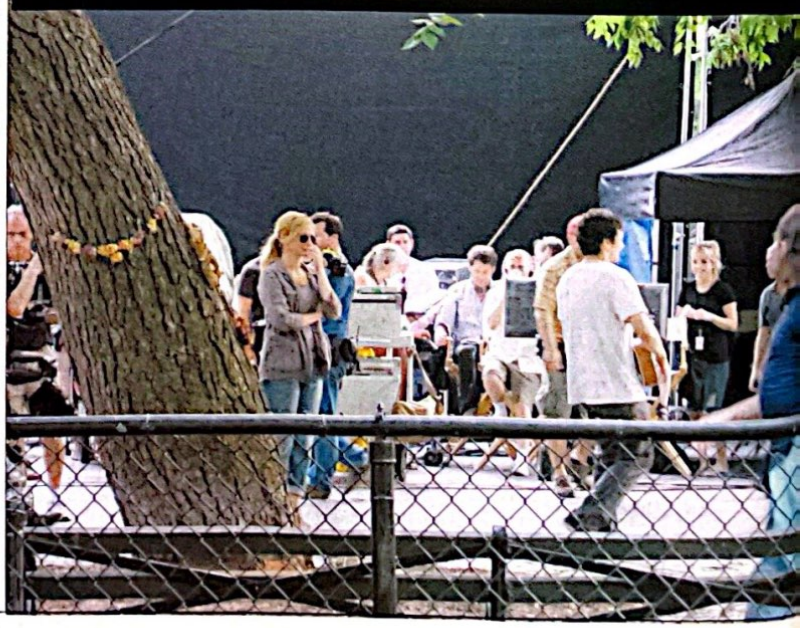
O Tompkins Square Park é um bom repouso para os *homeless* e *junkies* da cidade. Basta dizer que, enquanto se preparava para a próxima cena, uma ambulância invadia o parque para (tentar) salvar um drogado em última instância, ajudado por mendigos e enfermeiros. Uns 300 metros à frente está Julia Roberts, James Franco (*Homem-Aranha*, *Sonny*, *Milk*) e elenco, que já tem confirmado o nome de Richard Jenkins (*Queime Depois de Ler*, *Fora de Controle*, *As Bruxas de Eastwick*). Estamos embaixo de árvores altíssimas e há um gramado cheio de curiosos. Franco, de calça jeans e camiseta branca, toma a viola de dois hippies no parque e começa a fazer uma espécie de serenata para Julia. A cena é repetida 12 vezes, sob a direção de Ryan Murphy, o criador da série *Nip/Tuck*. O sol começa a baixar e a produtora Plan B, de Brad Pitt, vai desmontando o equipamento.

Eat, Pray, Love é um filme... sofrido. Trata-se de um testemunho de experiências de Elizabeth Gilbert e das formas que achou para dar a volta por cima. Ela pensava ter o marido perfeito, queria engravidar e, prestes a fazer de sua vida um sonho, descobre que ela não era tão perfeita como imaginava. A partir daí, vira tudo de cabeça para baixo. Divorcia-se e parte para uma jornada espiritual pelo mundo. A cena com James Franco no parque, contudo, mostra que será mesmo em Nova York que tudo vai se resolver em sua cabeça. Quer dizer, na de Julia, a protagonista.

Vamos combinar que Julia Roberts, quando olha para o retrovisor, revê instantes de... sofrimento. O pai, Walter Roberts, era vendedor de aspirador de pó; a mãe, Lisa, secretária de uma paróquia. Ambos atores amadores. Moravam em Atlanta. Divorciaram-se quando Julia tinha 5 anos. Perdeu o pai, vítima de câncer, aos 9. Aos 17, foi tentar a sorte como modelo em Nova York. Seu irmão, Eric Roberts, ator de terceiro time em Hollywood, conseguiu um papel para ela no faroeste *Blood Red*, em 1989. Os dois não se falam mais. Ela também não funciona muito bem a dois. Já morou com Liam Neeson, noivou com Dylan McDermott e Kiefer Sutherland, namorou Daniel Day-Lewis, Mattew Perry, Jason Patric e Benjamin Bratt. Casou-se com o cantor de música country Lyle Lovett, separou-se 21 meses depois. É casada atualmente com o câmera Daniel Moder. Tem três filhos, os gêmeos Phinnaeus Walter e Hazel Patricia, de 5 anos, e Henry Daniel Moder, de 2. Os relacionamentos são sempre finalizados com contornos de trauma. Não é fácil.

Proprietária de um Oscar (por *Erin Brockovich – Uma Mulher de Talento*, 2000), Julia Roberts deve ser vista nos cinemas com *Eat, Pray, Love* em 2010. Ainda este mês, acabam os takes em Nova York. A noite chegou, o parque esvazia. Julia entra no carro e espera a próxima chamada. **(Mario Marques, de Nova York)**

No Tompkins Square Park, James Franco cata uma viola e faz uma serenata para Julia. Cena foi repetida 12 vezes



Fernanda Rodrigues e Marcelo Serrado: ele cai por ela

O PLAYBOY E A MUSA

Marcelo Serrado e Fernanda Rodrigues se encontram em MALU DE BICICLETA , de Tambellini

No primeiro pavimento de uma ampla cobertura triplex, fincada sobre o nº 528 da bossanovista Rua Nascimento Silva, Flávio Tambellini está sentado num sofá de camurça bege. Com as pernas cruzadas sobre uma mesa de centro, fones nos ouvidos e olhos injetados sob as lentes de uma armação robusta, concentra-se no monitor de alta definição posto à sua frente. Entre uma cena e outra, pede silêncio, dá conselhos, chega até a atuar e aponta: "Marcelo, querido, acho que pode ficar melhor. Acho que tá um pouco forçado...", diz, enquanto se levanta e dá poucos passos até a cama de casal centrada no set: "Acho que ele tá desanimando rápido... O cara perdeu a mão, o papo não tá colando... Mas indiferente é diferente de inseguro". O sedutor desatinado em questão é o ator Marcelo Serrado. Ou melhor, Luis. Empresário e galanteador paulista que, durante uma semana de férias no Rio, perde o "taco" e a cabeça ao ser atropelado pela bicicleta de uma garota enquanto caminha no calçadão do Arpoador. Adaptação para o romance *Malu de Bicicleta,* de Marcelo Rubens Paiva, o terceiro longa do diretor e dono da produtora Tambellini Filmes chega a seus últimos dias de filmagem.

"Tive que reler Dom Casmurro, do Machado de Assis, para achar a Malu. Ela é um pouco como a minha Capitu", define Fernanda Rodrigues. "O Marcelo (Rubens Paiva) se inspirou no romance para escrever a personagem. E o filme é todo narrado pelo Luis. Aos olhos dele, a Malu é uma mulher super misteriosa. E é isso que desperta um ciúme que ele nunca havia sentido. Marcelo é um carioca sob a pele de um paulista. E eu, o contrário. Tive que aprender a jogar bola. Há muito tempo não andava de bicicleta. Fiquei com receio, mas vi que a gente não esquece", diz à **SET**. Como o romance, o filme joga luz nas diferenças culturais entre Rio e São Paulo. Personagem de Marcelo Serrado, Luis é um conquistador bem-sucedido. Dono de um espaço cultural multimídia em São Paulo, goza a vida com as mulheres aos seus pés. Até que, para se livrar do estresse da frenética capital paulista e dos rolos que apronta, vem ao Rio para uma temporada. Malu cruza seu caminho para mudar sua vida. Após encenar o espetáculo *No Retrovisor* (2007), baseado em outro romance de Marcelo Rubens Paiva, Serrado foi atrás de *Malu de Bicicleta*. Até que propôs a ideia a Flávio Tambellini. Acostumado a adaptar romances para o cinema, assim como fez em *Bufo & Spallanzani* (2001), de Rubem Fonseca, o diretor abraçou o projeto e passou a reescrever o roteiro.

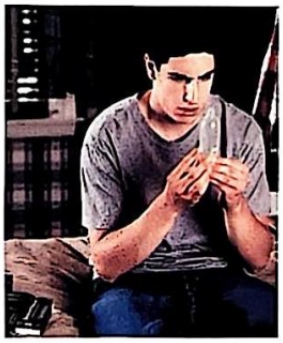
ERA PÓS-HUGHES

Quem são os sucessores do pai do adorado Ferris Bueller

Em 6 de agosto John Hughes deixou órfão não só Ferris Bueller, seu filho mais famoso, mas todos os amantes da comédia adolescente, estilo que definiu em filmes como *Gatinhas e Gatões* (1984), *O Clube dos Cinco* (1985), *Mulher Nota 1000* (1985) e o clássico maior da Sessão da Tarde, *Curtindo a Vida Adoidado* (1986). O diretor, que não resistiu a um ataque cardíaco, aos 59 anos, não filmava desde 1991 (seu último longa foi *A Malandrinha*), e ultimamente se dedicava aos roteiros, em longas menos cotados como *Encontro de Amor* (2002) e *Meu Nome é Taylor, Drillbit Taylor* (2008). Ainda assim, não deixou de influenciar as gerações seguintes de diretores de comédias *teens*, como os abaixo.

▸ **Howard Deutch** – Contemporâneo de Hughes, é o diretor de outro clássico oitentista, *A Garota de Rosa Shocking* (1986), que, aliás, tem roteiro do criador de Ferris Bueller. O filme é sobre a garotinha pobre que vai estudar no colégio de riquinhos e, claro, se apaixona pelo cara mais popular da escola. Se Matthew Broderick se tornou o rosto masculino do período, Molly Ringwald (foto) virou a eterna heroína adolescente – título que satirizou numa participação hilária em *Não é Mais um Besteirol Americano* (2001). Deutch seguiu a linha com *Alguém Muito Especial* (1987), andou tropeçando em *Acertando as Contas com Papai* (1994), *Virando o Jogo* (2000) e *Meu Vizinho Mafioso 2* (2004), e retomou o universo juvenil em *Amigos, Amigos, Mulheres à Parte* (2008).

▸ **Kevin Smith** – Nova Jersey sempre apareceu no cinema como aquela cidade estranha colada em Nova York, um refúgio provinciano separado pelo Rio Hudson da principal metrópole do planeta. Isso começou a mudar quando Kevin Smith criou um universo de personagens que habitava os bares, lojas, praças e shoppings das redondezas, mergulhados em questões existenciais marcadas por infindáveis referências pop. Desde o filme que o revelou, *O Balconista* (1994), ele interpreta o lacônico Silent Bob – na foto, à direita do eterno companheiro Jay, dupla que já ganhou até um filme só para suas peripécias. Como os adolescentes que acompanham seu trabalho, o diretor só anda em grupo e sua turma reúne alguns dos rostos mais conhecidos de Hollywood, como Ben Affleck, Jason Lee e Matt Damon.



▸ **Paul Weitz** – Surgido na mesma geração dos novos donos do humor americano, Weitz nunca chegou aos extremos dos irmãos Farrelly e de Judd Apatow, embora suas piadas não possam ser chamadas exatamente de sutis. Com *American Pie*, seu terceiro filme como diretor, dá nova roupagem ao jovem que começa a descobrir os prazeres da vida e quer vivê-los com toda a intensidade possível. Herdeiro de Ferris Bueller, no carisma, e de Pee Wee Morris, de *Porky's*, na ansiedade para ter sua primeira relação, o Jim Levenstein de Jason Biggs (foto) fez com que todo o público adolescente se identificasse com suas desastradas incursões sexuais. Como Hughes, Weitz também foi bem-sucedido ao abordar o universo infantil na ótima adaptação do romance de Nick Hornby *Um Grande Garoto* (2002).

I LOVE LOKI

Cinebiografia de Arnaldo Batista conquista Nova York e ganha distribuição nos EUA

A cinebiografia de Arnaldo Baptista subiu o elevador. *Loki*, de Paulo Henrique Fontenelle, o primeiro longa do Canal Brasil, vai entrar forte no circuito americano. No último dia 6, o documentário sobre o ex-mutante conquistou o prêmio do júri popular no Cinefest Brasil Petrobras New York. Era mais ou menos esperado. Nas três concorridas sessões no Tribeca Cinemas, onde foi realizado o evento, a plateia deixava, invariavelmente, as salas às lágrimas.

O êxito do filme em Nova York tem muito a ver com o notório culto aos Mutantes. Há uma legião de fãs na cidade, colecionadores de discos, músicos e DJs. Com a vitória de *Loki*, a obra ganhou um contrato de distribuição em salas americanas a partir da parceria da Maya Entertaiment com o festival. A empresa é um braço nos Estados Unidos de uma companhia indiana.

Diretor de marketing do Canal Brasil, André Saddy (que posa em Nova York para a **SET** com o diretor Paulo Henrique Fontenelle e a produtora Isabella Monteiro), emocionou-se na entrega do prêmio. "É a vitória do Arnaldo", disse.

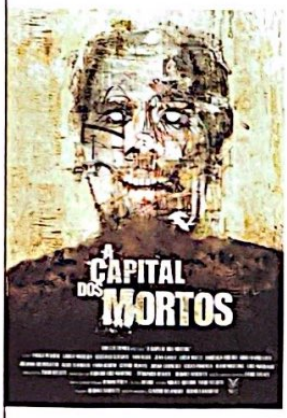
A MANHÃ DE ASSIS BRASIL

O longa *Manhã Transfigurada*, do gaúcho Sergio Assis Brasil, está em cartaz no país timidamente, mas merecia mais. Depois de produzir e dirigir, em Porto Alegre e Santa Maria, mais de 70 audiovisuais, entre videoclipes, documentários televisivos e curtas-metragens, desde 2000 estava dedicado à realização do filme – adaptado da obra homônima de Luiz Antonio de Assis Brasil – que era seu grande sonho. Após quase uma década envolvido com o projeto, o diretor assistiu ao último corte em dezembro de 2007. Algumas semanas depois, morreu em Santa Maria, vítima de uma breve luta contra o câncer. *Manhã transfigurada* é o primeiro longa realizado naquela cidade.

O TERROR NÃO ESTÁ SÓ NO SENADO

No trash *A Capital dos Mortos*, do diretor estreante Tiago Belotti, zumbis atacam Brasília seguindo uma premonição de 1883

A balada pelos escândalos políticos, por ora estacionados no Senado, a população de Brasília não poderia imaginar um terror pior do que aquele que vem da Praça dos Três Poderes. Além da falta de esquinas, os brasilienses agora têm de enfrentar hordas de zumbis canibais. Pelo menos no filme *trash A Capital dos Mortos*, realizado durante três anos com uma câmera emprestada e menos de R$ 5 mil de orçamento. Longa de estreia de Tiago Belotti, foi inspirado pela lenda do padre Dom Bosco, que em 1883 teve um sonho com a construção de uma cidade em meio ao planalto e que o fim da raça humana iria começar por ela. "Sempre quis fazer um filme de zumbis, mas buscava uma forma de justificar sua presença em Brasília, sem recorrer a outras narrativas batidas do gênero. Pesquisando a história de Brasília, descobri a lenda de Dom Bosco, que foi perfeita para o roteiro", recorda Belotti. "Daí parti para um tributo aos filmes de zumbi, desde os clássicos de George Romero a *Todo Mundo Quase Morto*, de Edgar Wright, um dos meus favoritos".



Câmera digital na mão, o próximo passo do diretor de 29 anos e de seu grupo de amigos foi abrir uma comunidade no Orkut para selecionar seus futuros mortos-vivos. "Buscamos pela internet quem quisesse participar do filme de graça, como zumbis, e também conseguimos alguns atores profissionais", conta Belotti.

A internet também foi fundamental para os efeitos especiais do longa: "Aprendemos a fazer a maquiagem em sites e buscando dicas de gente da área, com os recursos que tínhamos ao nosso alcance. Muitos dos zumbis que aparecem no filme têm o rosto coberto com cola branca, depois com chumaços de algodão, seguido de mais uma camada de cola branca e sangue cenográfico. Também usamos pó de grafite, tinta acrílica... A equipe teve que aprender rápido porque às vezes tinham mais de 40 pessoas para serem maquiadas em uma cena".

Nos três anos em que o filme levou para ficar pronto, de 2005 a 2008, a produção ficou célebre em Brasília. A cada vez que os zumbis de Belotti atacavam os cartões postais da cidade, atraíam um número cada vez maior de curiosos. "Muitas vezes as pessoas que estavam assistindo às filmagens se empolgavam com o projeto e acabavam participando como mortos vivos. De vez em quando alguém se assustava de verdade ou a polícia resolvia aparecer para saber o que estava acontecendo".

Exibido em festivais de cinema fantástico Brasil afora, *A Capital dos Mortos* está à venda, em DVD duplo com três horas de material extra, por R$ 20, com frete incluso, através do site www.acapitaldosmortos.com.br. Com a venda de DVDs (até agora entre 400 e 500 cópias foram comercializadas), Belotti espera recuperar o dinheiro investido do próprio bolso e dar início aos próximos capítulos de *A Capital dos Mortos*, inicialmente concebido como uma trilogia. Enquanto o segundo filme não começa a ser rodado, o cineasta elabora histórias envolvendo temas recentes, como a gripe suína: "Criei um roteiro em que a gripe transformava pessoas em zumbis. Os únicos que se salvam são os parlamentares, porque têm imunidade à doença".

Banquete: um dos zumbis improvisados de Belotti (no alto, à direita) devora um pé, numa das cenas do longa brasiliense

→ EM BREVE, NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

AMBER HEARD

Em *Zombieland*, a bela texana de 23 anos vai enfrentar mortos-vivos antes de cair nos delírios gonzo de Hunter S. Thompson

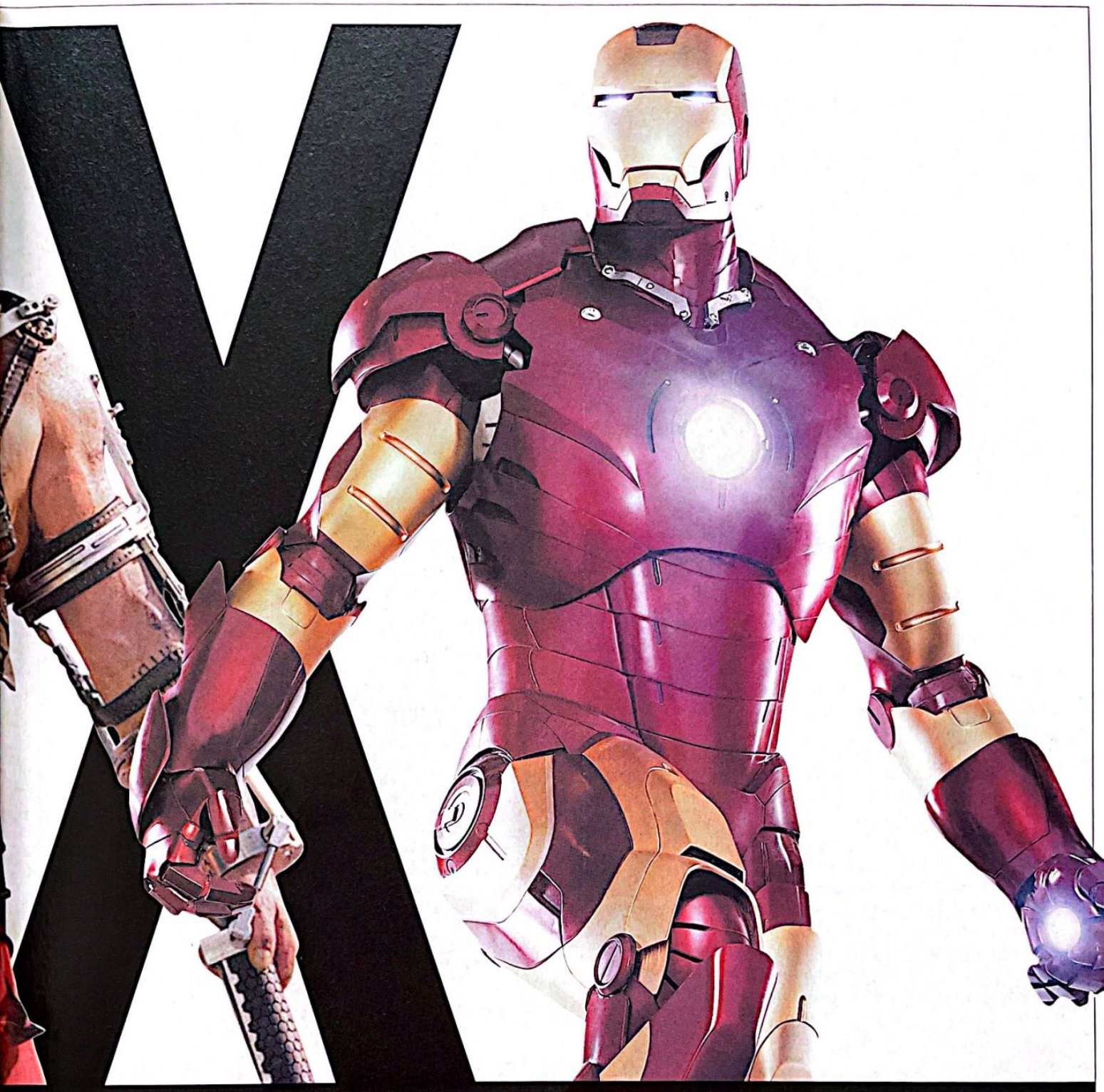
Vinte e três anos completos em abril, a atriz texana terá sua beleza ainda mais ressaltada em contraste com os mortos-vivos de *Zombieland*, com estreia marcada no Brasil para 4 de dezembro. A comédia de terror dirigida por Ruben Fleischer parece aspirante a cult (Woody Harrelson, Abigail Breslin e Bill Murray estão no elenco). E vai angariar ainda mais prestígio a Amber, que só em 2009 aparecerá em seis longas. A moça tem cinco filmes em fase de finalização, três estreando ainda este ano (a comédia *Ex-Terminators* e os dramas *The River Why* e *The Joneses*) e outros dois em 2010 (o terror *And Soon the Darkness* e *The Rum Diary*, baseado no livro homônimo de Hunter S. Thompson).

Revelada na TV – participou de séries como *Jack & Bobby*, *The O.C.* e *The Mountain* – Amber alçou voo no cinema em *Terra Fria* (no qual interpretou a personagem de Charlize Theron na juventude). Em 2006, foi uma das adolescentes doidinhas de *Alpha Dog*; ano passado, juntou-se à turma do Frat Pack (mais sobre eles a partir da página 44) na comédia lisérgica *Segurando as Pontas*.

HOMEM DE GUERRA

Na pele de Tony Stark, ROBERT DOWNEY JR. monopolizava a atenção do público. Na continuação do blockbuster, o astro não está sozinho: SCARLETT JOHANSSON vem para ajudar e MICKEY ROURKE, para atrapalhar

Vestido com um conhecido traje metálico vermelho e dourado (mas sem o capacete), Robert Downey Jr. conversa com Samuel L. Jackson (cabeça raspada, vestido de couro preto e ostentando um tapa-olho)... numa loja de rosquinhas, entre copos de café. As primeiras imagens que o mundo pôde ver de *Homem de Ferro 2*, exibidas em julho na Comic-Con 2009, em San Diego (Califórnia), a princípio não prometem muito. Mas basta que Mickey Rourke apareça em cena, brandindo com ambas as mãos chicotes que projetam descargas elétricas, e a coisa muda de figura. Como o vilão Whiplash (ou Chicote Negro), Rourke será o principal antagonista do super-herói metálico da Marvel no longa que estreia em 7 de maio de 2010 – a sequência do blockbuster que, em 2008, desmontou as expectativas de muita gente ao amealhar US$ 585 milhões de bilheteria baseando-se num personagem bem menos popular do que os competidores Batman, Homem-Aranha e Super-Homem. A comitiva que *Homem de Ferro 2* levou à convenção anual de HQ incluiu todos os protagonistas do longa, mais o diretor Jon Favreau e o próprio presidente de produção da Marvel Studios, Kevin Feige; a moral se justifica, pois foi a partir da Comic-Con 2007 que o primeiro filme decolou para seu espantoso sucesso mundial.

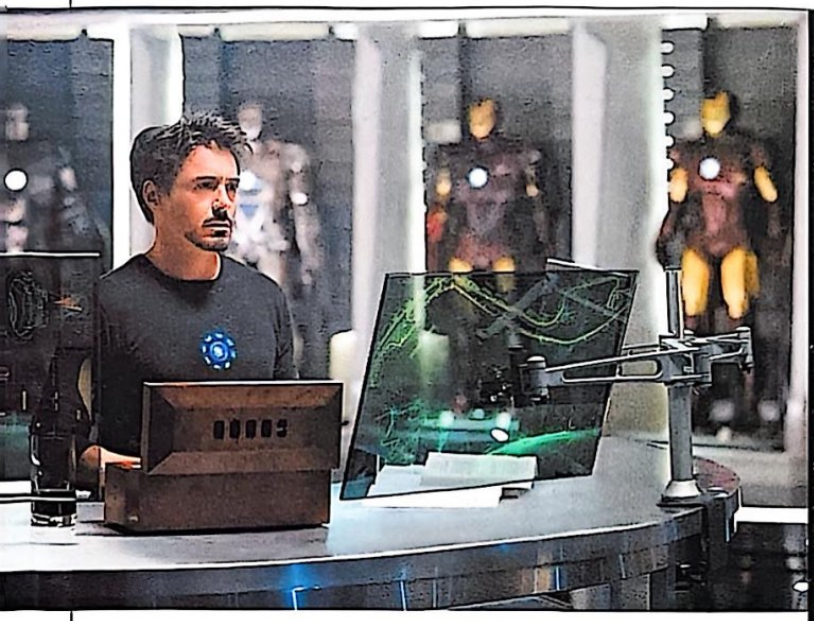


O Chicote Negro (Rourke) e o Homem de Ferro: cientista russo contra o herói

Rourke não será a única novidade. Os pouco mais de cinco minutos exibidos em San Diego mostraram Scarlett Johansson na pele da mais sexy das espiãs do universo Marvel: a Viúva Negra, aliada de Nick Fury (Jackson). Cabeleira avermelhada, traje colante preto, Scarlett desce o cacete em alguns capangas. Vemos também a primeira aparição de Don Cheadle assumindo o papel de Jim Rhodes, amigo do peito de Tony Stark (Downey Jr.) que no filme anterior foi vivido por Terrence Howard. Cheadle surge em meio a uma longa cena em que Stark é interrogado diante de uma comissão parlamentar liderada pelo senador Stern (Garry Shandling). O escorregadio comerciante de armas Justin Hammer (Sam Rockwell) fecha a prévia apresentando uma série de armamentos bem interessantes a Rhodes – e logo em seguida vemos a Máquina de Guerra, nova armadura criada por Stark para o piloto da Força Aérea Americana, completa com canhões e metralhadoras disparando pelos céus.

As cenas vistas na Comic-Con materializam os muitos rumores e especulações sobre *Homem de Ferro 2*, que começou a ser rodado em abril do ano passado como parte do meio de uma trilogia. O principal problema do longa, segundo Kevin Feige, era escolher um vilão convincente para a segunda parte. "No universo do Homem de Ferro, não temos um Duende Verde, um Coringa ou um Homem-Areia

DOWNEY JR. AINDA VAI ENCARNAR O HERÓI DE METAL AO MENOS OUTRAS DUAS VEZES: NO TERCEIRO FILME DA FRANQUIA E EM *OS VINGADORES*, QUE TEM ESTREIA PREVISTA PARA 2012



Downey Jr. na pele de Stark (acima) e como o detetive Sherlock Holmes (à direita)

para usarmos como antagonista. Em todas as aventuras do herói, Tony Stark é sempre o personagem mais interessante", declarou o chefão à *Entertainment Weekly*.

Sobrou para o Chicote Negro, vilão criado em 1968 para os quadrinhos do Homem de Ferro, por Stan Lee e Gene Colan. Ivan Vanko (Rourke), um brilhante cientista russo, parte para dentro do vingador metálico usando seu chicote capaz de desferir mortais descargas elétricas. Num lance parecido com a origem do Homem de Ferro no primeiro filme, Vanko desenvolve um traje de combate que o habilita a escapar da prisão em seu país natal. Quando encontra com o ambicioso Justin Hammer (que quer tomar o lugar de Stark no mercado global de armamentos), o Chicote Negro acha o aliado ideal para derrubar o herói. "Vanko e Hammer são como reflexos dos vários lados da personalidade de Tony Stark: um é um combatente num supertraje, o outro vende armas ultratecnológicas. É uma ideia intrigante" resumiu Kevin Feige.

REHAB NUNCA MAIS

Antes de voltar à armadura, à alma de Sherlock Holmes

Depois que se livrou de vez dos problemas com drogas que quase acabaram com sua carreira – e sua vida – nos anos 90, Robert Downey Jr. parece estar se divertindo em sua nova fase como astro de blockbusters de ação. Além de *Homem de Ferro 2*, o ator envergará novamente a armadura do herói em 2012, em *Os Vingadores*, filme que vai juntar Hulk e Thor a Nick Fury, Viúva Negra e à Maquina de Guerra. Antes disso, ainda veremos Downey na pele de outra criação ficcional ainda mais famosa: Sherlock Holmes. O filme homônimo baseado na obra de Arthur Conan Doyle estreia nos EUA em 25 de dezembro; Guy Ritchie é o diretor. Sem ater-se estritamente a nenhuma das histórias originais de Conan Doyle, o longa traz vários dos personagens mais célebres do cânone *sherlockiano*: o inseparável Dr. Watson (Jude Law), Irene Adler (Rachel McAdams), a única mulher que chegou a balançar o coração do detetive, e o inspetor Lestrade (Eddie Marsan). "Eu me afundei nos livros de Conan Doyle e foi fantástico. Holmes é realmente um cara esquisito", diz Downey.

AGORA É RUIVA CONTRA LOURA

Gwyneth Paltrow estava bem bonita no papel de Pepper Potts, a secretária-quase-namorada de Tony Stark no primeiro *Homem de Ferro*. Só que na estreia ela não tinha concorrência. Bisando a personagem, agora o negócio vai ficar difícil para a loura, que precisará competir com ninguém menos que **Scarlett Johansson**. "Há sim uma certa fantasia de rivalidade entre as duas. Como se o público pensasse: 'Ooh, as duas estão lutando por Tony!'", brinca Gwyneth. Com a cabeleira loura tingida de ruivo e usando roupas bem justinhas, Natasha Romanoff (o nome da Viúva Negra, que surge como uma nova assistente de Stark) é em tudo a antítese da discreta Pepper. E ainda bate para valer nos criminosos. "Nas histórias em quadrinhos, a Viúva usa um soro especial que faz com ela se recupere de ferimentos mais rapidamente. Mas no filme ela é apenas uma garota durona. Suas habilidades em combate corpo a corpo são seus superpoderes", explica Scarlett. A personagem também é uma criação do pai de todos – Stan Lee – e surgiu em 1964, na revista *Tales of Suspense*.

ANA MARIA BAHIANA, DE LOS ANGELES

NOS TEMPOS DA GORDURA DO BIFE

HOLLYWOOD NUNCA FOI UM JARDIM DE DELÍCIAS POVOADO POR FADAS MADRINHAS

Para Hollywood, estar em crise não é novidade: é um estilo de vida. Em crise nos anos 30, debatendo-se com a novidade do som e a pressão dos sindicatos. Em crise nos 40, por conta da guerra, nos 50, por causa da televisão, nos 60, no crédito da contracultura, nos 70, com o video-cassete, nos 80, com o DVD, no novo século com o digital. E, agora, com a crise financeira. O que há de novo nisso?

Para nós, no escurinho da sala, cada uma dessas crises teve um impacto diferente e, muitas vezes, positivo, muitas obrigando uma grande estrutura, movida a dinheiro e voltada unicamente para a própria sobrevivência, a se adaptar darwinianamente aos desejos de novas gerações e, com isso, indavertidamente impulsionar o outro lado de sua produção: a arte.

Não sei em que rumo esta nova crise vai empurrar a produção da mais rica indústria do mundo (certo, Bollywood é maior em número de títulos, mas como comparar seu impacto regional com os vastos tentáculos do cinema produzido nos e/ou distribuído pelas empresas norte-americanas?). Mas não estou gostando do que estou vendo.

Eis como a coisa funcionava, depois de todas essas crises do passado e mesmo depois do terror digital: havia tanta gordura no bife que o risco quase não doía. Para cada filezão bem gordo tipo arrasa-quarteirão, franquia com super heróis ou besteirol de Adam Sandler sobrava carne para pelo menos meia dúzia de picadinhos bem temperados, coproduzidos com independentes e não-americanos ou, na pior das hipóteses, produzidos fora de Hollywood, mas distribuídos por sua poderosa máquina de marketing. Sem esse equilíbrio e forças entre grandes orçamentos+ mais controle=menos ousadia e pequenos orçamentos+ menos controle=mais ousadia, o boom do novo cinema americano não teria acontecido. Carreiras como as de Quentin Tarantino, Steve Soderbergh, David Fincher, Paul Thomas Anderson, Joel e Ethan Coen teriam sido muito mais trabalhosas e truncadas.

Que ninguém se engane – Hollywood nunca foi um jardim de delícias povoado por fadas madrinhas. Os patriarcas da indústria certamente amavam cinema muito mais do que as impessoais diretorias corporativas de hoje, mas seu gosto idiossincrático, embora passional, privilegiava o lucro e primeiro lugar, tal e qual seus colegas do século 21. A diferença é que a própria definição e escopo do conceito "risco" mudou. "Risco" nas décadas "de ouro" da alvorada de Hollywood, eram três ou quatro filmes B, noir, baratos, esquisitos, de diretores novos, que podiam ser exibidos interminavelmente nos programas duplos dos cinemas de bairro, *second run* e acabavam cobrindo seus custos e ainda rendendo algum (o fato de que alguns acabariam sendo estudados nas faculdades e cultuados ao redor do mundo não entravam nas contas dos patriarcas).

"Risco", hoje, quer dizer um filme que custou entre US$ 40 e US$ 60 milhões para fazer, uns US$ 5 a US$ 10 milhões para distribuir e divulgar e que, se não recuperar seu custo em duas semanas no máximo vai deixar um sério rombo no caixa. Ainda mais se o filme não tiver gerado uma série de games, bonequinhos e atrações de parque.

Nos tempos das vacas gordas – qualquer coisa antes da crise financeira de 2008 – rombos como esses eram cobertos pelos arrasa-quarteirões, sem problemas. Depois da crise…

Depois da crise até mesmo os filmes importantes, aqueles que saem no final do ano, têm assinaturas ilustres e temas além do interesse de adolescentes e nerds, caem na vala comum do risco. Nem as 10 generosas vagas abertas pela Academia para indicações ao Oscar de Melhor Filme – o equivalente a um voucher para 1% a mais de plateia, no mundo todo – não parecem ser suficientes. O medo é algo muito poderoso, mais paralisante do que botox, e sem seus efeitos embelezadores.

Quando vejo Quentin Tarantino levantando 90% de seus orçamentos na Europa, Steven Spielberg roendo as unhas à espera dos prometidos investimentos indianos e Steve Soderbergh dizendo ao *Guardian* que vê a luz no fim do túnel e ela é provavelmente um trem vindo direto na sua direção, começo a temer pelo que nos será ofertado daqui para a frente.

Tiago Rodrigues

SEGURA OS MALUCOS

Rui e Vani, o casal aloprado e cultuado na TV desde sempre, agora querem fazer um ménage à trois para apimentar a relação. OS NORMAIS 2 cata os risos da plateia brasileira à mão, botando a rotina do casamento num divã em que a moral desce a ladeira

Rachel Almeida

Qual foi a noite mais doida de Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres? A dupla ri, olha-se cúmplice, mas não entrega as grandes extravagâncias. Tampouco tenta disfarçar que esses momentos não existiram. "Confesso que vivi e vivi muito, mas já faz tempo que me tornei uma mulher direita", defende-se Fernanda. "Olha, já tomei ácido e já fiquei empacado por horas no meio de um penhasco com medo de despencar. Mas as grandes doideiras mesmo eu esqueço no dia seguinte. E proíbo qualquer um de me contar", proclama Luiz Fernando. A gente pode até não descobrir as maiores loucuras dos intérpretes, mas a dos seus personagens, o casal aloprado Rui e Vani, estão (bem) detalhadas em *Os Normais 2 – A Noite Mais Maluca de Todas*, sequência de *Os Normais – O Filme* (2003), ambos dirigidos por José Alvarenga Jr.

Produzido pela Globo Filmes, o novo longa-metragem, novamente com roteiro de Alexandre Machado e Fernanda Young, retoma as aventuras da dupla, mas oferta ao espectador saudosista muito mais elementos do bem-sucedido programa exibido pela TV Globo entre 2001 e 2003 (hoje, reprisado no GNT). Se o primeiro filme da franquia narrava como eles se conhecem e se apaixonam, mesmo recém-casados com outras pessoas, o segundo mostra o relacionamento, já desgastado, que completa 13 anos. "Mas não há baixo-astral. Eles decidem logo partir para a ação", frisa a atriz.

Resolutos a acabar com a rotina, decidem apimentar a relação com um artifício que nunca tentaram: o ménage à trois. Só que a busca por uma terceira pessoa, na noite carioca (as locações passam por Copacabana, Arpoador, entre outros bairros), revela-se mais problemática do que eles imaginavam – acabam encrencando a prima (Drica Moraes), uma frequentadora de karaokê (Danielle Winits), uma bicampeã de kickboxing (Daniele Suzuki), uma bissexual (Claudia Raia), uma francesa à procura de babá (Mayana Neiva), um vizinho (Daniel Dantas) e uma garota de programa (Alinne Moraes. Bom, a última, na verdade, é a própria encrenca, mas vamos deixar a surpresa para o cinema. "Este filme lembra muito mais o programa do que o primeiro. No outro, a gente tinha a vontade de fazer uma comédia romântica aloprada, mas diferente do programa que estava no ar. Hoje, a gente sente saudade do programa e quer recuperar as histórias de problemas de convivência. Então o filme parece um programão, com muitas participações", explica Fernanda. Ainda há planos para um terceiro longa, que fecharia a trilogia de *Os Normais*.

O primeiro filme da série atraiu quase 3 milhões de espectadores. E, a julgar pelo sucesso comercial das comédias em 2009 – *Se Eu Fosse Você 2* (mais de 6 milhões de espectadores). *O Divã* (mais de 2 milhões) e *A Mulher Invisível* (mais de 1,5 milhão) – o segundo tem tudo para ter o mesmo êxito ou até mais (o *Se Eu Fosse Você* original, por exemplo, teve público de cerca de 3,5 milhões, número menor do que sua continuação). Mas os atores são cautelosos quanto a essa expectativa. "Eu acho que talvez possamos contar com um pouco mais de público porque existem jovens de 18, 19 anos que não assistiram ao primeiro filme porque não tinham idade. Agora essa galera que vê o programa no GNT possivelmente vai querer ir ao cinema. E, na época, a gente ainda não contava com eles. Então, tomara que tenha um crescimento.", arrisca o ator. "Mas daí a dizer que vai chegar a tal número... é chute", devolve a parceira.

Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres estão em busca de loucura. De normais, não têm nada

O que não é chute, na opinião da dupla, é dizer que essas recentes comédias ajudaram a fortalecer o mercado cinematográfico nacional como não se via há

Maira Coelho

O PRIMEIRO FILME DA SÉRIE ATRAIU QUASE 3 MILHÕES DE ESPECTADORES. MAS HÁ QUEM DIGA QUE DO JEITO QUE A NOSSA COMÉDIA VAI PERIGA DOBRAR O NÚMERO ATÉ DEZEMBRO

muito tempo. "Mais do que alcançar as salas estrangeiras, esses filmes são importante para consolidar a relação do espectador brasileiro com seu próprio cinema", acredita Luiz Fernando, que marcou presença em filmes como *Os Sete Gatinhos* (1980), *Engraçadinha* (1981) e *O Que É Isso, Companheiro?* (1997), o último também com a presença de Fernanda Torres. "Eu acho que, para um cineasta, deve ter um significado maior o fato de o seu próprio público consumir o filme do que uma eventual venda internacional. E isso está cada vez mais visível". Fernanda Torres, com carreira extensa no cinema, incluindo o longa *Eu Sei Que Vou Te Amar* (1986), de Arnaldo Jabor, com o qual ganhou o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cannes, também acredita que o foco das comédias ainda não é o mercado internacional. "Mas as ideias atraem. A de *Os Normais* está sendo negociada com a TV americana. E A Mulher Invisível vai parar até na Turquia", exemplifica a atriz. Aqui no Brasil, não há dúvidas: o objetivo sempre foi alcançar às massas. "Além de "matar as saudades da equipe do programa, Os Normais 2 quer realmente explorar o gênero preferido do brasileiro. É claro que as parcerias do primeiro filme (a Globo Filmes e a distribuidora Europa) estavam interessadas em um novo hit comercial. Mas não podemos negar que nós, diretores, atores, roteiristas e técnicos, também somos artistas de massa. Temos que descobrir como essa massa é, apesar de o cinema brasileiro se sentir um pouco envergonhado em aceitar isso", admite Alvarenga, que se iniciou na carreira dirigindo títulos para a franquia *Os Trapalhões*. Coincidentemente, enquanto Rui e Vani descobrem como acabar com o marasmo da vida a dois, Adão e Eva, outro casal interpretado por Luiz Fernando Guimarães e Fernanda Torres, embarcam numa viagem pelo mundo das drogas. Esse é o tema do novo espetáculo teatral da dupla, em cartaz no Teatro dos Quatro, no Rio. O texto marca a primeira experiência da atriz como dramaturga. "Tem muita gente que vai ao teatro esperando encontrar Rui e Vani. Não é o que acontece, mas elas não se desapontam", garante o ator. "Encontram um espetáculo divertido, que não foca na relação a dois, mas em tema meio tabu que adoramos desvendar".

É HORA DE COMEÇAR A CONTAR OS DIVIDENDOS

Diretor da Globo Filmes, Carlos Eduardo Rodrigues revela: *Bem Amado* e *Roque Santeiro* estão vindo por aí

1 Houve um intervalo de seis anos entre um filme e outro. Pelo bom resultado do primeiro, houve uma vontade de fazer sequência de imediato ou não? O que levou à essa espera?
Houve, sim, vontade de fazer a sequência, principalmente depois que o seriado saiu do ar. O público sempre gostou de *Os Normais*, e pedia a volta dele. Ao longo desses seis anos, o quinteto formado por Luiz Fernando Guimarães, Fernanda Torres, Alexandre Machado, Fernanda Young e José Alvarenga Jr. articulou uma volta, mas algumas situações impediram, como o caso da Fernanda Torres, que engravidou. No ano passado, um novo roteiro nos foi apresentado e chegamos à conclusão de que este era o momento do retorno; todos estavam disponíveis, vestiram a camisa e o resultado vocês estão vendo no cinema.

2 Não houve um receio de que, pelo fato de o seriado ter ficado muito tempo fora do ar, o filme lançado em 2009 perdesse o seu alcance?
Não. Como disse anteriormente, o público pedia a volta de *Os Normais*, e o filme vem matar esta saudade.

3 Além de *Os Normais*, *A Grande Família* também foi levado aos cinemas. Há interesse de transformar outra série em longa?
O *Bem Amado*, já filmado e com lançamento previsto para janeiro de 2010, e o *Roque Santeiro*, a ser rodado no segundo semestre de 2010.

4 Há interesse de se filmar *A Grande Família 2*?
Se surgir uma excelente ideia para o filme tudo é possível.

5 Qual o retorno do público de *Os Normais* e *A Grande Família* em relação a outros filmes da Globo Filmes?
Ambos os filmes tiveram um bom público, respectivamente 3 milhões e 2 milhões de espectadores. *Os Normais*, inclusive, figura no ranking dos 10 longas mais assistidos da Retomada. A trama e o elenco conhecidos ajudam sim, mas o roteiro precisa ser bom. Isso sem falar que são duas comédias, gênero do qual o brasileiro gosta bastante e dá um ótimo retorno ao cinema nacional. Quem faz a diferença é o filme em si, tanto *Os Normais* como *A Grande Família* são blockbusters. Mas temos filmes que fizeram públicos maiores, como a franquia *Se Eu Fosse Você* 1 e 2, que não partiu da TV.

6 Há possibilidade de transformar seriados dramáticos da Globo em filmes também ou há um privilégio da comédia para esse fomato?
Um filme pode ser adaptado de várias fontes, como livros, peças de teatro, programas de televisão. Se a história puder ser bem contada em 2 horas e as imagens do cinema puderem dar outra vida àquela história, por que não?

7 Pode falar da venda da ideia de *Os Normais* para o mercado americano?
Pela Globo Filmes não temos detalhes desta negociação, mas sabemos que a série é popular onde é exibida.

8 Há interesse do mercado americano noutra série da Globo?
Não temos informações, mas nossa área Internacional deve ter.

PEDRO BUTCHER

SÓ OS ROBÔS MUTANTES PARARAM LUANA PIOVANI

ELA PAIRAVA ABSOLUTA NAS BILHETERIAS, MUITO VISÍVEL, ATÉ SER ATROPELADA PELOS *TRANSFORMERS*

Pelos motivos mais diversos, alguns setores da economia brasileira atravessaram praticamente incólumes a tempestade da crise financeira. A venda de cervejas, refrigerantes, materiais esportivos, artigos de beleza, livros e o consumo nos shoppings centers de maneira geral (com exceção das lojas-âncoras que dependiam fortemente do crédito) apresentaram crescimento significativo nos últimos meses – um grupo que a jornalista Miriam Leitão chamou de "os sem-crise". O cinema, por sorte, faz parte desse grupo.

Os resultados do primeiro semestre confirmaram a tendência que se esboçava desde janeiro: 2009 deverá ser o melhor ano para o cinema desde 2004, a última vez em que conseguimos ultrapassar a marca de 100 milhões de ingressos vendidos. Os filmes que estrearam entre janeiro e junho foram vistos por aproximadamente 55,4 milhões de espectadores e geraram R$ 473,5 milhões de bilheteria bruta, números que representam altas respectivas de 31% e 35% em relação ao mesmo período do ano passado.

O público dos títulos estrangeiros cresceu bastante (15%), mas a grande alavanca desse salto foi mesmo o desempenho dos filmes nacionais, que levaram 10,7 milhões de espectadores aos cinemas, ou 20% do total. Para se ter uma ideia, até junho de 2008 os filmes nacionais tinham atraído 3,5 milhões de espectadores – ou seja, no primeiro semestre de 2009 a freqüência dos filmes brasileiros triplicou. Nada menos do que 85% desse público se concentraram em três comédias: *Se Eu Fosse Você 2* (6 milhões de espectadores), *Divã* (1,8 milhão) e *A Mulher Invisível* (que até meados de julho rumava para a marca de 2 milhões de ingressos).

Se Eu Fosse Você 2 estreou em janeiro, data tradicionalmente boa para os filmes nacionais, conseguindo superar todas as expectativas e tornar-se o novo campeão da Retomada. *Divã* entrou em cartaz em abril, período tradicionalmente morno para os concorrentes estrangeiros, mas que raramente conta com estreias nacionais de porte. O desafio maior coube à *Mulher Invisível*: o filme entrou em cartaz em 5 de junho, em plena alta temporada de blockbusters americanos. Para se ter uma ideia, nesse mesmo dia estrearam o quarto capítulo da poderosa franquia *O Exterminador do Futuro* e a comédia romântica *Duplicidade*, com Julia Roberts.

No primeiro fim de semana (aquele que o jargão do mercado chama de "abertura"), o *Exterminador 4* liderou fácil o ranking. Exibido em 485 salas, atraiu pouco mais de 405 mil espectadores. Com a metade desse circuito, *A Mulher Invisível* ficou em segundo, com 230 mil ingressos. No segundo fim de semana, porém, veio a surpresa: com praticamente o mesmo numero de salas, o longa de Cláudio Torres cresceu 24%, enquanto *O Exterminador 4* apresentou queda de 36%. A comédia estrelada por Selton Mello e Luana Piovani assumiu a liderança do ranking, enquanto o filme de ação com o astro Christian Bale foi para a segunda colocação.

A Mulher Invisível continuou na liderança por mais três fins de semanas seguidos, e só perdeu o posto com a estreia de *Transformers 2*. Uma briga boa de ver.

Tiago Rodrigues

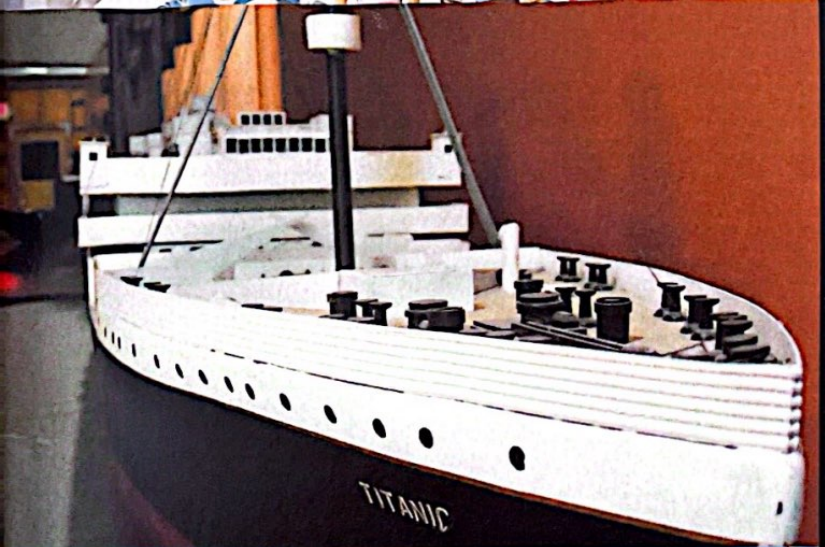
NÃO É MAGIA; É TECNOLOGIA

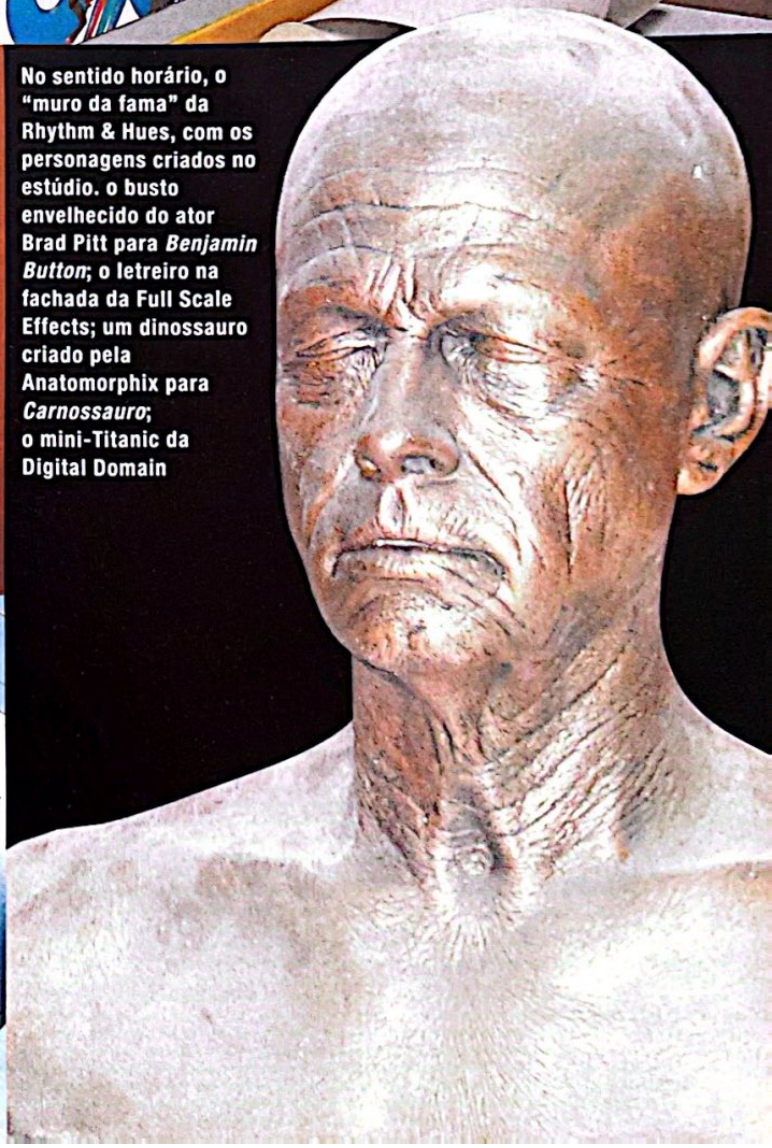
Conhecemos os principais ESTÚDIOS DE EFEITOS ESPECIAIS de Hollywood e atestamos: os atores estão virando peças secundárias na produção dos blockbusters

Marco Antonio Barbosa, *de Los Angeles*

Em termos de efeitos especiais, não há nada impossível de ser feito no cinema atualmente. "Basta ter tempo e dinheiro suficientes". A ousada e assertiva afirmação é de Tim Enstice, um dos coordenadores da produtora Digital Domain, nome de ponta na criação de CGI (computer-generated images, ou imagens geradas por computador) para os blockbusters hollywoodianos. Fica difícil contrariar as palavras de Enstice depois que a reportagem de **SET** – em visita à sede da DD, na região de Venice, zona oeste de Los Angeles – assiste a um inacreditável portfólio visual da versatilidade e do poderio tecnológico da companhia. Tudo exibido numa sala de projeção digital com qualidade de som e imagem difíceis de se encontrar no Brasil. A técnica que fez com que o rosto de Brad Pitt fosse digitalmente "impresso" na face de outros atores (com resultados impressionantemente reais) em *O Curioso Caso de Benjamin Button* é um dos exemplos. A cena da mutação de Isabel Lucas (de lourinha inocente para um voraz Decepticon) em *Transformers: A Vingança dos Derrotados* é outro. "Foram oito camadas de efeitos digitais aplicadas sobre o rosto de Isabel", detalha Tim, com um orgulho mal-disfarçado. "A transformação dura apenas alguns segundos, mas foram precisos 25 técnicos para cuidar de todo o processo". A maestria cibernética da Digital Domain, capaz hoje de transformar qualquer sonho de qualquer cineasta em "realidade" cinematográfica, é apenas uma das facetas da indústria dos efeitos especiais – hoje

➲





No sentido horário, o "muro da fama" da Rhythm & Hues, com os personagens criados no estúdio. o busto envelhecido do ator Brad Pitt para *Benjamin Button*; o letreiro na fachada da Full Scale Effects; um dinossauro criado pela Anatomorphix para *Carnossauro*; o mini-Titanic da Digital Domain

NADA DAQUILO QUE SE VÊ NA TELA FOI REALMENTE FILMADO EM LOCAÇÕES REAIS. HÁ ESTÚDIOS NA ÍNDIA E NOVAS AQUISIÇÕES EM KUALA LUMPUR E PEQUIM. O MUNDO É UM EFEITO ESPECIAL

indispensáveis não apenas a produções de grande porte como os citados *Button* e *Transformers*, mas a filmes de todos os estilos e orçamentos.

Foi o que **SET** comprovou em uma semana de visitas às sedes de algumas das principais produtoras de SFX (special effects) do mercado americano, todas sediadas em Los Angeles, a convite do InFilm – International Film Institute. (As únicas gigantes do ramo fora de Hollywood ou seus arredores são a Industrial Light & Magic, que opera em San Francisco, e a Weta, conhecida pela colaboração com Peter Jackson, situada na Nova Zelândia). Ao lado de megacorporações como a citada DD, também conhecemos profissionais de perfil mais modesto, mas que não ficam nada a dever em inventividade e paixão pela dita magia do cinema... seja ela feita com computadores de ponta, seja com máscaras de látex esculpidas à mão.

CAMERON, O FUNDADOR A parada na Digital Domain foi a primeira no roteiro, e também uma das mais impressionantes. Aberta em 1993, começou fazendo os efeitos especiais para *True Lies*; o diretor, James Cameron, foi um dos fundadores da produtora. O sucesso de *Titanic* (1998) provou ser um divisor de águas violento para a empresa, que até então já fornecera efeitos para longas como *Entrevista com o Vampiro*, *A Cor da Noite* e *Amor Além da Vida*. Cameron e Stan Winston (mais sobre ele daqui a pouco) deixaram a firma, hoje controlada por uma holding que tem entre seus comandantes... Michael Bay, diretor dos dois *Transformers* e ávido usuário de efeitos digitais. Depois de ganharem um Oscar pelos efeitos de *Benjamin Button* – o sétimo de seu currículo – a DD este ano trabalhou no já citado *A Vingança dos Derrotados* e *Star Trek*. Enquanto visitávamos as dependências da produtora, a portas fechadas seus técnicos davam os últimos retoques em *2012* e *Tron 2. G.I.Joe*, outro dos blockbusters do verão ianque, contou com nada menos do que 300 inserções de efeitos digitais da Digital Domain.

Uma miniatura bem acurada do transatlântico que dá nome a *Titanic* ocupa lugar de destaque junto à sala de reuniões da DD. Está lá apenas por valor sentimental. "Chegamos a um ponto em que não usamos mais modelos físicos ou maquetes para criar nossos efeitos. É tudo digital, feito direto no computador. Nem temos equipamento para processar filmes aqui", explica Enstice. O alcance da pirotecnia depende apenas da imaginação dos cineastas. "*Speed Racer*, por exemplo, foi totalmente digital: filmagem, efeitos, cenários. Só assim poderíamos criar o visual hiperrealista que Larry e Andy Wachowski, os diretores, queriam obter". Sobre o envelhecimento-em-marcha-à-ré aplicado a Brad Pitt em *Benjamin Button*, considerado desde já um marco na manipulação digital de imagens reais, Enstice chuta a modéstia. "Era a última barreira na aplicação do CGI: criar rostos humanos críveis. David Fincher, o diretor do filme, repetia o tempo todo: 'Ninguém pode perceber que estamos usando efeitos. Seria o fracasso do filme'". Para a captura acurada das expressões de Pitt, foi usado um sistema de câmera chamado Contour, desenvolvido pela Apple e que Fincher já havia usado em comerciais (não por acaso, em parceria com a própria DD).

ZODÍACO em 400 tomadas digitais Ainda assim, a Digital Domain se orgulha tanto de seus pequenos e mais sutis triunfos quanto das façanhas mais espetaculares. Ninguém diria, por exemplo, que um filme como *Zodíaco* contem cerca de 400 tomadas com efeitos digitais (mais do que o triplo do que foi filmado para *Transformers 2*). "A prefeitura de San Francisco não permitiu que o longa fosse rodado lá. Várias das cenas

LINHA DO TEMPO DOS EFEITOS ESPECIAIS

As ilusões acompanham o cinema desde sua infância, sejam feitas com truques baratos ou sofisticados programas de computador

1896
Primeira trucagem fotográfica. A câmera do francês George Meliès emperra e volta a rodar; ao ver o resultado, o diretor percebe que, como por mágica, pessoas desaparecem dos fotogramas.

1902
Viagem à Lua.

Precursor do sci-fi, Meliès mistura animação, miniaturas e truques de câmera para filmar a história de Julio Verne.

1910-1930
Norman Dawn aperfeiçoa o *matte painting*, painéis pintados em vidro ou telas que são usados como cenários "virtuais". O ator Lon Chaney revoluciona a maquiagem usando apliques em cera, borracha, arames e próteses (*O Corcunda de Notre Dame*, 1923; *O Fantasma da Ópera*, 1925). Fritz Lang usa cenários futuristas e miniaturas em *Metropolis* (1927).

Mãos na massa, à moda da velha escola

Explosões, monstros mecânicos, neve de mentirinha, animais espantosamente realistas: efeitos tradicionais ainda têm seu espaço

OK. Então você é um produtor de Hollywood e quer monstros, explosões e robôs gigantes em seu filme... mas falta-lhe o orçamento para contratar uma Digital Domain ou uma Legacy. Ou então você prefere ver as coisas sendo feitas ali na batata, em frente às câmeras. Não tema! Apesar da evolução da computação gráfica nos últimos anos, as produtoras especializadas em *practical effects* – os truques e transformações "reais", criados no próprio set de filmagem – ainda estão vivas e quebrando, explodindo e incendiando tudo. "Pode me chamar de inseguro ou de antiquado. Mas creio que as pessoas gostam de sentir que aquilo que elas veem na tela é real, e não algo feito em computador", afirma Robert De Vine, dono da produtora Anatomorphex. No bagunçado galpão de sua firma num subúrbio na zona norte de Hollywood, De Vine cria animais animados (crocodilos, dinossauros, e... chinchilas), alienígenas, miniaturas, maquiagens, máscaras faciais e próteses. Tendo começado a carreira em 1981 ("Foi num filminho que vocês devem conhecer... *Blade Runner*", diz), o produtor conta: "É claro que o CGI pode conseguir detalhes muito sutis, que não somos capazes de fazer. Só que, por experiência própria, sei que a maioria dos diretores prefere ver tudo sendo feito ali, na câmera. "Somos especialistas em matar astros de cinema. Matamos Jack Nicholson em *Marte Ataca!!*, Brad Pitt em *Encontro Marcado*, John Travolta em *A Senha: Swordfish*...", brinca De Vine. Um pouco de seu trabalho chegou a fazer sucesso no Brasil: a Anatomorphex criou a cabeça de um alienígena que contracenava com a modelo Luize Altenhofen num comercial da cerveja Skol. "Foi uma máscara moldada em látex sobre uma cabeça totalmente animatrônica, comandada por controle remoto. Os olhos, a boca e as sobrancelhas se movem. E tudo isso sem computadores!".

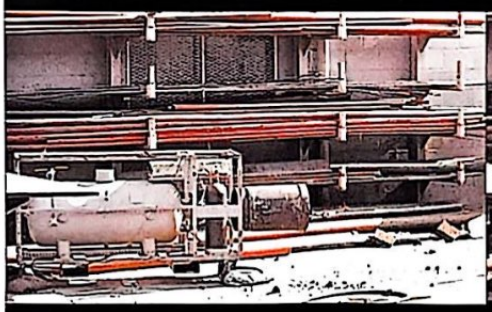
Outro que não deixa de protestar contra a dominação do CGI é o produtor Paul Salamoff, autor de *On the Set: The Hidden Rules of Movie Making Etiquette*, livro sobre segredos de bastidores de estúdios e locações de filmagens. Como técnico de maquiagem e depois dono de sua própria produtora, Salamoff trabalhou em filmes como *Todo Mundo em Pânico* e *Quem Vai Ficar com Mary?*. "A frase que mais se ouve em Hollywood hoje é 'A gente conserta isso na pós-produção'. George Lucas é um exemplo clássico. Quer dizer, o cara mexe personagens de lugar dentro das cenas, depois que o filme já está pronto! Acho que isso já é demais", ironiza.

Apaixonado por maquiagem e por monstros de mentirinha, Salamoff lembra do impacto que *Parque dos Dinossauros* causou nos profissionais de efeitos, em 1993. "Pensei: 'Estamos f...'", conta, gargalhando. "Era a primeira vez em que fizeram criaturas digitais tão convincentes. E ainda hoje aqueles dinossauros são impressionantes. E por quê? Porque ali nós vemos uma produtora de efeitos dando 100% do que pode fazer".

Salamoff foi o cicerone de nossa visita à Drac Studios, companhia que ganhou projeção em 1991 (ao ganhar um Oscar por *Drácula* – daí o nome). Entre camadas de silicone, borracha, próteses e tinturas, forneceram maquiagens para filmes como *Watchmen*, *Syriana* e *Hannibal*. Outro Oscar veio com a transformação de Robin Williams em mulher para *Uma Babá Quase Perfeita* (1993). Adam Walls, um dos diretores da companhia, explica como funciona: "Lemos o roteiro, orçamos os custos e então começamos a produzir os efeitos. A preparação de um único efeito de maquiagem pode levar de duas semanas a seis meses".

Walls conta que achava que a computação gráfica podia fazer de tudo. "Isso era antes de vir trabalhar aqui", brinca. "Hoje vejo que misturar efeitos práticos com o CGI é muito melhor". E exemplifica: "Para *A Paixão de Cristo*, na cena em que Jesus é chicoteado até sangrar, temos um chicote feito de CGI, aplicado sobre uma maquiagem real na pele do ator Jim Caveziel. Ficou muito realista". Ao passar em revista a "galeria da fama" da Drac, que inclui criaturas como o Frankenstein de *Van Helsing* e um manequim vestido como O Máskara do filme homônimo, Wells comenta algumas curiosidades.

E nem fale em rendering farms ou softwares de edição perto da turma da Full Scale Effects, companhia que ocupa dois grandes galpões em North Hollywood. Ali tudo é feito na marra: seus técnicos providenciaram explosões, chuva, neve, capotagens, furacões e incêndios para longas como *O Último Samurai* e *As Panteras* e séries de TV como *24 Horas* e *Arquivo X*. A FSE guarda um arsenal de geradores, explosivos, mangueiras e traquitanas impenetráveis, capazes de fazer cenas espantosas sem auxílio de computadores. "Conosco é assim: meio dia de trabalho montando o equipamento, uma hora para rodar a cena, outro meio dia de trabalho para limpar e desmontar tudo. Se nosso trabalho não acaba destruído ao fim do dia de filmagem, é porque algo deu errado", relata o bonachão Mike Craven, um dos técnicos da FSE.



1930-1950

***Rear projection*: técnica de projetar imagens filmadas ao fundo de um cenário, diante do qual atores interpretam para a câmera. Surge o *life casting*, método de criar máscaras realistas feitas de resina. Willis O'Brien espanta o mundo com a animação em stop-motion para King Kong (1933). Jack Pierce usa espuma e látex para criar os monstros de *Frankenstein* (1931) e *O Lobisomem* (1941). Linwood G. Dunn, assistente de fotografia de *Cidadão Kane* (1941), inova no uso do *optical printing*, técnica que permite combinar duas ou mais cenas já filmadas para criar uma terceira.**

1950-1970

Ray Harryhausen reinventa o stop-motion em filmes como *Jasão e os Argonautas* (1963). John Chambers reinventa a maquiagem cinematográfica com *O Planeta dos Macacos* (1968). Douglas Trumbull cria uma visão realística do espaço sideral para *2001: Uma Odisseia no Espaço*, usando câmeras especiais, projetores e outras técnicas de fotografia.

UM ÚNICO FOTOGRAMA DE AÇÃO DIGITAL FOTO-REALÍSTICA LEVA DE OITO A 10 HORAS PARA SER FINALIZADO. EM SALAS COM TEMPERATURA E PRESSÃO ATMOSFÉRICA CONTROLADAS

'externas' foram filmadas diante de uma tela verde, e os cenários digitais foram inseridos na pós-produção", diz Enstice. Outro caso nada evidente e surpreendente do uso de CGI foi a perseguição de carros numa noite chuvosa, clímax do drama criminal *Os Donos da Noite*, de 2007. "A cena foi filmada de manhã bem cedo, num dia ensolarado", explica o produtor. "Manipulamos digitalmente as cores e a iluminação e inserimos imediatamente a chuva. Ficou muito bem feito. Aliás, são dois departamentos nos quais temos muita experiência: filmagens com carros alucinados e simulação de água".

CENTRO E TRINTA LONGAS NO PORTFÓLIO A Rhythm & Hues, fundada em 1987 e situada hoje num caixão de concreto nas vizinhanças dos bairros de Jefferson e Culver City, ainda não está no mesmo nível da empresa fundada por James Cameron. O que não impede que a produtora esteja carregada de trabalho, incluindo a produção de filmes para um parque temático que a escuderia Ferrari vai montar em Dubai (protagonizados por Michael Schumacher!) e os retoques nos efeitos de *O Lobisomem*, com Benicio Del Toro, que estreia em fevereiro próximo. "Nesses 22 anos, já trabalhamos em 130 longas-metragens e incontáveis comerciais de TV", declara Scott Byrd, diretor de comunicação da R&H e nosso cicerone no passeio pela produtora. Ele também proclama: "Astros de cinema com cachês de US$ 20 milhões hoje são obsoletos. Os efeitos especiais atraem mais público do que eles". Dona de dois Oscar de Melhores Efeitos Visuais (*Babe, o Porquinho Atrapalhado* , em 1995 e *A Bússola de Ouro*, 2008) e mais três estatueta especiais por inovações técnicas, a empresa ocupa, só em L.A., 350 profissionais. Outros 200 trabalham em Mumbai, Índia; ainda há planos de criar novas sedes em Kuala Lumpur e Pequim. "Só assim pudemos arcar com a criação de efeitos para *Uma Noite no Museu 2*, *Velozes e Furiosos 4* e *A Terra Perdida*, tudo ao mesmo tempo", conta Byrd. Neste momento, a firma trabalha na sequência de *Alvin e os Esquilos*, que não trará três, e sim seis roedores

Zumbi instantâneo

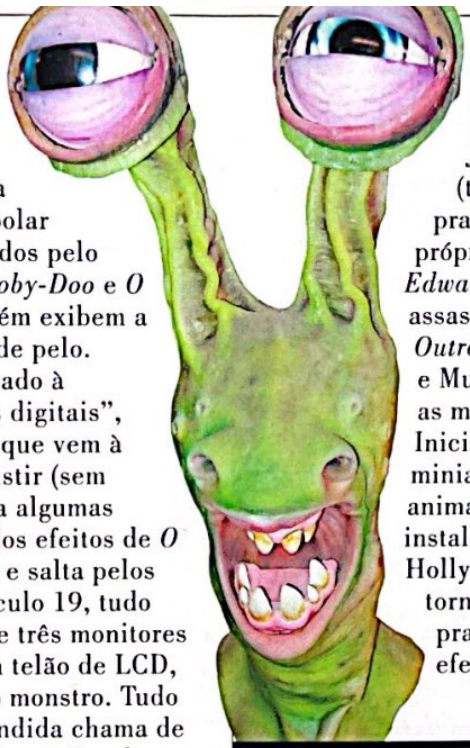
Como virar um morto-vivo em menos de meia hora

Um dos pontos mais interessantes da visita à produtora Drac Studios foi assistir a uma sessão de maquiagem que transformou a atriz brasileira Luciana Brites em uma tenebrosa zumbi – com direito a manchas, bolhas e perebas caprichadas. Quem operou a transformação na moça foi Joe Cowell, maquiador boa-praça que trabalhou em *MIB – Homens de Preto*, *Serpentes a Bordo* e *300*. Ou seja, tem bastante experiência em criar aparências grotescas. "Para maquiagens de zumbis ou mortos-vivos, gosto de usar tons de azul. Nada parece menos saudável do que um rosto meio azulado", ensina o artista, que levou cerca de meia hora para detonar com o rosto de Luciana.

1970-1980
John Dykstra usa câmeras controladas por computadores para filmar as batalhas espaciais de ***Guerra nas Estrelas.*** Dick Smith espanta o mundo com sua maquiagem para *O Exorcista* (1973), usando várias próteses de látex em vez de uma única máscara cobrindo todo o rosto do ator. *Abismo Negro* (1979), resposta da Disney a *Guerra nas Estrelas*, usa computação gráfica em sua sequência de abertura.

1980
Tron (1982) é o primeiro filme a usar extensivamente cenários compostos por CGI. O *Enigma da Pirâmide* (1985) traz o primeiro personagem em 3D criado por computador. O maquiador Rick Baker cria uma horripilante metamorfose em tempo real para *Um Lobisomem Americano em Londres* (1982). *Robocop* (1987) e *O Vingador do Futuro* (1990), ambos dirigidos por Paul Verhoeven, levam as possibilidades físicas da maquiagem a seus limites.

totalmente desenhados e animados por computador. Criaturas peludas, de todos os tamanhos, são uma das especialidades da R&H. Um de seus primeiros sucessos foi um comercial da Coca-Cola estrelado por um fofo urso polar (quem lembra?). Os dois filmes estrelados pelo gato Garfield, os dois episódios de *Scooby-Doo* e *O Gato* – aquele com Mike Myers – também exibem a expertise da firma com seres cobertos de pelo. "Temos um departamento inteiro dedicado à criação realista e convincente de pelos digitais", explica Byrd. Convincente é a palavra que vem à mente quando somos convidados a assistir (sem poder tomar notas; fotos, nem pensar) a algumas cenas, ainda num estágio preliminar, dos efeitos de *O Lobisomem*. A criatura resfolega, corre e salta pelos telhados dos prédios da Londres do século 19, tudo naturalmente criado em CGI. Diante de três monitores de computador, uma mesa de som e um telão de LCD, um técnico se debruça nos retoques do monstro. Tudo passa, depois, pelo o que a turma entendida chama de *rendering farm*, ou "floresta de renderização": salas com temperatura e pressão atmosférica controladas, nas quais centenas de computadores de ultimíssima geração processam, em conjunto, as imagens criadas pelo batalhão de artistas. "Um único fotograma de ação digital foto-realística leva de oito a 10 horas para ser finalizado", narra nosso guia.



BYRD EXPLICA QUE CRIATURAS PELUDAS, como o leão de *As Crônicas de Nárnia* e os pinguins do desenho animado *Happy Feet*, podem ter feito a fama do estúdio. Mas não encerram tudo o que a Rhythm & Hues pode fazer. "Para filmes como *O Reino* e *Velozes e Furiosos 3*, criamos cidades digitais inteiras. Nada daquilo que se vê na tela foi realmente filmado em locações reais". O próximo passo para a produtora é tornar-se um estúdio full-time, capaz não apenas de fornecer efeitos especiais para terceiros, mas também de criar seus próprios roteiros e equipes de direção e filmagem. "Material humano para isso nós temos. Recebemos por ano mais de 6 mil vídeos com trabalhos de profissionais do mundo inteiro, de todas as estirpes, que desejam trabalhar conosco", revela Byrd.

Lá em cima, Stan Winston foi citado pela primeira vez. É a hora de conhecer seu legado, ou melhor, a Legacy Effects, produtora de SFX criada por ele em 1972 com o nome original de Stan Winston Studios. Morto em 2008 aos 62 anos, o fundador teve tempo de ganhar três Oscar de Efeitos Especiais (*Aliens*, *O Exterminador do Futuro 2* e *Jurassic Park*) e um de Maquiagem (também pelo *Exterminador 2*). De sua prancheta saíram os designs originais do próprio *Terminator*, mais as mãos de *Edward Mãos-de-Tesoura*, os aliens assassinos de *Predador* e *O Enigma do Outro Mundo*, os trajes dos vilões Pinguim e Mulher-Gato para *Batman – O Retorno*, as maquetes e modelos de *Titanic*... Inicialmente especializada em maquiagem, miniaturas e animatronics (personagens animados mecanicamente), hoje a Legacy, instalada em San Fernando, a nordeste de Hollywood, também mexe com CGI, o que torna a companhia autossuficiente em praticamente todos os campos dos efeitos especiais.

INFILM: EMBARQUE RUMO AOS BASTIDORES

O carioca Marcos Wettreich, de 45 anos, pilota o instituto

A turnê que **SET** empreendeu pelos segredos dos efeitos especiais em Hollywood foi a excursão inaugural do InFilm – International Film Institute, organização sediada em Los Angeles e que promete a chance de olhar, bem de perto, os meandros mais secretos da indústria do cinema. O detalhe é que, apesar do nome e do endereço, o InFilm é obra de brasileiros. O carioca Marcos Wettreich, 45 anos, uma das cabeças por trás do iBest, é o mentor do Instituto – uma interessante mescla de turismo cultural e workshops profissionais. "Oferecemos uma experiência de real imersão na indústria do cinema. É para cinéfilos de todos os tipos, mas também para quem trabalha no ramo audiovisual e para quem quer ver de perto como tudo funciona", diz Wettreich.

Contando com a colunista de **SET** Ana Maria Bahiana como guia (do alto de seus quase 20 anos de experiência na cobertura de Hollywood, muitos deles para o jornal *O Globo*), o InFilm já tem uma programação pronta até pelo menos maio de 2010. A cada semana, há um tema diferente a ser abordado. Para setembro, por exemplo, pode-se embarcar em uma viagem pelos bastidores dos estúdios de TV (incluindo visitas à CBS e à Warner Bros.) ou fazer um programa totalmente dedicado à carreira de Steven Spielberg, conhecendo sets de filmagens e pessoas que participaram de suas produções. Os detalhes estão explicadinhos em www.infilm.org.

Em *O Segredo do Abismo* (1989), James Cameron apresenta criatura em CGI com animação realista: o alienígena feito de água feito pela Industrial Light & Magic.

1990

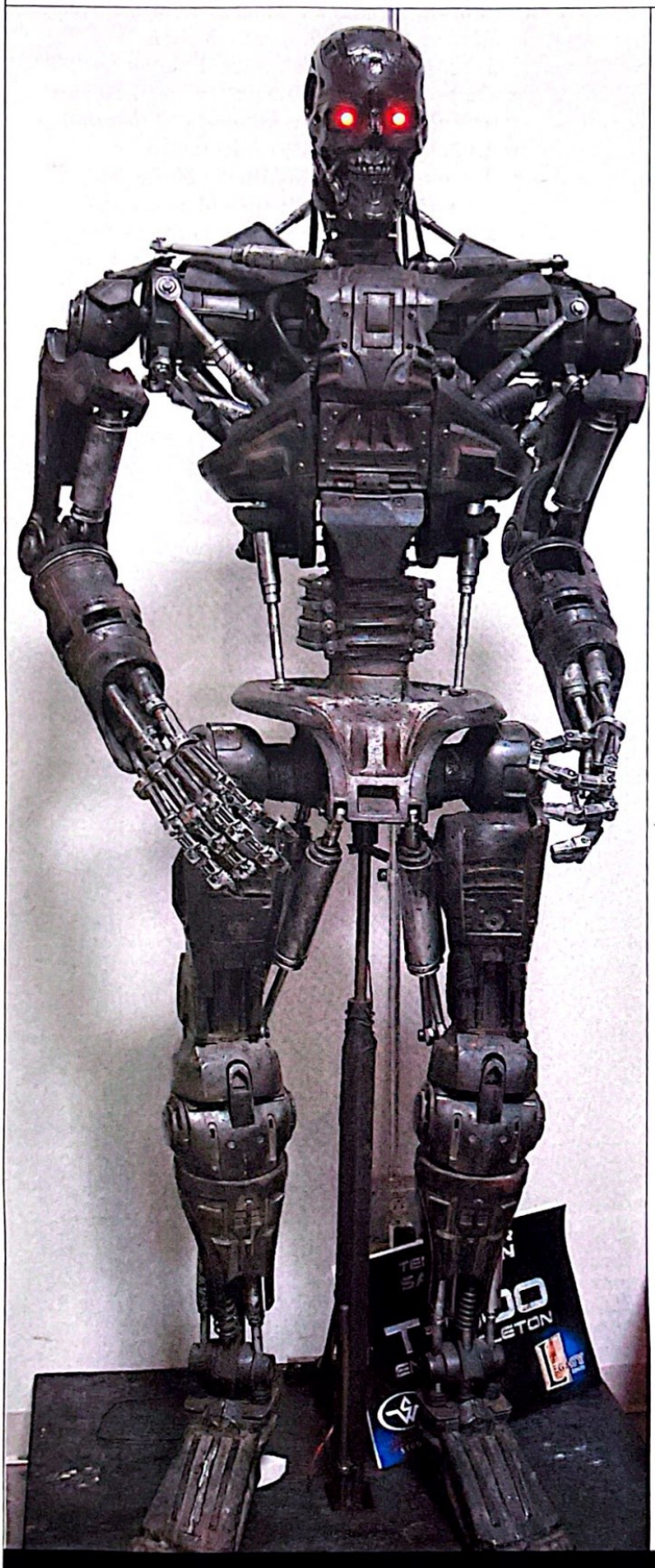
O Exterminador do Futuro 2 apresenta o primeiro humano gerado em CGI e o primeiro uso de morphing (mudança de forma em tempo real) no cinema. *Parque dos Dinossauros* apresenta dinossauros digitais com fotorrealismo. *Matrix* (1999) aperfeiçoa a técnica do *bullet-time* e é copiado por filmes de ação até hoje.

2000

A trilogia ***O Senhor dos Anéis*** emprega animatronics, maquiagem, CGI, miniaturas e uma tecnologia chamada *massive software* (capaz de simular multidões de "figurantes" digitais com comportamento próprio) para recriar o mundo de Tolkien. ***O Curioso Caso de Benjamin Button*** apresenta

manipulação digital em tempo real das feições de atores. *Avatar*, o próximo filme de James Cameron, promete revolucionar a nova safra 3D.

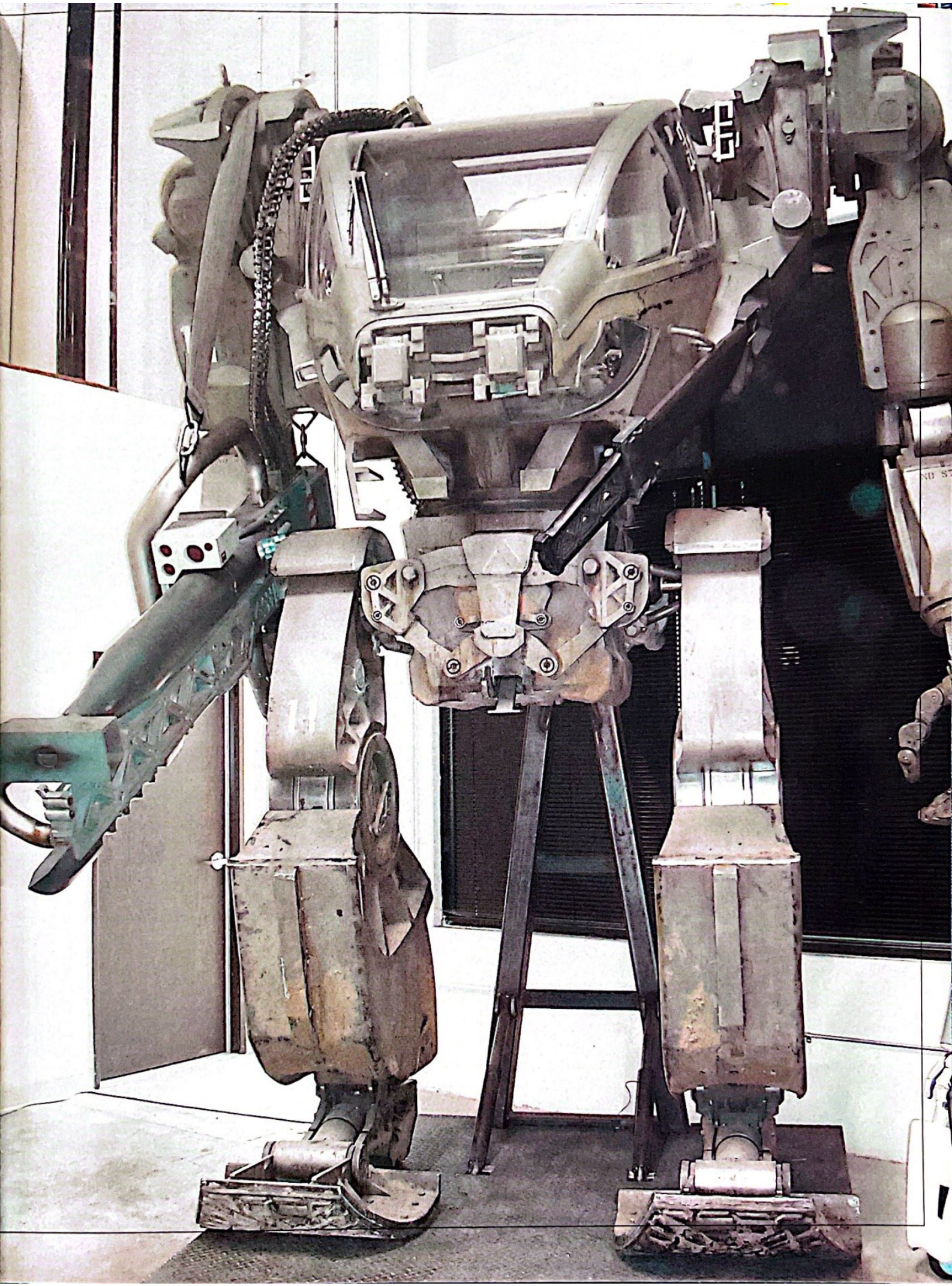
DIANTE DE TRÊS PODEROSOS MONITORES DE COMPUTADOR, UMA MESA DE SOM E UM TELÃO DE LCD, UM TÉCNICO SE DEBRUÇA NOS RETOQUES DO MONSTRO



Um passeio pelas dependências da Legacy é quase uma visita a um hall da fama dos animatronics. À esquerda, um *Terminator* em escala real, usado em *O Exterminador 2*, está encostado numa parede. Um pouco adiante, uma das armaduras do *Homem de Ferro*. À direita, o gigante Monge de Ferro (inimigo do próprio Homem de Ferro no primeiro filme da série) e uma das armaduras-andadores usados em *Avatar*, novo e aguardadíssimo filme sci-fi de James Cameron (parceiro antigo de Winston). Miniaturas do Homem de Ferro, trajes de combate usados em *G.I. Joe* e até elementos mais prosaicos – como uma máscara com as feições de Robert Downey Jr., para ser usada por dublês – completam o cenário. Cole Taylor, um dos gerentes de produção da companhia, é quem dá o serviço, enquanto caminhamos pela grande e equipadíssima oficina principal da empresa: "Nosso desafio basicamente é trazer todas essas coisas para a vida real, fazer com que elas se movam e pareçam realistas. O droide de Avatar pesa mais de uma tonelada e meia, com dezenas de partes móveis. Estudamos toda a física envolvida no processo. É por isso que dizemos que a pós-produção de *Avatar* começou antes mesmo de o filme começar a ser rodado...".

Um dos modelos T-800 usados em *O Exterminador do Futuro 2* (E); um dos droides de *Avatar*. James Cameron está de volta

UMA DAS ATRAÇÕES MAIS IMPRESSIONANTES NA produtora é a impressora 3D, capaz de esculpir, a partir de imagens de computador, qualquer tipo de estrutura física. O desenho vai para a máquina, que usa raio laser para modelar (empregando uma resina sensível a raios ultravioleta) miniaturas inteiras ou em partes. Parece complicado? E é, e caro também. Só mesmo testemunhando para acreditar como a máquina recorta, de um bloco de resina parecido com cera de vela, uma ultradetalhada miniatura de um guerreiro espacial, que será usada num anúncio de TV para o videogame *Halo*. O boneco, com cerca de oito centímetros de altura, levou duas horas e meia para ser esculpido. Cole Taylor se espanta com o espanto da reportagem. "Já usamos essa tecnologia há uns seis anos. Nem é o modelo mais moderno do mercado. Na verdade, seu funcionamento não é muito diferente de uma impressora a laser comum". Depois de saírem do forno, ou melhor, da impressora, os modelos são encaminhados à equipe de modelagem, que dá os detalhes finais. Lá podem trabalhar de 15 (em momentos menos atarefados) a 150 pessoas. "Este capacete do Homem de Ferro levou duas semanas para ser finalizado, depois de sair da impressora 3D", conta David Meredith, chefe do modelling team. A turma agora se concentra em filmes como *Alice no País das Maravilhas* (de Tim Burton), *The Suffering* e, claro, *Homem de Ferro 2*. Tudo isso a portas cerradas, bem longe das visitas.



PRÓXIMA PARADA: SUSPENSE

O diretor Tony Scott bota JOHN TRAVOLTA (o bandido) e DENZEL WASHINGTON (o mocinho) para brigar na tensa refilmagem de *O SEQUESTRO DO METRÔ*, que largou uma equipe de filmagem nos trilhos subterrâneos de Nova York

Nelson Gobbi

Em quase 30 anos como cineasta, Tony Scott já apontou sua câmera para astros como Tom Cruise *(Top Gun – Ases Indomáveis)*, Brad Pitt (*Jogo de Espiões*) e Dennis Hopper (*Amor à Queima-Roupa*). O protagonista de seu novo filme é, entretanto, o maior de todos – pesa 400 toneladas. Não estamos nos referindo a John Travolta ou Denzel Washington, respectivamente o vilão e o herói de *O Sequestro do Metrô*, e sim o próprio metrô. É a terceira versão filmada do romance criminal de John Godey sobre uma quadrilha que toma uma composição do trem subterrâneo de Nova York – que rendeu um clássico estrelado por Walter Matthau e Robert Shaw em 1974, e uma adaptação meia-boca para a TV (em 1998, com Vincent D'Onnofrio).

Travolta junta o bandidão Ryder, líder do quarteto que toma os vagões de assalto, à sua galeria de vilões (*A Reconquista, A Senha: Swordfish, A Outra Face*). Intencionalmente meio fora de forma, Washington é o oficial da Secretaria de Transportes Públicos de NY que encara a gangue. Mas a grande estrela do filme é mesmo a precisa reconstrução dos intestinos do sistema de metrô da maior cidade do mundo, tarefa levada muito a sério por Scott.

"A partir do momento em que aceitei dirigir o filme, impus uma condição: só prosseguiria se pudesse rodar o maior número de cenas possível nos trilhos e estações reais do metrô", afirmou o diretor recentemente. "Meu modo de trabalhar sempre foi esse. Preciso tocar o mundo real", prossegue Scott, que usou submarinos de verdade para rodar *Maré Vermelha* (1990) e que, num hoje famigerado incidente durante a filmagem de *Top Gun*, pagou pessoalmente US$ 25 mil pelas despesas causadas com a mudança de rota de um porta-aviões – só para poder filmar uma cena com o sol posicionado exatamente no lugar ideal.

John Travolta e Denzel Washington no metrô: vilão e herói dominam no denso e tenso filme

Cumprir essa façanha dentro de um ambiente inóspito (especialmente para uma equipe de filmagem) só foi possível porque a Aecretaria de Tráfego Urbano da cidade liberou o acesso da produção a estações bastante movimentadas, como a linha Flushing do terminal Grand Central, onde a primeira cena do sequestro se desenrola. Foram mais de seis meses de pesquisas em busca de locações, incluindo semanas de minuciosas vistorias (conduzidas pelo próprio Scott) em composições e locomotivas. "Pudemos filmar até mesmo a nova sala de controle do sistema em Manhattan, que era supersecreta. É a maior central de controle ferroviário do mundo", contou o desenhista de produção Chris Seagers.

NÓS VIMOS

O registro é realista e não há exageros estilísticos

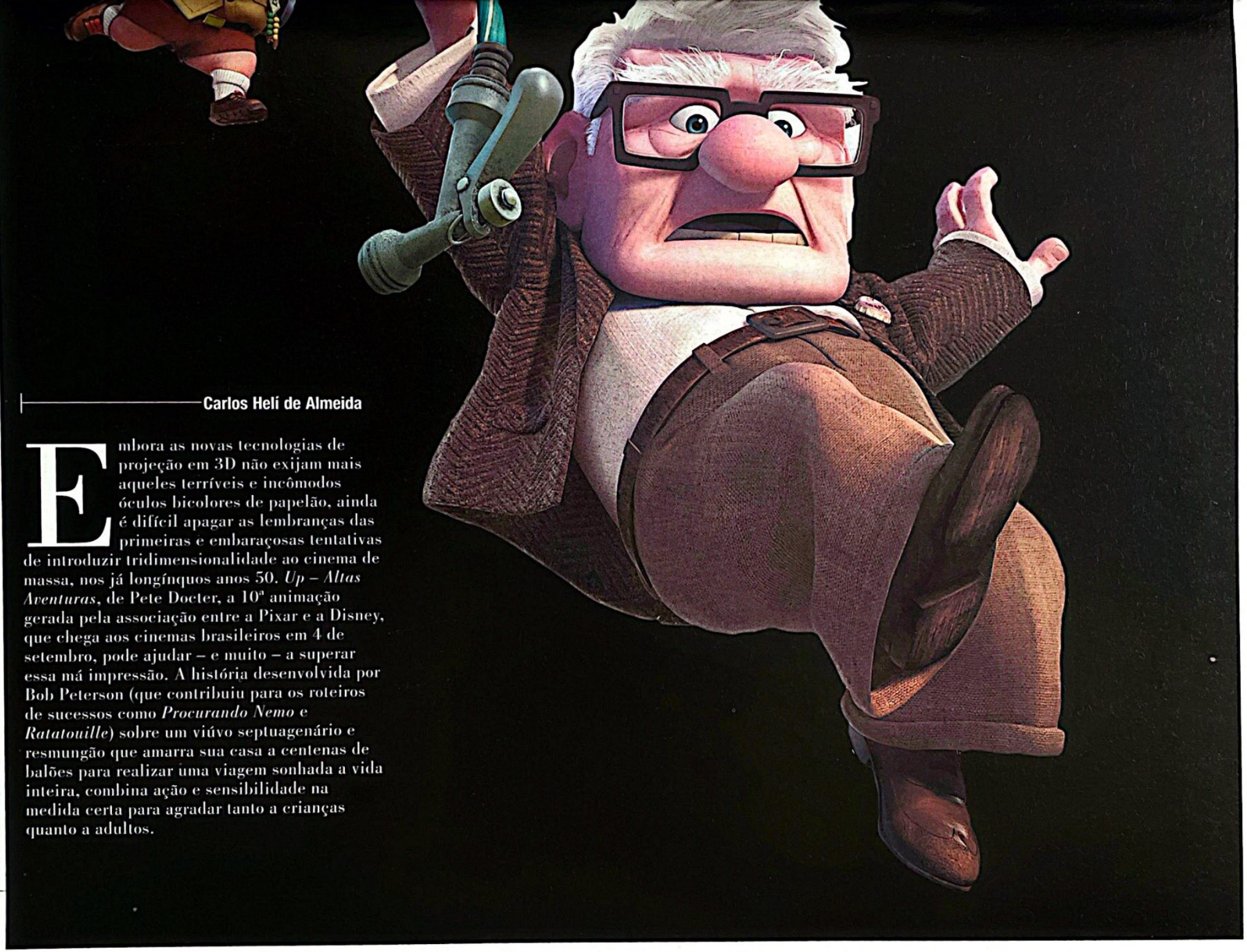
Em narrativa absolutamente claustrofóbica, Tony Scott segura o suspense pelos trilhos e vê a luz no fim

Muita coisa mudou desde que o romance *O Sequestro do Metrô* chegou ao cinema pela primeira vez, em 1974. Os filmes policiais mudaram, seus heróis também e a própria cidade de Nova York (um personagem intangível, mas fundamental à história) também. Se a nova versão do livro de John Godey não traz o verniz realista e casca-grossa do primeiro filme (um pequeno clássico de Joseph Sargent, bem na linha de obras como *Serpico* e *Um Dia de Cão*), consegue ser bem-sucedida em dois níveis. Na superfície, é um muito bem realizado filme de ação. No subterrâneo, funciona também como uma crônica sobre o cotidiano nova-iorquino, tendo o metrô como metáfora das artérias da cidade. Na comparação entre os espíritos do filme dos anos 70 e o do atual, desenham-se também os descaminhos que NY enfrentou de lá para cá – o caos e a sujeira dos anos 70, a retomada dos espaços urbanos, o 11 de Setembro. Para quem não quiser pensar em nada disso, sobra um espetáculo tenso, levado por um Tony Scott mais controlado, menos frenético. Quem quer interromper a circulação da artérias do metrô é o sequestrador Ryder, interpretado com frieza e um mínimo toque de galhofa – o tom exato – por John Travolta. Embora quase não contracenem diretamente, ele e Denzel Washington formam uma tabelinha e tanto. Na pele de um funcionário que não prima exatamente pela correção e pela ética, Washington capricha. Essa aventura claustrofóbica pelos trilhos é bem segura pelas rédeas por Scott, que evita os exageros estilísticos (cores distorcidas, câmera acelerada etc.) e fica num registro adequadamente realista. **(Marco Antonio Barbosa)**

NOTA: 7,5

BALÃO MÁGICO

A viagem da animação *Up – Altas Aventuras* passa pelo imaginário sonhador e alucinado de Howard Hughes e busca inspiração até em locações de Roraima



Carlos Heli de Almeida

Embora as novas tecnologias de projeção em 3D não exijam mais aqueles terríveis e incômodos óculos bicolores de papelão, ainda é difícil apagar as lembranças das primeiras e embaraçosas tentativas de introduzir tridimensionalidade ao cinema de massa, nos já longínquos anos 50. *Up – Altas Aventuras*, de Pete Docter, a 10ª animação gerada pela associação entre a Pixar e a Disney, que chega aos cinemas brasileiros em 4 de setembro, pode ajudar – e muito – a superar essa má impressão. A história desenvolvida por Bob Peterson (que contribuiu para os roteiros de sucessos como *Procurando Nemo* e *Ratatouille*) sobre um viúvo septuagenário e resmungão que amarra sua casa a centenas de balões para realizar uma viagem sonhada a vida inteira, combina ação e sensibilidade na medida certa para agradar tanto a crianças quanto a adultos.

CARL FREDRICKSEN, UM VELHO RABUGENTO E DESESPERANÇADO, PRENDE UM MONTE DE BALÕES À SUA CASA E RETOMA O SONHO ANTIGO QUE NUTRIA COM O AMOR PERDIDO

Além de renovar o votos de sucesso da nova técnica, que conta com o entusiasmo de cineastas top de linha como Steven Spielberg, James Cameron, Tim Burton e Peter Jackson, o filme reafirma o prestígio do estúdio do Mickey no mais animado dos gêneros cinematográficos, ligeiramente afetado desde os anos 90, quando outras companhias criaram seus departamentos de animação. Ao selecionar *Altas Aventuras* para abrir a competição deste ano, a organização do Festival de Cannes abençoava a iniciativa da Disney/Pixar, que uniu técnica e uma história cheia de energia e emoção. "O mais importante para um desenho animado é que tenha coração. Como o próprio Walt Disney dizia, para cada risada deve haver uma lágrima. Sei que conseguimos ser engraçados e fazer filmes divertidos e bonitos. Mas o coração é o que importa", diz John Lesseter, diretor criativo da Disney, à **SET**.

A TRAMA DE ALTAS AVENTURAS COMEÇA EM 1939, quando Carl Fredricksen, um garoto apaixonado pelas peripécias do explorador Charles Muntz, vive de coletar espécies de animais exóticos pela América do Sul, conhece Ellie, o amor de sua vida e com quem divide as mesmas paixões. Juntos, os dois planejam uma viagem exploratória a uma cachoeira mítica em plena floresta tropical. O tempo passa, a viagem vai sendo adiada, até os dois envelhecerem e Ellie morrer. Décadas mais tarde, Carl, agora um velho amargo e rabugento de 78 anos, é ameaçado de perder a casa onde viveu com a mulher e ser despachado para um asilo. Decide então retomar a aventura dividida com Ellie, prendendo sua casa a centenas de balões de gás. A coisa ganha mais ritmo quando Carl descobre um passageiro clandestino em sua casa voadora, o hilário e falante Russell, um escoteiro de 8 anos. Dono de feições geométricas e comportamentos bem peculiares, o recluso Carl não é exatamente um personagem carismático. Ele vai conquistando o espectador à medida em que é obrigado a interagir com o pequeno Russell ao longo da divertida aventura que inclui cães que falam com o auxílio de um dispositivo eletrônico, aves raras e muito inteligentes e paisagens exóticas. "Carl é um amálgama de atores famosos, como Spencer Tracy, Walter Matthau, James Whitmore e, claro, de nossos avós também. Ele é uma espécie de *greatest hits* de todos os nossos avôs", explica Docter, que codirigiu o bem-sucedido *Monstros SA*. "Nós o concebemos com corpo e rosto meio quadrados porque queríamos exteriorizar de como o personagem se sente por dentro. A ideia para a história de Carl foi inspirada pela imagem de um velhinho segurando balões coloridos". ➡

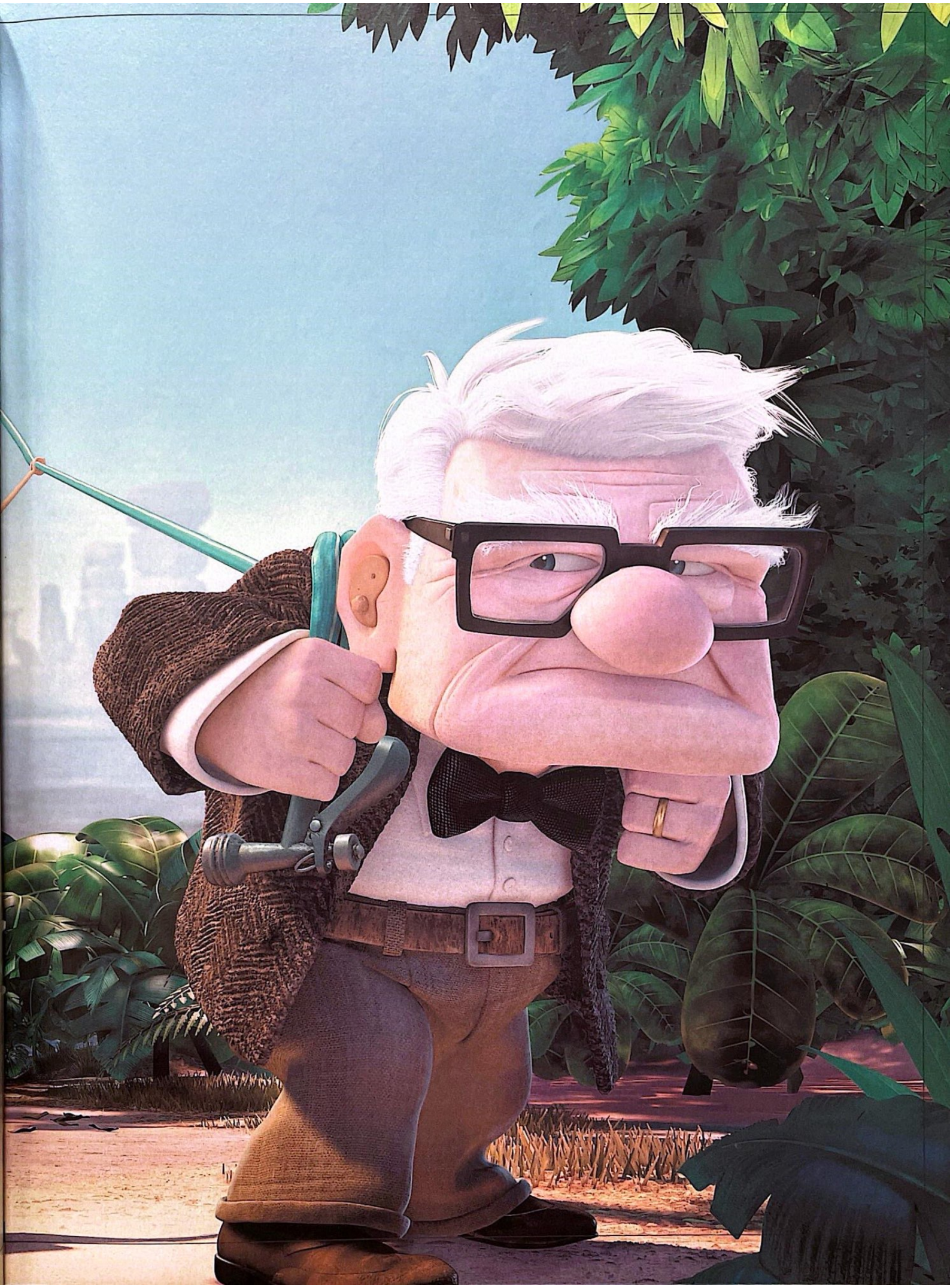
As agruras de Carl: muitas aventuras nos ares com o maluquinho atrás

ASAS BRASILEIRAS

Chico Anysio é o dublador principal. O personagem foi criado com a ajuda de Nancy Kato e Guilherme Jacinto, da Pixar

Na versão dublada em português de *Up – Altas Aventuras*, quem dá sua voz ao rabugento (mas afinal simpático) astro é um velho conhecido do público brasileiro: Chico Anysio. "O público vai me ver na tela. Eu me dei, me embrenhei no personagem", acredita o humorista, que andou meio afastado da TV (atualmente faz uma participação na novela *Caminho das Índias*), mas que esteve presente no maior hit do ano nos cinemas brasileiros: *Se Eu Fosse Você 2*. Não há público melhor do que as crianças. Quem trabalha para elas sempre terá audiência", afirma Chico Anysio.

Não foi a única contribuição nacional ao novo longa da Pixar. Nos estúdios da produtora em Emeryville, Califórnia, dois animadores *coisa-nossa* deram seus toques à produção: Nancy Kato e Guilherme Jacinto. Nancy, 44 anos, é filha de imigrantes japoneses e vive nos EUA há quase duas décadas. Integra a turma da Pixar desde *Toy Story 2* (1999) e vem trabalhando como animadora de personagens em todos os longas do estúdio desde então. Pela criação do personagem Mate, de *Carros* (2006), ela ganhou um prêmio da Visual Effects Society. Guilherme ingressou na produtora de John Lasseter em 2006 como estagiário. Seu primeiro crédito veio com *WALL-E* (2008); assim como Nancy, foi um dos responsáveis pela animação e movimentos dos personagens de *Up*.



A COISA GANHA MAIS RITMO QUANDO CARL DESCOBRE UM PASSAGEIRO CLANDESTINO EM SUA CASA VOADORA O HILARIO E FALANTE RUSSELL, UM ESCOTEIRO DE 8 ANOS

Os velhos atores hollyoodianos não são as únicas referências de *Altas Aventuras*. Enquanto Carl tenta cumprir a promessa feita a Ellie e Russell se esforça para honrar o uniforme que veste, o espectador pode sentir um pouco do clima e da adrenalina de *Guerra Nas Estrelas*, *Caçadores da Arca Perdida* ou mesmo o francês *Tintin*. Charles Muntz, por exemplo, remete ao explorador Charles Lindenberg, e o ambíguo vilão do enredo é decalcado da imagem de Kirk Douglas. "Também pensamos em aventureiros encarnados por Errol Flynn e na reputação do milionário e aviador Howard Hughes", completa Docter. Os brasileiros, em particular, vão reconhecer rapidamente o cenário tropical: "Foi inspirada numa viagem de pesquisa de locação que fizemos a Roraima. Caminhamos muito e até praticamos alpinismo. Aquela região é deslumbrante, foi um passeio maravilhoso", comenta o diretor.

Acima, uma cena de *Partly Cloudy*, curta-metragem que será exibido como complemento de *Up* nos cinemas

ALTAS AVENTURAS É PRIMEIRO DO SELO DISNEY-PIXAR feito em terceira dimensão. O estúdio anunciou no ano passado a intenção de realizar oito novos desenhos animados em 3D, incluindo aí as conversões de *Toy Story* e *Toy Story 2* para o formato. É, diz a empresa, o cinema do futuro. O que diferencia uma iniciativa da outra é a forma como os realizadores usam esse instrumento. "O 3D é como qualquer outra invenção tecnológica. Para nós, é uma espécie de brinquedo divertido. Assim que alguém nos dá algo de novo a gente fica querendo saber como usar ou brincar com aquilo, até descobrir como pode ser útil à dramaturgia", salienta Docter. "No caso de *Altas Aventuras*, nós tentamos usar o sentido de profundidade da mesma maneira que usamos a cor, a fotografia, para sublinhar a emoção da cena. Sabemos que o segredo de qualquer filme de animação está na história e não nos métodos para contá-la", analisa o diretor.

NÓS VIMOS

Com a força da imaginação

É para crianças. Mas há momentos de arte pura

Depois de ter presenteado o público adulto com seu longa mais ousado – *WALL-E*, do ano passado – a turma da Pixar preferiu recuar na hora de se arriscar no novo formato 3D da Disney. O equilíbrio dos elementos de *Up* o tornam um produto perfeito para emplacar a novidade tecnológica. É uma aventura mais despretensiosa, sem subtextos políticos ou invenções narrativas. Por outro lado, investe bem na construção de paisagens virtuais deslumbrantes, criadas na linha exata entre o fotorealismo e o deslumbre fantasioso; os cenários e os fluidos movimentos de câmera são tão bem feitos que os efeitos 3D são quase supérfluos, pouco decisivos para o visual. No geral, fica abaixo dos melhores trabalhos da produtora (como o já citado *WALL-E, Os Incríveis* ou *Ratatouille*), mas ainda assim reafirma a supremacia da Pixar no campo da animação computadorizada.

Sim, é apenas um *feel-good movie*, ainda que tenha como improvável protagonista um velho de 78 anos que mais grunhe do que fala. Acompanhado de um escoteiro-mirim falastrão, o velhote iça sua casinha com balões de gás para cumprir o destino que sua sonhadora mulher sempre almejou. A moral da história é simples (nunca é tarde para realizar seus sonhos), os personagens seguem um arco dramático bem definido, e há um colorido elenco secundário de bichinhos para distrair a garotada. Nas entrelinhas, no entanto, revela-se uma simpática ode à força da imaginação. Isso fica mais evidente no brilhante prólogo que mostra a infância e a juventude do protagonista Carl, estabelecendo a personalidade e as motivações do (anti)herói sem desperdiçar palavras. Pode ser para crianças, mas ainda assim são momentos de grande cinema .

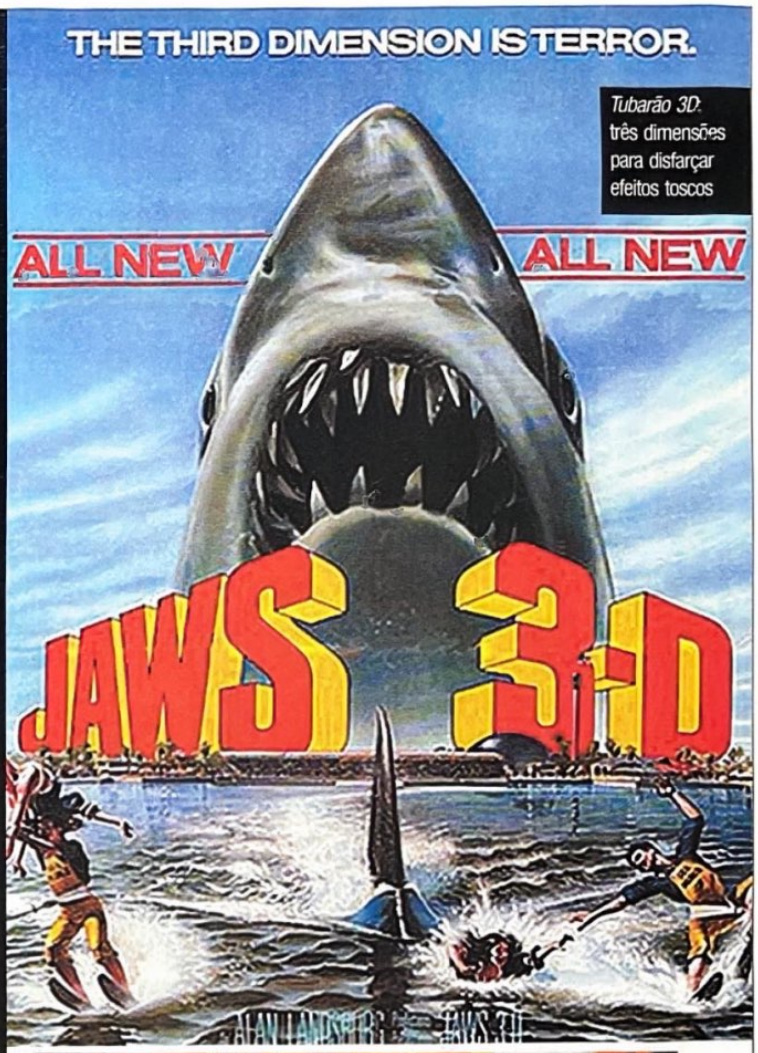
(Marco Antonio Barbosa)

NOTA

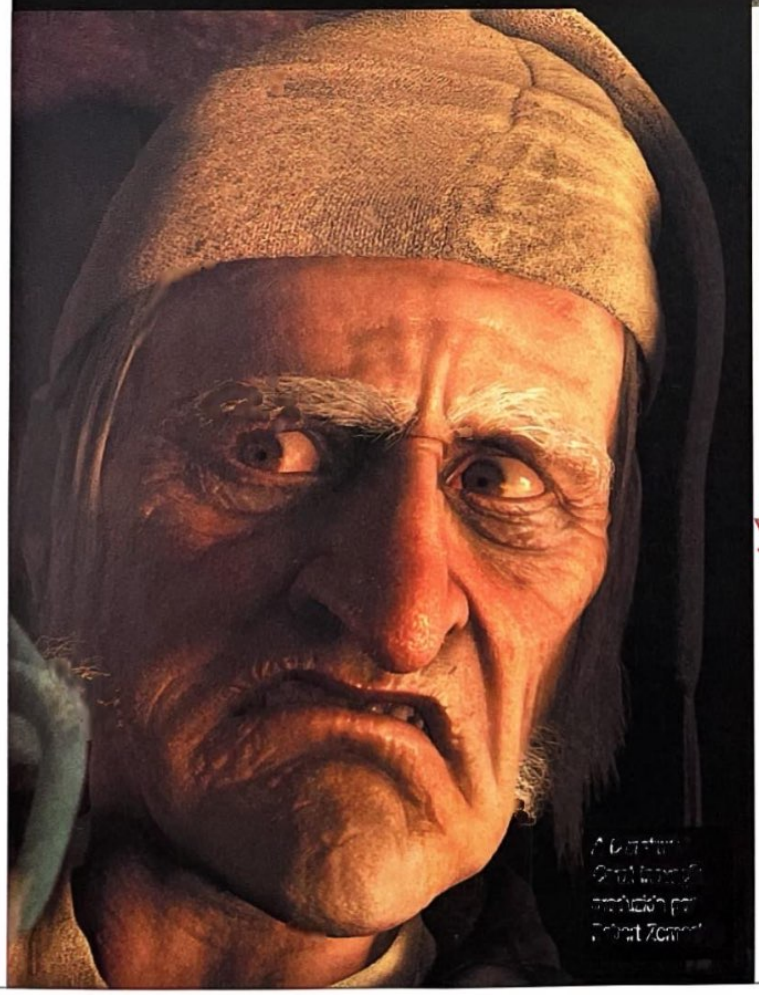
Até *Guerra nas Estrelas* em 3D

As primeiras experiências com o cinema em três dimensões aconteceram ainda no fim do século 19, mas somente no seguinte é que alguns mestres tentaram dominar a técnica. Nos anos 30 do século 20 os irmãos Lumière, os inventores do cinema, por exemplo, refizeram o curta *A Chegada do Trem*, realizado em 1895, com técnicas rudimentares de 3D. No início dos anos 50, o animador canadense Norman McLaren fez alguns curtas tridimensionais. Até mesmo o mestre do suspense Alfred Hitchcock chegou a filmar *Disque M Para Matar* (1954) em 3D. Mas, como a reputação da tecnologia, então intermediada por óculos com lentes de celofane coloridas, já em baixa, o filme acabou sendo lançado em versão tradicional, 2D. Os investimentos mais amplos na técnica tridimensional começaram no final da década de 40, como isca para atrair de volta às salas de cinema aqueles que passaram a ficar em casa ao lado da grande novidade da época, a televisão. Salvo raras exceções, como o musical *Dá-me Um Beijo* (1953), de George Sidney, os projetos em 3D estavam ligados a filmes de terror de gosto duvidoso, como *A Casa de Cera* (1953), de André De Toth e *A Criatura da Lagoa Negra* (1954), de Jack Arnold. Nos anos 80, a técnica foi ressuscitada, em revival que gerou frutos medíocres, geralmente associados a sequências de hits comerciais já decadentes, como *Tubarão, Sexta-Feira 13* e *Terror em Amtyville*.

Um novo capítulo da trajetória do 3D começou a ser escrito quatro anos atrás, quando grandes realizadores de Hollywood, como James Cameron, George Lucas, Randal Kleiser, Peter Jackson e Robert Zemeckis, entre outros, se encontraram durante uma convenção em Las Vegas para profetizar sobre a nova onda da técnica. Todos têm projetos na área: Jackson volta ao universo de J.R.R Tolkien (*O Senhor dos Anéis*), agora redimensionado, com *Hobbit*; Lucas promete remasterizar a saga *Guerra nas Estrelas* em 3D, Zemeckis lança *A Christmas Carol*, clássico de Charles Dickens, em dezembro; um mês antes, Cameron põe no mercado *Avatar*, a mais nova extravagância visual do diretor do *Titanic* (1997).



Tubarão 3D: três dimensões para disfarçar efeitos toscos



A Casa de Cera: clássico do terror B foi um dos precursores

ATÉ 2011, DESENHOS QUE NÃO ACABAM MAIS

Tá chovendo hambúrger e *The Fantastic Mr. Fox* estão entre os mais esperados até dezembro

4 DE SETEMBRO

Up – Altas Aventuras [Up, EUA, 2009], de Pete Docter e Bob Peterson (Disney) – Com Christopher Plummer, John Ratzenberger, Edward Asner. Septuagenário amarra balões à sua casa e decide viajar para a América do Sul. Ele só não esperava contar com a presença de um pequeno escoteiro na viagem

11 DE SETEMBRO

9 [EUA, 2009], de Shane Acker (PlayArte). Com Elijah Wood, John C. Reilly, Jennifer Connelly – [Num mundo paralelo, um grupo de bonecos espertos vivem o pós-Apocalipse. Eles encontram 9, mais um de sua espécie, que mostra características que podem ajudá-los a sobreviver.

2 DE OUTUBRO

Tá chovendo hambúrger [Cloudy With a Chance of Meatballs, EUA, 2009], de Phil Lord e Chris Miller (Sony) – Cientista tentando acabar com a fome no mundo cria um problema de proporções globais quando a comida começa a cair do céu.

30 DE OUTUBRO

Igor [EUA/França, 2008], de Anthony Leondis (Europa). Com John Cusack – John Cleese, Steve Buscemi. Igor, o ajudante corcunda de um cientista louco, almeja tornar-se ele mesmo um cientista.

Killer Bean Forever [EUA, 2009], de Jeff Lew (Paris) – A batalha entre Killer Bean, um assassino de grãos de café, e Capuccino, o chefe da máfia da Cidade dos Cereais.

6 DE NOVEMBRO

A Christmas Carol – 3D [EUA, 2009], de Robert Zemeckis (Disney) – Com Jim Carrey, Colin Firth, Gary Oldman. Na véspera de Natal, três espíritos visitam um velho que não acredita no espírito natalino.

Planeta 51 [Planet 51, Espanha/Reino Unido, 2009], de Javier Abad e Marcos Martinez (Imagem) – Com Dwayne Johnson, Seann William Scott, Jessica Biel. Os habitantes do Planeta 51 vivem aterrorizados pelo medo de um ataque alienígena. Sua paranoia se concretiza com a chegada de um astronauta da Terra.

4 DE DEZEMBRO

The Fantastic Mr. Fox [EUA, 2009], de Wes Anderson (Fox). Com vozes de George Clooney, Cate Blanchett – Grupo de fazendeiros irados, cansado de dividir suas galinhas com uma raposa, resolve acabar com seu oponente. Baseado no livro de Roald Dahl.

11 DE DEZEMBRO

The Princess and the Frog [EUA, 2009], de Ron Clements e John Musker (Disney) – Com Anika Noni Rose, Oprah Winfrey, John Goodman. Conto de fadas centrado na jovem Princesa Tiana, que viveu em Nova Orleans durante a era do jazz.

A verdadeira história do Gato de Botas [França, 2009], de Jérôme Deschamps e Pascal Hérold (Califórnia) – Livre adaptação para a história do Gato de Botas.

15 DE JANEIRO

Deu a louca na Chapeuzinho 2 [Hoodwinked 2: Hood vs. Evil, EUA, 2010], de Miek Disa (Imagem) – Com Hayden Panettiere, Bill Hader, Joan Cusack. Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau são chamados para tentar desvendar o desaparecimento de João e Maria.

22 DE JANEIRO

Astro Boy [EUA/Hong Kong/Japão, 2009], de David Bowers (Paris) – Com Freddie Highmore, Nicolas Cage, Donald Sutherland. Na futurística Metro City, cientista cria um menino robô chamado Astro Boy para substituir seu filho perdido. Rejeitado por seu criador por não conseguir suprir sua carência, o robô parte numa jornada por aceitação.

19 DE FEVEREIRO

Toy Story – 3D [EUA, 1995], de John Lasseter (Disney). Com Tom Hanks, Tim Allen, Don Rickles – Relançamento, em versão 3D, da primeira animação digital da Disney, realizada pela Pixar. Conta a história de um grupo de brinquedos do menino Andy.

Toy Story 2 – 3D [EUA, 1999], de John Lasseter (Disney). Com Tom Hanks, Tim Allen, Joan Cusack – Relançamento, em versão 3D, da segunda parte das aventuras dos brinquedos do menino Andy. Agora o grupo tem de resgatar Woody, sequestrado num passeio a um acampamento.

26 DE MARÇO

How to Train Your Dragon [EUA, 2009], de Peter Hastings (Paramount/DreamWorks) – O filho de um viking treina seu desajeitado dragão para se tornar um bravo herói. Com exibição em 3D.

21 DE MAIO

A bela e a fera 3D [EUA, 1991], de Gary Trousdale e Kirk Wise (Disney) – Com Paige O'Hara, Robby Benson, Richard White. Relançamento em 3D de um dos clássicos modernos dos Estúdios Disney. A história de uma camponesa presa por um príncipe, transformado em monstro por uma maldição.

18 DE JUNHO

Toy Story 3 [EUA, 2010], de Lee Unkrich (Disney). Com Tom Hanks, Tim Allen, Don Rickles – Woody, Buzz e o resto dos brinquedos são deixados num depósito quando seu dono, Andy, vai para a faculdade.

9 DE JULHO

Shrek 4 [Shrek Goes Fourth, EUA, 2010], de Mike Mitchell (Paramount/DreamWorks) – Com Mike Myers, Cameron Diaz, Eddie Murphy. Sinopse: Quarta aventura do ogro Shrek, agora em 3D.

30 DE JULHO

Despicable Me [EUA, 2010], de Pierre Coffin, Chris Renaud e Sergio Pablos (Universal). Com Steve Carell, Will Arnett, Julie Andrews – Trio de meninas órfãs faz o maldoso Groo repensar seus planos de roubar a lua.

8 DE OUTUBRO

Guardians of Ga'Hoole [EUA/Austrália, 2010], de Zack Snyder (Warner). Com Jim Sturgess, Rachael Taylor, Geoffrey Rush – A coruja Soren foge de um orfanato para a ilha de Ga'Hoole.

3 DE DEZEMBRO

Master Mind [EUA, 2010], de Tom McGrath (Paramount). Com Robert Downey Jr., Ben Stiller, Tina Fey – Sátira de filmes de super-heróis.

31 DE DEZEMBRO

The Smurfs [EUA, 2011], de Colin Brady (Sony) – Baseado no desenho animado criado na década de 1980.

15 DE ABRIL

Rango [EUA, 2011], de Gore Verbinski (Paramount/DreamWorks) – Com Johnny Depp.

17 DE JUNHO

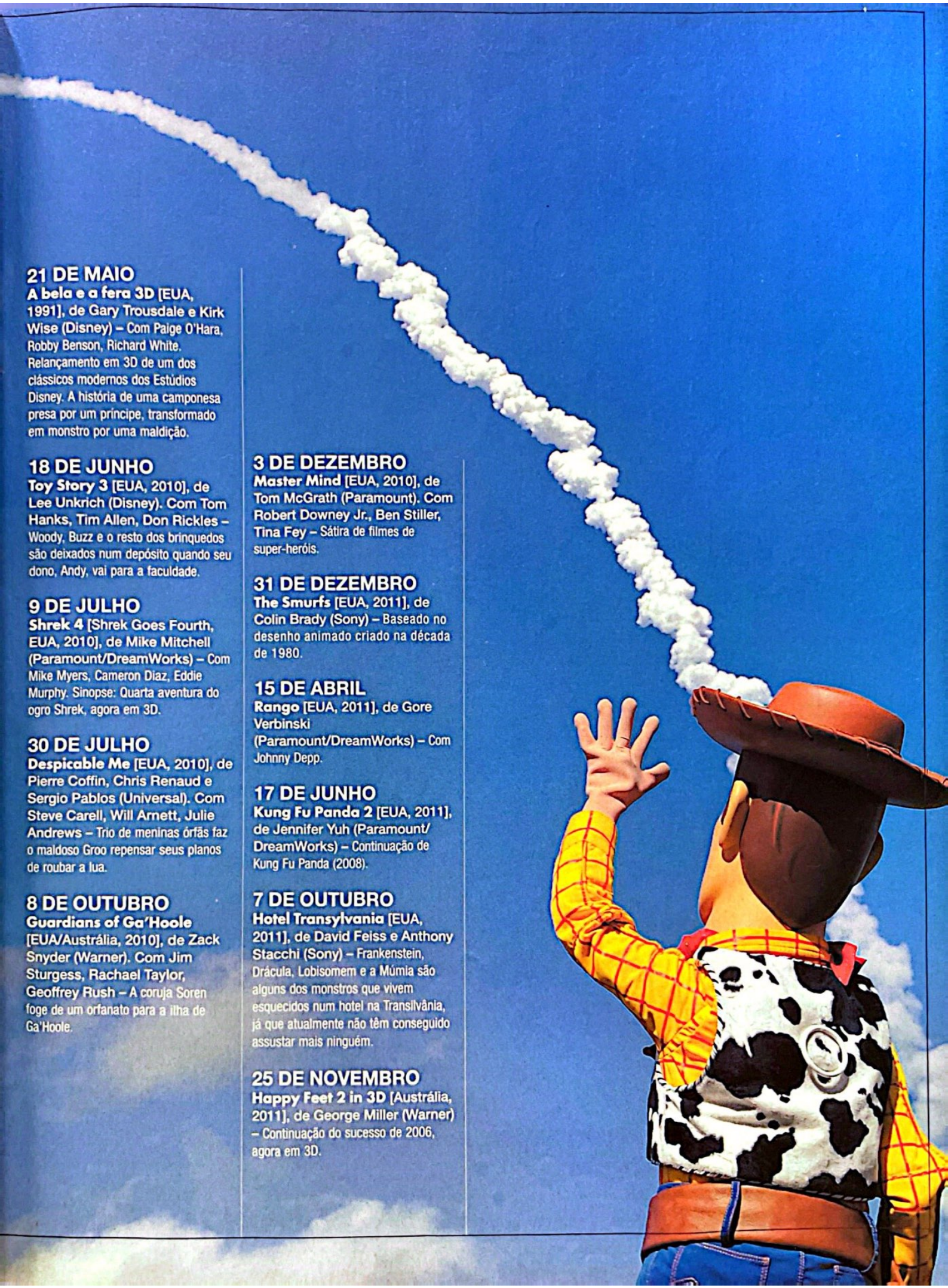
Kung Fu Panda 2 [EUA, 2011], de Jennifer Yuh (Paramount/DreamWorks) – Continuação de Kung Fu Panda (2008).

7 DE OUTUBRO

Hotel Transylvania [EUA, 2011], de David Feiss e Anthony Stacchi (Sony) – Frankenstein, Drácula, Lobisomem e a Múmia são alguns dos monstros que vivem esquecidos num hotel na Transilvânia, já que atualmente não têm conseguido assustar mais ninguém.

25 DE NOVEMBRO

Happy Feet 2 in 3D [Austrália, 2011], de George Miller (Warner) – Continuação do sucesso de 2006, agora em 3D.

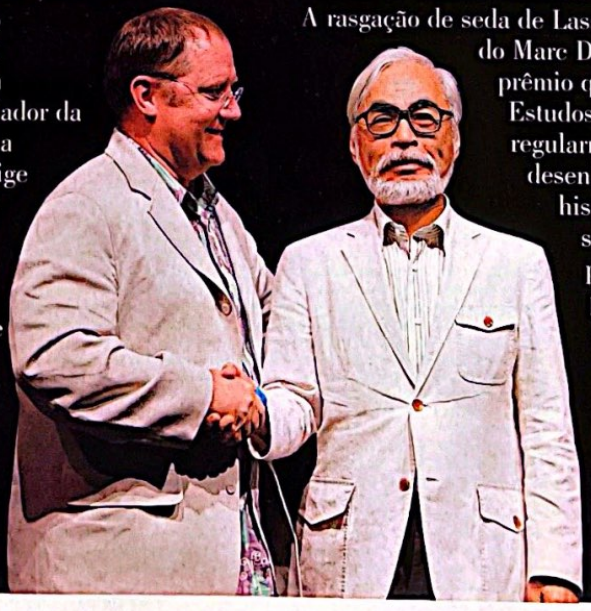


"NÃO ERA MUITO BOM, ADMITO"

Maior nome da animação japonesa e o único não-americano a ganhar um Oscar de Melhor Longa do gênero com *A Viagem de Chihiro*, Hayao Miyazaki diz que sempre preferiu os vilões

Marco Antonio Barbosa, *de Los Angeles*

"Ele é um mestre capaz de façanhas incríveis. Adoro seu trabalho há mais de 20 anos. Conhecê-lo, e a seu filmes, foi um momento de inspiração fundamental em minha carreira". Quando John Lasseter – criador de *Toy Story*, fundador da Pixar e atual diretor criativo de toda a divisão de animação da Disney – dirige palavras como essas a alguém é bom saber de quem se trata. Falamos de Hayao Miyazaki, o maior nome da animação japonesa, o único não-americano a ganhar um Oscar de Melhor Longa de Animação (com *A Viagem de Chihiro*, 2001, também o único desenho animado a vencer o Urso de Ouro no Festival em Berlim). Dirigindo filmes desde 1979, Miyazaki tornou-se uma lenda do anime ao criar mundos encantados e intrigantes, concebidos (nas palavras de seu criador) para as crianças, mas que nunca deixam de fascinar os adultos. No Brasil, fora dos restritos círculos dos fãs de anime, o japonês é conhecido pelo já citado Chihiro e o mais recente *O Castelo Animado* (2004).



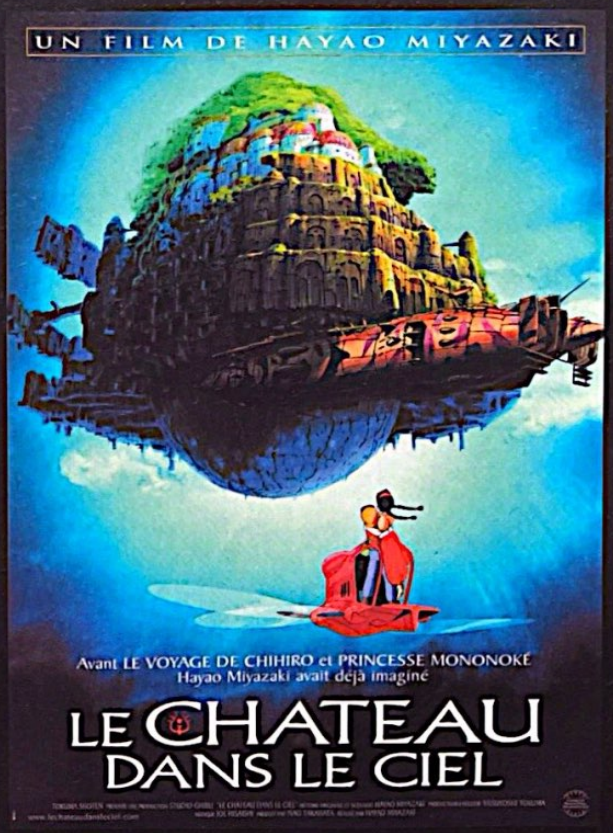
A rasgação de seda de Lasseter se deu durante a 14ª edição do Marc Davis Celebration of Animation, prêmio que a Academia de Artes e Estudos Cinematográficos concede regularmente a grandes nomes do desenho animado. Era uma ocasião histórica: Miyazaki, que não costuma sair de casa sequer para receber prêmios no Japão, não deixava seu país natal há 10 anos. Diante de mais de mil pessoas no Samuel Goldwyn Theater, o diretor, 68 anos, mostrou trechos de seus filmes mais conhecidos, falou sobre seu trabalho e respondeu a perguntas da audiência, com um jeito tímido, reverente e, não raro, bem-humorado.

O COMEÇO: "Eu era um garotinho fraco na infância, e vivia cercado de livros. Queria ser um herói forte quando crescesse, como os heróis das aventuras que eu lia. Estudei economia e ciência política na universidade, mas só queria saber de desenhar. Na verdade, a faculdade só foi um meio de ganhar tempo para aperfeiçoar meu traço. Passei raspando em todas as disciplinas. Quando tinha 22 anos, consegui meu primeiro emprego como animador, num desenho chamado *Au-au*. Era sobre um cachorro. Não era muito bom, admito... Eu também queria ser um artista de mangás, então trabalhava o dia inteiro e, à noite, em vez de dormir, ficava desenhando quadrinhos".

ASCENDENDO: "Acabei me tornando um in-betweener, o artista que faz os rascunhos dos personagens entre as versões definitivas que serão filmadas. Via os storyboards dos desenhos que o estúdio (o célebre Toei) produzia e dizia: 'Posso fazer melhor'. Foi quando consegui emplacar algumas ideias minhas em *Gulliver's Travels Beyond the Moon* (1965). Mas naquele ponto ainda não pensava muito em diálogos ou na ação, só nos desenhos em si".

DIRIGINDO: "Quando comecei a dirigir meus próprios filmes não tinha noção do que estava fazendo. *O Castelo Cagliostro* (1979) foi o primeiro, e foram quatro meses e meio de trabalho frenético. Passei tanto tempo sentado diante de uma prancheta que esqueci como caminhar!".

TEMAS: "Ao criar *A Viagem de Chihiro*, lembro que queria fazer um filme realmente assustador, baseado em lendas japonesas. É um filme dirigido à juventude apática do Japão, que tem medo de se aventurar, de conhecer o mundo. Gosto de mostrar a natureza em meus filmes, mas de uma forma natural, sem tratar de ecologia. Precisamos resolver esse tipo de problema no mundo real, não mostrando-o no cinema.



Crio histórias realistas, mas que, no fundo, se baseiam em contos de fadas. Também gosto mais dos vilões do que dos heróis. Eles dão mais duro que os heróis, trabalham mais. Sempre os faço com coração, capazes de sorrir. Quando desenho alguém sorrindo sorrio também".

MAGIA: "Adoro mostrar criaturas mágicas que só podem ser vistas pelas crianças. Como por exemplo o gato que se transforma em um ônibus, em *Meu Vizinho Totoro* (1988). Isso saiu de uma antiga crença japonesa segundo a qual os gatos velhos viram espíritos que comem gente – e então mostro um gato que vira um ônibus, e engole seus passageiros...

NO TRABALHO: "Meu único conselho para meus artistas é: 'Nunca faça algo que você já viu antes. Mas se você viu e esqueceu que viu, não tem problema...' Para mim, um lápis e um computador são a mesma coisa: ferramentas. Desmontamos nossa divisão de computação gráfica há pouco tempo, e eu disse aos desenhistas: 'Não se preocupem com o tanto de páginas a mais que teremos de fazer à mão; fiquem felizes por não precisarmos nunca mais de um computador novo'".

LONGEVIDADE: "Quando digo que vou me aposentar depois do próximo filme – e venho dizendo isso há muito tempo – ninguém acredita. Da próxima vez, vou ficar quieto!".

TODOS QUEREM ANDAR

Gordinho, desajeitado, boa-praça, o ator de 27 anos se reencontra com o passado de comediante em *FUNNY PEOPLE* e vira o ícone de uma geração que ainda tem Jonah Hill e Michael Cera: "Meu humor é distorcido", diz o ator

Carlos Helí de Almeida

Quando se viu subindo nos palcos de *stand up comedy* da Califórnia, alguns deles em clubes reais, durante as filmagens de *Gente Engraçada* (título que a comédia dramática *Funny People*, de Judd Apatow, receberá em sua estreia no Brasil em novembro), Seth Rogen se sentiu como se estivesse retornando às próprias origens. O jovem ator, roteirista e produtor de filmes como *Superbad – É Hoje* e *Segurando as Pontas* tinha 13 anos quando decidiu abandonar a escola para ganhar a vida fazendo piadas

COM SETH ROGEN

em clubes de comédia em Vancouver (Canadá), sua cidade natal. "Não fazia stand up desde os 18 anos, quando ganhei um papel fixo numa série de TV chamada *Freaks and Geeks*. Foi muito interessante voltar a fazer comédia em palcos. A experiência me fez lembrar do porquê eu quis ser comediante quando adolescente e, ao mesmo tempo, da razão de eu ter parado de fazer comédia em pé", conta Rogen, de 27 anos, em entrevista à **SET**. "Uma coisa é ser um ator que interpreta, por alguns momentos, um humorista de palco, outra é um cara que vive disso no dia a dia. É uma atividade a qual eu não me vejo fazendo novamente", garante o novo queridinho da comédia americana e orgulhoso marido da produtora e roteirista Lauren Miller.

Adam Sandler, Leslie Mann e Seth Rogen, em *Funny People*: craques da comédia

A bem da verdade, *Funny People* também promove o encontro de Rogen com um dos motivos que o inspiraram a perseguir a carreira no humor. O filme, que lança um olhar meio amargo sobre o lado carne e osso dos profissionais que labutam na gênero – que não é tão engraçado quanto parece – é protagonizado por Adam Sandler, um dos reis da comédia dos anos 90, junto a nomes como Ben Stiller, Will Ferrell e Owen Wilson. Na história, ele interpreta um famoso

FILHO DE UMA ASSISTENTE SOCIAL E DE UM FUNCIONÁRIO DE ORGANIZAÇÕES NÃO-LUCRATIVAS, ELE É PEÇA CERTEIRA PARA COMPOR UMA COMÉDIA DE SUCESSO. E LEVA SUA TURMA JUNTO

comediante de Hollywood que se descobre com câncer. "Ele foi uma das razões que me levaram a olhar para esta profissão com entusiasmo quando eu era mais jovem. Adam é um dos meus ídolos da minha adolescência. A ideia de finalmente poder trabalhar com ele me deixou muito animado. Melhor ainda foi descobrir que, pessoalmente, ele é um grande cara", elogia Rogen, que, conseguiu, agora sem muito esforço, a contribuição de grandes nomes da comédia americana fazendo pontas de luxo, como eles mesmos, no filme, como Andy Dick, Paul Reiser, Norm MacDonald, Sarah Silverman e Ray Romano, entre outros. "É um orgulho dizer, hoje, que todos eles são meus amigos. Criamos uma ambiente extremamente amistoso no set".

ROGEN FAZ AS PESSOAS rirem desde criança. Filho de uma assistente social e de um funcionário de organizações não-lucrativas – pais que ele descreve como sendo "judeus socialistas radicais" – teve como primeiras plateias convidados de bar mitzvahs e outros tipos de festas do bairro onde morava. Aos 16 anos, venceu um concurso local de comediantes amadores e então rumou em direção à Califórnia. Lá, descobriu que até as grandes estrelas do stand up roubam piadas de concorrentes menos conhecidos. Ele mesmo já foi vítima de um deles. Essas e outras vivências relacionadas ao universo da comédia profissional pontuam o roteiro de *Funny People*, coproduzido pelo ator – que galgou o 20º lugar entre os 30 mais talentosos atores abaixo dos 30 anos em Hollywood, segundo pesquisa da revista *Enterteinment Weekly*, em 2008. O ator foi o oitavo homem a aparecer, em abril passado, na capa da *Playboy* americana. Nos 56 anos da publicação a honra conquistada anteriormente por comediantes como Steve Martin e Jerry Seinfeld. "É muito estranha toda essa atenção... Espero que minha carreira não se deteriore na mesma velocidade em que ela evoluiu", ri com o vozeirão que emprestou a animações como *Monstros vs. Alienígenas*, e *Kung Fu Panda*.

Estrela de Davi no lugar do S do Super-Homem: ele é "filho de judeus socialistas radicais"

O novo filme renova a parceria entre Rogen e Apatow, que apostou no potencial do ator convidando-o para *Freaks And Geeks*. O seriado ficou apenas uma temporada no ar, entre 1999 e 2001, mas foi tempo suficiente para convencer Apatow do carisma de Rogen como ator, e de suas habilidades como criador cômico. Enquanto esperavam uma nova oportunidade para trabalharem juntos, o ator terminou o ensino secundário com o auxílio de um tutor e fez pequenos papéis em programas de TV como *Undeclared* (dirigido e produzido por Apatow) e *Dawson's Creek*, e em longas como *O Âncora – A Lenda de Ron Burgundy* (2004), até que a sorte grande lhe sorriu na figura de Cal, o amigo gordinho e bonachão de Steve Carell em *O Virgem de 40 Anos* (2005), filme dirigido e coproduzido por Apatow. Os dois voltariam ainda a trabalhar juntos em *Ligeiramente Grávidos* (2007). Na história, novamente escrita e dirigida pelo Midas da nova comédia de Hollywood, Rogen vive um rapaz sem qualquer aptidão para a labuta, cujos maiores passatempos são a maconha e o videogame. "Judd me conhece muito bem. Ao longo desses anos desenvolvemos uma certa dinâmica de trabalho. Ele sabe exatamente o que posso fazer e o que não sou capaz de fazer".

OS FILMES DE APATOW, em geral, combinam piadas que falam ao gosto das plateias mais jovens (ou seja, fazem uso razoável de palavrões e referências sexuais) com situações cômicas ligeiramente comoventes, o que os tornam atraentes ao público mais maduro. Os US$ 200 milhões arrecadados por *Ligeiramente Grávidos* ao redor do planeta mostram que a receita é um sucesso, e encontram ressonância na sensibilidade cômica de Rogen. No filme, o personagem do ator, um rapaz de seus 20 e poucos anos ainda preso a um estilo de vida e comportamento adolescentes, conhece uma repórter de TV (Katherine Heigl) numa boate e a engravida depois de uma noite juntos. "Não saberia descrever qual é o segredo de uma boa comédia, mas Judd me ensinou que sempre devemos começar como uma história de fundo emocional, não necessariamente engraçada, porém crível e interessante. A partir dessa premissa simples, trabalhamos de forma a torná-la engraçada da melhor e mais suave maneira possível. Se nós mesmos a achamos divertida, esperamos que o seja para outras pessoas também", acredita o ator, que raramente segura os palavrões na conversa.

Sandler e Rogen: o famoso cretino e o novato gente-fina

NÓS VIMOS

Divertido, triste e imperfeito. Como todo mundo

Em *Funny People*, Judd Apatow muda de rumo, faz seu filme mais adulto e convence, apesar de tropeços de roteiro e de técnica

Judd Apatow fez seu nome redefinindo noções sobre bom/mau gosto, correção/incorreção política e humor idiota/inteligente – pegando o fio da meada que os irmãos Farrelly perderam depois de *Quem Vai Ficar com Mary?* .
Com o sucesso veio um fenômeno muito perigoso: Apatow passou a ser levado a sério. No seu terceiro longa como diretor, não poderia repetir o mesmo estilo de *O Virgem de 40 Anos* e *Ligeiramente Grávidos* – que apresentavam personagens em situações patéticas e caricaturais e que ainda assim pareciam gente de verdade. O pior que poderia acontecer em *Gente Engraçada*, dado o tema do roteiro (doença terminal), seria a recaída para uma pseudocomédia tentando "equilibrar risos e lágrimas para toda a família". Apatow conseguiu evitar tanto a repetição quanto o apelo ao choro fácil. Os problemas – e eles existem, de ordem técnica e dramática – são até perdoáveis, diante da constatação de que o diretor teve a coragem de fazer um filme imperfeito, mas também pouco previsível.
Adam Sandler interpreta uma versão incomodamente próxima do real de si mesmo: um *stand-up comedian* que vira sucesso no cinema e sacrifica família e amigos numa egotrip de fama, fortuna e sexo fácil. Descobre ter uma forma de leucemia e recruta o jovem Ira (Seth Rogen) como uma mistura de esparro e faz-tudo. Enquanto Ira vai se firmando no circuito cômico, George (Sandler) encara a proximidade do fim não com a "iluminação" que costuma tocar personagens em situações semelhantes... e sim tornando-se mais irascível e manipulador.
Eis aí uma marca autoral de Apatow que não se perdeu com a guinada para a temática mais adulta: o olhar arguto sobre a humanidade dos personagens.
Contrariar a "regra" segundo a qual pessoas confrontadas com a morte se tornam "seres humanos melhores" é o que há de mais interessante nessa tragicomédia.
A vontade de evitar os clichês não é a única ambição do filme. É aí que o caldo entorna um pouco. Apatow estica demais a história, cria falsos dilemas românticos (é difícil crer no potencial triângulo formado por Sandler, Leslie Mann e... Eric Bana) e – por conta da excessiva duração de certas cenas – incorre em diversos erros de continuidade. As derrapadas e a meia hora a mais, contudo, acabam contribuindo de alguma forma com seu charme torto. **(Marco Antonio Barbosa)**
NOTA: 7

PANELINHA CHEIA DE GARGALHADAS

Diretor constrói sua obra em torno dos comediantes do chamado Frat Pack

Não é de hoje que cineastas e atores despontam para o estrelato já inseridos num grupinho. Foi assim com Spielberg, George Lucas e Harrison Ford. Scorsese, De Niro e Coppola. Os irmãos Coen, junto a Sam Raimi, Billy Bob Thornton e Frances McDormand... e, recentemente, o Frat Pack, cômicos que se tornaram estrelas de alguns dos maiores hits deste começo de século.
O Frat Pack começa em nomes como Jack Black, Ben Stiller e Will Ferrell, incluindo das safras mais novas os atores Steve Carell e Seth Rogen, e o cineasta Judd Apatow. Mas Apatow, que começou como roteirista de sitcoms nos anos 90, também expandiu sua carreira pelo formato da TV para adolescentes. E foi em séries de vida curta como *Freaks & Geeks* (de 1999) e *Undeclared* (de 2001) que Apatow pôde formar a sua própria panelinha. As séries traziam mais coisas em comum além das piadas sobre sexo, maconha, aulas e cultura pop: uma realidade mais próxima e palpável. E também diversos nomes em comum: Seth Rogen, Jason Segel, Samm Levine, Busy Phillips...
O sucesso para Apatow chegou com *O Virgem de 40 Anos* (com Carell, Rogen e Paul Rudd). Na sequência, *Ligeiramente Grávidos* reuniu Rogen aos ex-companheiros de elenco Jason Segel, Jay Baruchel e Martin Starr. Apatow ainda produziu *Superbad* e *Segurando as Pontas*, dois roteiros de seu protégé Seth Rogen que contam com mais figurinhas repetidas, como James Franco e Jonah Hill.
Ao lado de Will Ferrell, Apatow produziu e roteirizou algumas comédias mais "adultas". Entre elas, destacam-se a divertida sátira da história da música pop *A Vida É Dura* (de 2007, fazendo piada em cima da cinebiografia do cantor Johnny Cash), *Ricky Bobby – A Toda Velocidade*, e *Quase Irmãos*. **(Fred Leal)**

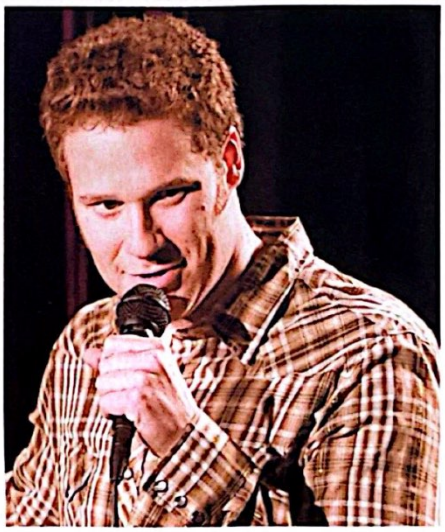
UMA SÉRIE DE VIVÊNCIAS RELACIONADAS AO UNIVERSO DA COMÉDIA PROFISSIONAL PONTUA DE ALGUMA FORMA O ROTEIRO DO DIVERTIDO *FUNNY PEOPLE*

Antes que sua carreira se transforme numa caricatura dos personagens que interpreta no cinema, Rogen começa a investir na diversificação da imagem – *Funny People* é apenas uma dessas muitas iniciativas menos radicais. Em *Observe and Report*, de Jody Hill, ele faz um segurança mentalmente perturbado que sonha virar policial. Rogen também pretende estrelar e produzir, em parceria com o amigo de infância Evan Goldberg, a comédia dramática *I'm With Câncer* (Eu Tenho Câncer, em tradução livre), escrita pelo também camarada de longa data Will Reiser. Na sequência, quer contracenar com Jay Baruchel (de *Ligeiramente Grávidos*) em *Jay and Seth Vs The Apocalypse*, mais um projeto de tom amargo. Rogen jura que não se trata de uma estratégia pensada para deixar para trás os personagens bobos de bom coração que o público aprendeu a amar. "Não há nada planejado nesse sentido", diz, categórico. "Acho apenas que trabalhar com o maior número possível de pessoas diferentes, com gostos distintos, faz de você um cineasta melhor e mais maduro. E todos esses novos projetos nem são tão diferentes assim dos outros filmes que já fiz. Talvez eu tenha um senso de humor meio distorcido, mas, para mim, tudo é muito engraçado da mesma maneira".

Dá até para imaginar como será *Besouro Verde*, projeto de estimação de Rogen, que começa a ser rodado em setembro. Fã de quadrinhos, há anos o comediante sonha em adaptar para o cinema as aventuras do herói mascarado criado por Frank Striker e George Trandle, já visitado pela televisão americana nos anos 60, em versão que tinha Bruce Lee como o ajudante do personagem-título. É um filme de ação que será dirigido por Michel Gondry (*Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*) e coestrelado por Stephen Chow, que usará a máscara de Kato. Para encarnar Britt Reid, o playboy que administra um jornal de dia e combate o crime nas horas vagas, Rogen se comprometeu a cumprir um programa de exercícios e dietas que o fez perder 20 quilos. Ninguém levaria a sério um super-herói cheio de curvinhas. "Claro que virei motivo de piada em todo lugar", debocha. "Mas há muito tempo eu desejava fazer um filme que desconstruísse a relação entre um herói e seu fiel ajudante. Quando soube que os direitos de *Besouro Verde* estavam disponíveis não perdi tempo. É um filme de ação, mas com humor", garante. "Ah, e essa história de que as mulheres gostam de homens com senso de humor e tudo mentira. Elas gostam de caras divertidos, mas que sejam realmente bonitos", debocha o mais novo galã esbelto de Hollywood.

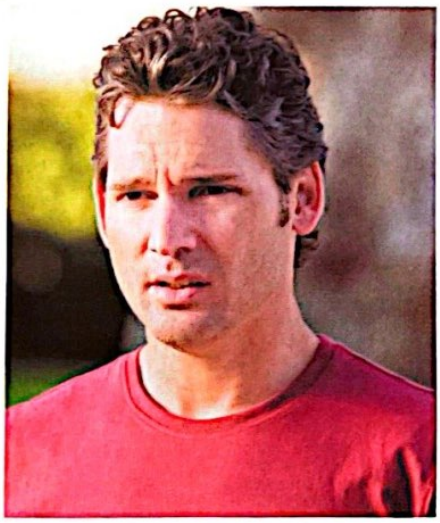
Schwartzmann, Rogen e Hill num papo ao entardecer

GEORGE SIMMONS (Adam Sandler): Comediante que ascendeu dos palcos de *stand-up* para uma série de filmes panacas – e campeões de bilheteria. Rico e famoso, vive solitário até descobrir-se vítima de uma forma de leucemia da qual apenas 8% dos pacientes se recuperam. Tentando encontrar uma luz, volta a se apresentar ao vivo e conhece Ira Wright num clube; Simmons contrata-o para escrever piadas, mas o jovem cômico acaba tornando-se a única amizade para valer do astro do cinema.



IRA WRIGHT (Seth Rogen): Aspirante ao trono máximo do *stand-up*, ganha a vida como atendente numa delicatessen. "Wright" é seu nome artístico: o verdadeiro é Weiner (que se pronuncia *wiener*, ou "salsicha"). Encontra com o irascível superstar por acaso e transforma-se em seu redator particular e "escravo" em tempo integral. Envolve-se bem mais na vida de Simmons do que gostaria. Despreza o sucesso que seu colega de apartamento Mark consegue na TV e quer namorar a comediante Daisy.

LAURA (Leslie Mann): A atriz – casada com o cineasta Judd Apatow no mundo real – interpreta o grande amor da vida de Simmons. Os dois chegaram a ser noivos, mas ela o deixou depois de descobrir que ele a traía. Casada há 12 anos com Clarke, mãe de duas meninas (vividas pelas filhas que teve com Apatow), Laura fica tocada com a notícia de que seu ex-noivo está terminalmente enfermo. Tocada a ponto de repensar os rumos de seu casório.



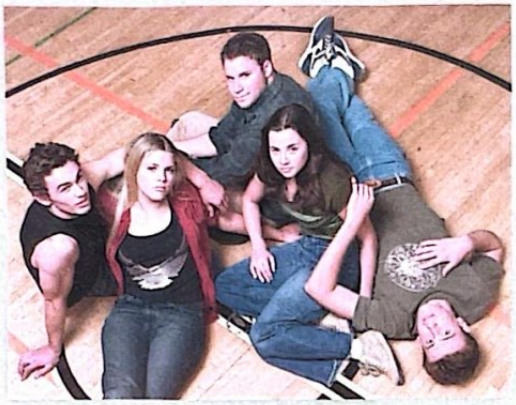
CLARKE (Eric Bana): É o maridão de Laura, um australiano expansivo, fã de rúgbi e cerveja. Vive em suspeitas viagens de negócios à China; a mulher desconfia que ele esteja pulando a cerca durante suas longas ausências. Só conhecia George Simmons como uma lembrança distante no passado da mulher (e através de suas comédias infantilóides, que suas filhas adoram). Quando se depara com o comediante em sua própria casa, a saia-justa é inevitável. Ou não?

LEO KOENIG (Jonah Hill): Outro jovem comediante que divide um apartamento com Ira e Mark Taylor Jackson (Jason Schwartzman) – este último protagoniza o patético sitcom *Yo!Teach*, e se acha um megastar por isso. Ira confidencia aos dois amigos o estado de saúde delicado de George Simmons. O trio recebe o famoso comediante para um almoço de Dia das Graças, como maneira de confortar o doente. Inspirando-se em Ira, o gordinho Leo acaba aperfeiçoando suas performances no palco.

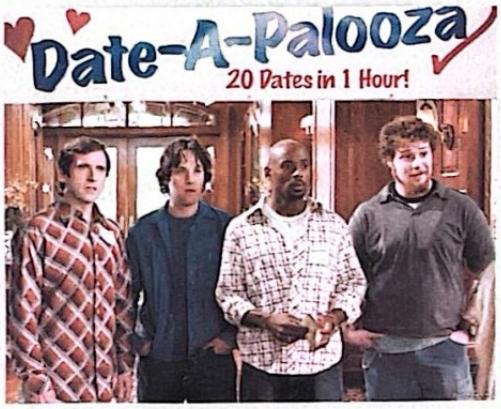
DAISY DANBY (Aubrey Plaza): A atriz ainda não é muito conhecida no Brasil, mas despertou a atenção da crítica ao estrelar a série cômica online *The Jeannie Tate Show* e o sitcom *Parks and Recreation* (inédito na TV brasileira). Outra comediante em início de carreira, Daisy tem um jeito cínico e lacônico de ser. Ira tenta conquistá-la, de uma maneira, digamos, desajeitada; ela acaba caindo nas garras do "garanhão" Mark, que a seduz com seus 15 minutos de fama.

ESQUISITÃO? MACONHEIRO? ASTRO PORNÔ?

Na estrada para a fama, Rogen foi isso e muito mais. Confira os principais destaques da carreira do ator canadense, que começou num pouco visto – mas muito elogiado – seriado da NBC e acabou interpretando um vigilante de shopping center



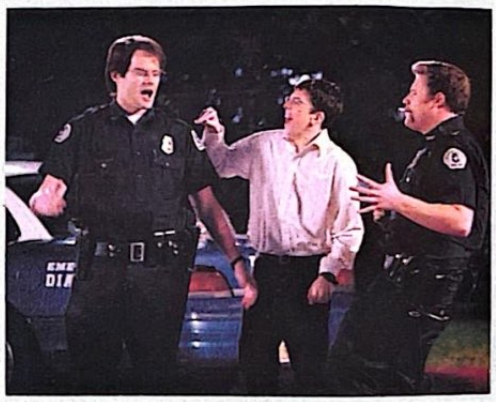
▸ ***Freaks and Geeks*** (1999): Série da NBC sobre um grupo de *teens* num subúrbio de Detroit. Rogen era um dos freaks. Só durou uma temporada, mas foi o suficiente para virar cult.



▸ ***O Virgem de 40 Anos*** (2005): Rogen fazia um dos colegas de trabalho do personagem-título. O ator escreveu boa parte de suas falas e pôde improvisar bastante no set.

▸ ***Ligeiramente Grávidos*** (2007): Primeiro papel de protagonista para o cômico. Ele era o despreparado "pai solteiro" do filho de Katherine Heigl, depois de uma noitada fortuita. E também foi um dos produtores.

▸ ***Superbad – É Hoje*** (2007): Além de atuar (como metade da dupla de tiras doidões, completada por Bill Hader), Rogen coescreveu o roteiro e foi um dos produtores executivos.



▸ ***Segurando as Pontas*** (2008): Lançado só em DVD no Brasil, traz Rogen e James Franco como dois maconheiros envolvidos com um traficante da pesada. De novo, ele atua, escreve e produz.

▸ ***Pagando Bem, que Mal Tem?*** (2008): Durangos, Rogen e Elizabeth Banks são os melhores amigos que fazem um filme pornô para sair da miséria. Se a moda pega...

▸ ***Monstros vs. Alienígenas*** (2009): Na animação 3D da Dreamworks, o ator empresta a voz à bolha azul B.O.B. Também participou dos desenhos *Kung Fu Panda* e *Horton e o Mundo dos Quem*.

▸ ***Observe and Report*** (2009): O cômico divide a cena com Anna Faris e Ray Liotta nesta comédia ligeiramente sombria sobre um vigilante de shopping. Inédito no Brasil.

J VENTURA

Check list de viagem.

Para Bali, leve protetor solar.

Para Paris, leve seu amor.

Para o Ceará, leve um sorriso e muita preguiça.

Para Orlando, leve disposição para se divertir.

Para todos os lugares, leve **Próxima Viagem**.

Revista Próxima Viagem. Saber viver, saber viajar.
Todo mês nas melhores bancas, revistarias e supermercados.
www.proximaviagem.com.br

EDITORA PEIXES

ALÉM DO TAPETE VERMELHO

Há muito o que aprender sobre a história do cinema nas instituições que a ACADEMIA DE ARTES E ESTUDOS CINEMATOGRÁFICOS mantém em Hollywood. Fomos lá conferir

Marco Antonio Barbosa, *de Los Angeles*

A maioria das pessoas só toma conhecimento da existência da Academy of Motion Picture Arts and Sciences (Academia de Artes e Estudos Cinematográficos ou, doravante, apenas a Academia) naquela glamourosa noitada conhecida internacionalmente como a cerimônia de entrega do Oscar. Entretanto, seria injusto dizer que a instituição responsável por eleger anualmente os melhores do cinema americano desde 1929 só trabalha uma noite por ano. Uma visita aos três prédios que a Academia mantém funcionando no coração de Hollywood comprova que a caminhada no tapete vermelho é só a ponta mais visível de sua atividade – ou seja, a preservação da história do cinema. "Todo mundo só pensa no Oscar. Mas a verdade é que, desde sua fundação, a Academia representa a primeira tentativa séria de organizar e estudar a cronologia do cinema. E todo o seu acervo está aberto à visitação pública o ano todo", discursa Barbara Hall, chefe de pesquisa e arquivo da instituição.

Um roteiro para saber como funciona a Academia no dia a dia pode bem começar pela própria sede da Ampas, na aprazível esquina que une o Wilshire Boulevard e a Almont Drive, em Beverly Hills. Um paredão genérico de janelas de vidro, o prédio não teria nada de especial não fosse pelo discreto letreiro anunciando: ali é a casa do Oscar. Naturalmente, a decoração abusa de carpetes vermelhos e há duas estátuas gigantes replicando o careca dourado – uma tentação para quem gosta de tirar fotos (que são proibidas no interior do prédio) engraçadinhas. Leslie Unger, a diretora de comunicação da instituição, faz questão de reafirmar a proibição com um sorriso nos lábios.

Além dos escritórios onde a parte burocrática da Academia funciona, o prédio em Beverly Hills abriga um dos melhores cinemas do mundo: o Samuel Goldwyn Theater, com capacidade para 1.012 pessoas e um sistema de projeção e som totalmente *state-of-the-art*. "Precisa ser assim. É aqui que todos os filmes indicados ao Oscar são apresentados

Da esquerda: o Pickford Center, a fachada do Fairbanks Center (onde fica a biblioteca Margaret Herrick) e a sede da Academia, que abriga exposições e festivais

O CINEMA OFICIAL DA ACADEMIA HOMENAGEIA EM SEU NOME O MAGNATA SAMUEL GOLDWYN. LÁ SÃO EXIBIDOS OS INDICADOS AO OSCAR, COM QUALIDADE ÍMPAR DE SOM E IMAGEM

oficialmente aos membros da Academia, todos os anos", explica Leslie. O Samuel Goldwyn não é exclusivo dos figurões da indústria e abriga durante o ano inteiro mostras e retrospectivas. Durante a visita de **SET** à Academia, o cartaz era o clássico *Carícia Fatal*, de Lewis Milestone, integrando uma mostra dedicada aos grandes filmes lançados em 1939 (e que ano: *...E o Vento Levou, O Mágico de Oz, No Tempo das Diligências, Vitória Amarga...*).

O cinemão é complementado por dois espaços para exposições, preenchidos durante o mês de julho com uma mostra dedicada ao anime japonês. Artes originais, miniaturas, trechos de vídeos e cartazes recontando a história do estilo. (Antes que os marmanjos perguntem: sim, havia uma seção dedicada ao hentai, a animação erótica made in Japan.) Tudo bem a tempo de casar com a homenagem prestada pela instituição ao diretor Hayao Miyazaki (*A Viagem de Chihiro*), que participou em pessoa de um tributo realizado na sede da Academia. Era a primeira vez em décadas que o cineasta, comumente chamado de "o Walt Disney japonês", deixava seu país natal.

A PRÓXIMA PARADA NOS leva a um prédio não em Beverly, mas em Hollywood propriamente dita. O Pickford Center for Motion Picture Study fica na Vine Street, num quarteirão meio sujinho. O edifício não difere muito do que se esperaria de uma biblioteca pública qualquer. Exceto pelo fato de que dentro de suas dependências, que totalizam cerca de 40 mil metros quadrados, abrigam-se mais de 100 mil itens relativos à história do cinema, incluindo cópias de mais de 60 mil filmes. O acervo cinematográfico da Academia, iniciado em 1929, tem sua casa lá. Coleções particulares de figurões como Alfred Hitchcock, Cecil B. DeMille, George Stevens, Fred Zinnemann, Sam Peckinpah e Jim Jarmusch são administradas pela instituição, além da maior filmoteca de documentários da Américas (mais de 800 títulos), trailers, cinejornais, testes de estúdio, filmes científicos e material dos primeiríssimos anos do cinema.

Barbara Hall informa sobre o prédio, decorado sobriamente com mármores de tom esverdeado e muita madeira: "O Pickford Center fica no que hoje é o mais antigo edifício de Hollywood construído originalmente para produções de televisão. Artistas como Johnny Carson e Frank Sinatra apresentaram programas ao vivo direto deste prédio". Em 2000, após uma reforma de US$ 20 milhões, a Academia rebatizou a estrutura com o nome de Mary Pickford, uma das primeiras rainhas do cinema mudo, preservando as características históricas da construção. Um cinema para 286 pessoas, o Linwood Dunn Theater (uma homenagem ao inovador técnico de fotografia dos anos 30 e 40) é outro dos destaques do centro.

Se Mary Pickford batiza o coração da memória visual de Hollywood, seu eterno galã Douglas Fairbanks foi o escolhido para concentrar o, digamos, cérebro da Academia.

É no Fairbanks Center for Motion Pictures Study (e estamos de volta a Beverly Hills, no La Cienega Boulevard), que fica a Margaret Herrick Library. Ou, no popular, a biblioteca da Academia. O prédio, uma bela construção dos anos 30 situada em meio a uma linda área gramada, tem (adequadamente) um quê de igreja. "Era a estação de tratamento de águas de Los Angeles", diz Barbara, cujo lugar de trabalho é a biblioteca. "Viemos para cá em 1991, depois de uma reforma completa. Os filmes que hoje estão no Pickford Center ficavam guardados aqui, nos antigos tanques de água".

A ACADEMIA COMEÇOU a catalogar livros, periódicos, roteiros e outros materiais de produção em 1928. Resultado: hoje guarda um acervo de 32 mil livros, 35 mil pôsteres, 80 mil roteiros, 300 mil pastas com recortes de jornais e revistas... e cerca de 10 milhões de fotos, a maioria *stills* originais das produções. "E não temos artigos só de filmes que concorreram ou ganharam o Oscar, como alguns podem pensar", avisa Barbara. "Colecionamos informações sobre o cinema de todo o mundo". Entre revistas de cinema datadas de 1906 e desenhos de produção doados pela equipe de *Star Trek*, pode-se consultar (a biblioteca é toda informatizada e uma intranet cataloga toda o acervo), por exemplo, uma versão do roteiro de *O Poderoso Chefão* que inclui uma cena final que nunca foi filmada. Ou mais de 20 mil dossiês do comitê do Código Hayes, a comissão que decidia a classificação etária para exibição de todos os filmes americanos entre 1927 e 1967. Tudo sob a guarda espiritual de Margaret Herrick (1902-1976), a mulher que foi a primeira bibliotecária da Academia e diretora-executiva da instituição entre 1946 e 1971.

Samuel Goldwyn Theater – É neste cinema que os indicados ao Oscar são apresentados

Tudo isso em breve vai mudar, porém. Está prevista para 2012 a inauguração do AMMP – Academy Museum of Motion Picture (Museu de Cinema da Academia), que pretende divulgar de forma ainda mais ampla todo o material acumulado pelo pessoal que (não só) entrega o Oscar todo o ano. Numa área de 32 mil metros quadrados adjacente ao Pickford Center, estendendo-se da Vine Street ao La Cahuenga Boulevard, será erguido um espaço para exibições interativas, retrospectivas temáticas, mostras de memorabilia e estreias mundiais de filmes. OK, *that's entertainment* – e cultura também.

MARCELO CAJUEIRO

POR DENTRO DE PAULÍNIA

É ESTONTEANTE O COMPLEXO DO POLO CINEMATOGRÁFICO QUE NASCE NO INTERIOR DE SÃO PAULO

No doce sacolejo da van que levava a imprensa de Campinas a Paulínia, senti aquela sensação de relaxamento e aceitei o cochilo inevitável. Quando abri os olhos, os mesmos se arregalaram com a imagem impressionante de uma estrutura magnífica reluzindo na escuridão de um descampado.

Já me haviam alertado sobre a grandiosidade do teatro sede do Festival de Paulínia, com suas colunas gregas de gosto duvidoso. Imaginava um cinemão no meio de uma cidadezinha. Mas aquilo era uma cópia da sede do executivo do governo alemão em Berlim com um pedaço do Partenon acoplado à entrada.

E mais. Das escadarias da suntuosa edificação, desenrolava-se um tapete vermelho e encharcado pela garoa – afinal, estávamos perto de São Paulo – que pavimentava o caminho até a prefeitura da cidade. Margeando este rubro corredor, erguiam-se uma pequena arquibancada com uma plateia rarefeita que aguardava a passagem de vips do festival, e um palco ocupado por uma apresentação de um grupo infantil de dança folclórica.

Se o vírus da gripe suína se difundisse no saguão daquele teatro, a indústria cinematográfica brasileira seria momentaneamente paralisada. Todo mundo estava lá: Selton Mello, Breno Silveira, Roberto Faria, Mariza Leão, Vicente Amorim, Roberto Berliner, Marina Person, Débora Bloch, Heitor Dhalia, Nelson Hoineff, Roberto Santucci, Ademar Oliveira, Mário Diamante, Vânia Catani. Paulínia virou a Meca do cinema brasileiro e os cineastas se espremiam por entre aquelas colunas bregas com os islâmicos em torno da Pedra Negra.

Com apenas dois anos de existência, Paulínia atraiu as mais aguardadas estreias do ano. O motivo de tão forte seleção?

Tiago Rodrigues

Enquanto os outros festivais concedem parcos prêmios em dinheiro – muitos apenas troféus e apertos de mão – os paulinenses distribuíram R$ 650 mil. Simples assim.

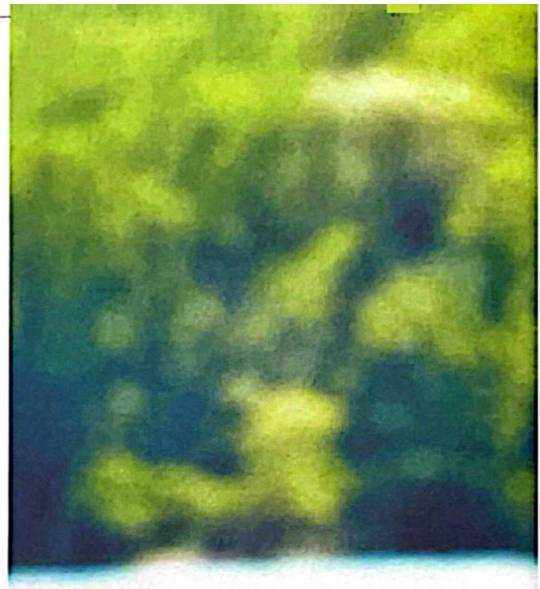
O festival é apenas a pontinha do iceberg do projeto de cinema de Paulínia. A ambição é redesenhar a economia da cidade, hoje dependente da Replan, maior refinaria do Brasil, e do polo petroquímico no seu entorno. Ao contrário dos "emirados" do Estado do Rio, que destinam os proventos dos royalties do petróleo para obras cosméticas, a prefeitura de Paulínia investiu parte de sua rechonchuda arrecadação, mais especificamente R$ 100 milhões, na construção de um polo cinematográfico.

Mais uma vez, tinha conhecimento da dimensão da infraestrutura criada na cidade. E, mais uma vez, eu me surpreendi com o que vi. Não falo dos dois grandes estúdios em operação, onde presenciei a montagem do set de *Chico Xavier*, nem dos três outros estúdios em construção. Também não me refiro ao investimento em editais de fomento de longas, sobre os quais já havia escrito no passado, ou à *film commission*. O que fez cair o meu queixo foi a escola de cinema. Inteiramente gratuita, a instituição é bancada pela prefeitura para formar mão-de-obra especializada. Os professores são da FGV-RJ e do Senac-SP. Não conheço todas as escolas de cinema, mas ouso afirmar que não há nada comparável no país. Oficinas para construção de cenários e figurinos, salas para formação de maquiadores, um estúdio profissional para a produção de curtas, um puta auditório para palestras e apresentações e um laboratório cheio de Macs para produção de animações. Tudo cheirando a novo. Tem muita gente se mudando para Paulínia para estudar na escola, me contou a diretora da instituição.

No que vai dar tudo isso? Bom, já está dando certo. Treze longas já foram parcialmente produzidos na cidade, inclusive *Salve Geral*, que foi 99% filmado lá. Mais 10 produções, agraciadas pelo último edital, preparam-se para filmar em Paulínia, exigência da prefeitura para liberar os recursos. Cabeças grisalhas do nosso cinema alertam que tantos outros ambiciosos projetos de polos cinematográficos naufragaram na história distante e recente da nossa indústria. Para citar um caso, o revolucionário pólo de Jacarepaguá, no Rio, opera 20 anos após o início da construção.

O sinal amarelo acendeu em Paulínia, quando, no exato dia da cerimônia de premiação do festival, a Justiça Eleitoral cassou o mandato do prefeito da cidade por irregularidades na campanha. O prefeito recorreu. A oposição, dizem, é contra o projeto de cinema da atual administração. Mas alguém pode pensar em jogar fora um investimento de R$ 100 milhões na criação de infra tão sofisticada?

MUNDO MORTO



A diretora Emily Young se veste de Veronika para falar do longa baseado no livro de Paulo Coelho: "A ideia de um novo começo após decidirmos terminar com a própria vida é interessante"

Carlos Helí de Almeida

A diretora inglesa Emily Young nunca havia lido um livro de Paulo Coelho quando os produtores da Das Films lhe ofereceram a direção de *Veronika Decide Morrer*, adaptação do romance homônimo do escritor brasileiro. Ainda fresca da boa repercussão de *Kiss Of Live* (2003), seu modesto longa-metragem de estreia, selecionado para a mostra Um Certo Olhar do Festival de Cannes daquele ano, a cineasta não queria perder a oportunidade de ganhar um upgrade na carreira, no vácuo da trajetória de um dos autores mais vendidos do planeta. "É claro que eu sabia um pouco sobre ele, da reputação da obra que ele vinha construindo, mas nunca lera nada dele antes, até porque não é o meu gênero de leitura. Só vim a ler o *Veronika* depois que eu recebi uma das primeiras versões do roteiro do filme", admite a diretora de 38 anos à **SET.**

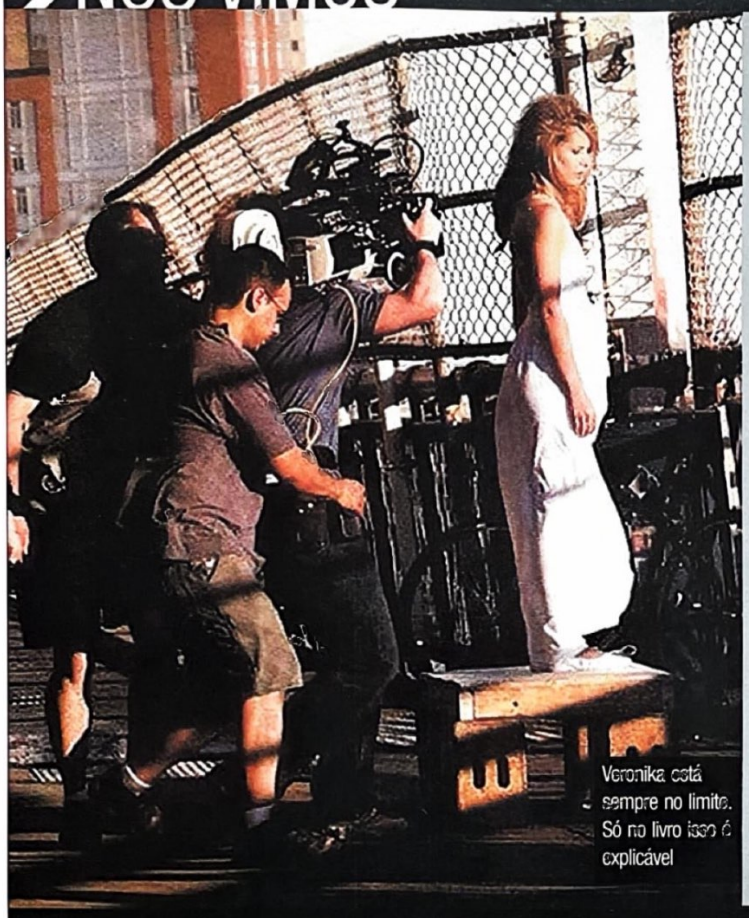
VA falta de familiaridade com o universo de Paulo Coelho não a impediu de descobrir afinidades com os temas que o autor costuma explorar em seus trabalhos. "Confesso que descobri no livro *Veronika Decide Morrer* não apenas uma boa mensagem, que é a busca por uma nova possibilidade de encarar a vida, mas também uma bela história. Eu me identifiquei com o caráter de conto de fadas da trama. Não sou uma pessoal mística, como Paulo, mas acredito numa dose de magia, a possibilidade do amor, dos caminhos inesperados que a vida toma", enumera Emily. Livro e filme contam a história de um jovem nova-iorquina aparentemente bem-sucedida na vida e na carreira que tenta o suicídio e acorda numa clínica psiquiatra particular. Os médicos a comunicam que a tentativa desesperada não foi exatamente um fracasso: o trauma afetou seriamente seu coração e agora ela tem poucas semanas de vida e que, provavelmente, morrerá enquanto estiver internada. Durante esse período, Veronika terá que lidar com as consequências de seu ato. "A ideia de um novo começo após decidirmos terminar com a própria vida é muito diferente e interessante", filosofa a diretora.

A personagem é interpretada por Sarah Michelle Geller, que até pouco anos ganhava cachês matando monstrengos no popular seriado de TV *Baffy – A Caça-Vampiros*. "A escolha de Sarah foi perfeita para o papel porque ela personifica a jovem moderna e, no filme, vemos uma mulher contemporânea que de repente se encontra em uma situação incomum, quase de outro mundo", afirma Emily.

Sarah Michelle Geller até pouco tempo matava monstrengos. Agora é Veronika

A mais trabalhosa dessas fases foi chegar a um roteiro – assinado, oficialmente, por Larry Gross e Roberta Hanley – que agradasse a todas as partes envolvidas. A mudança mais marcante foi a transposição da história, que se passa na exótica Eslovênia, para a Nova York contemporânea. "Ao trazermos o drama de Veronika para uma grande cidade americana, aumentamos o contraste com o quê de conto de fadas que existe no livro. Nova York é mais real, o que dá ao filme uma atmosfera mais realista. É como trouxemos Veronika, uma típica garota dessa cidade, para esse mundo estranho", explica Emily.

Nem tudo parece ser o que é em *Veronika Decide Morrer*. Funcionários e pacientes da clínica, numa área erma e afastada de grandes centros na margem do Rio Hudson, agem como se relutassem a fazer contato com o mundo real. O mais misterioso é Dr. Blake (David Thewlis, o Remus Lupin da franquia Harry Potter), o diretor da instituição, que parece fazer dos internos cobaias de suas pesquisas. A revelação da doença fatal de Veronika revela-se um truque para uma de suas teses: a de que o temor da morte a fará encarar ávida de outra forma. "A ideia era transmitir a impressão de que aquele hospital muito peculiar pudesse estar em qualquer lugar do planeta", avisa Emily. Forçada a conviver com outros dramas na clínica, como a do jovem Edward (Jonathan Tucker), catatônico e mudo desde que causou a morte da namorada num acidente de carro, Veronika passa a recuperar o amor pela vida, alimentando o desejo de aproveitar os últimos dias que lhe restam. O elenco ainda tem Melissa Leo, indicada ao Oscar de Melhor Atriz pela performance no drama independente *Rio Congelado* (2008), de Courtney Hunt. "Para um segundo longa, é um time dos sonhos, não?".



Veronika está sempre no limite. Só no livro isso é explicável

Ninguém entende a Veronika

É complicado entender os problemas emocionais da moça

A primeira adaptação para o cinema extraída da obra literária de Paulo Coelho não fica à altura das expectativas nem dos fãs do escritor, nem dos cinéfilos mais curiosos. O romance escolhido para inaugurar a entrada do mais bem-sucedido escritor brasileiro no cinema, *Veronika Decide Morrer*, deu origem a um roteiro que não consegue captar a angústia existencial do personagem-título. O resultado é um filme que simplesmente não comove o espectador. Veronika (Sarah Michelle Gellar, a sumida Buffy do seriado homônimo) é a jovem bem-sucedida, aparentemente estável e feliz, que um belo dia resolve – ou melhor, decide – se suicidar. Diagnóstico: uma angústia inexplicável, que só pode ser resolvida com a morte. No entanto, Veronika não consegue seu objetivo: a overdose de comprimidos não a mata, mas na verdade encurta, indiretamente, sua vida. Com a ajuda do médico que a trata no sanatório (David Thewlis), a moça encara os dias que lhe restam, lutando entre a deprê e uma tentativa de recuperar a vontade de viver.

O que quer que poderia haver de "magia" nos escritos originais de Coelho se perde na transição feita pela cineasta Emily Young (do pouco conhecido por aqui *Kiss of Death*). Não se cria uma empatia entre o público e os personagens; fica difícil entender as razões de Veronika ou mesmo se identificar com seus abismos emocionais. Agora é esperar que as futuras adaptações dos best-sellers de nosso mago tenham melhor sorte.

(Rubens Lima Jr.)

NOTAS

O MAGO QUER ENFEITIÇAR O CINEMA

Filmes baseados em livros de PAULO COELHO como *O alquimista* e *Onze minutos* começam a pipocar por aí

Em maio passado, Paulo Coelho passou pelo Festival de Cannes para promover o projeto *A Bruxa de Portobello*, filme baseado num de seus best-sellers, construído a partir de contribuições de internautas. Em junho de 2008, Coelho convidou cineastas de todas as partes do mundo a pôr no MySpace suas interpretações sobre as 15 histórias de Athena, jovem com poderes proféticos, contidas no livro. O portal recebeu mais de 6 mil inscrições, das quais 15 foram selecionadas. O resultado ganhará premiére mundial no próximo Festival de Roma (outubro).

Em Cannes, o escritor aproveitou também para se atualizar sobre a longa gestação da adaptação de *O Alquimista*, agora sob responsabilidade do produtor norte-americano Harvey Weinstein. Os direitos sobre *O Alquimista*, um dos maiores sucessos de venda do escritor, andaram trocando de mãos desde a virada do século. Durante anos esteve nas mãos do ator Laurence Fishburne, que pretendia fazer dele sua estreia na direção. Ano passado, Weinstein anunciou em Cannes que estava assumindo o projeto, ainda com Fishburne à frente das câmeras, mas agora com um orçamento de US$ 60 milhões. O plano sofreu um revés depois que Fishburne aceitou o convite para substituir Willaim Petersen na popular série de TV *CSI*.

Muito antes de *O Alquimista* ficar pronto, outras versões dos livros de Coelho chegarão aos cinemas. Outra que tem chance de vencer a corrida contra a produção de Weinstein é *Onze Minutos*, que começa a ser rodado ainda este ano, tendo como diretor o palestino Hany Abu-Assad, de *Paradise Now*. Lançado em 2003 e já traduzido para mais de 40 idiomas, o livro fala de uma jovem brasileira que, desiludida no amor, vai para Genebra ganhar a vida como garota de programas. A brasileira Alice Braga, o francês Vincent Cassel e o americano Mickey Rourke estão no elenco.

Coelho (E) e Fishburne: o ator quase foi *O Alquimista*

EDUARDO SOUZA LIMA

ENTRE RYAN REYNOLDS E BRANDON ROUTH

ESSES CARAS ESTÃO MANDANDO NUMA SEARA QUE NEM O GÊNERO PODE MEDIR

Ryan Reynolds já é o herói de muita gente; afinal, o cara está casado com a espetacular Scarlett Johansson. Mas agora o cara vai poder usar também o prefixo super. O ator canadense, de 32 anos, caiu no gosto da rapaziada ao interpretar Hannibal King de *Blade: Trinity* (2004), e sacou que tinha um filão a ser explorado. Seu nome volta e meia aparecia ligado a algum projeto de filme de super-herói e quadrinhos – como o do *Flash* – até que ele arrumou uma vaguinha no do Wolverine. De novo agradou, e já se fala de um longa-metragem solo de seu personagem, o mutante tagarela Deadpool. Só que sua grande chance veio da DC e da Warner, as maiores rivais da Marvel de da Fox. Reynolds foi escolhido para vestir a máscara do *Lanterna Verde* (Green Lantern), no longa-metragem que é a grande aposta da editora e da produtora americanas no gênero para 2011 – deve estrear em 17 de junho. Para quem não conhece: o Lanterna Verde Hal Jordan foi criado por John Broome e Gil Kane e estreou nas bancas na revista *Showcase*, número 22, de outubro de 1959. Jordan é um audaz piloto de testes que é escolhido para suceder ao finado alienígena Abin Sur no cargo de Lanterna Verde – uma espécie de policial interplanetário – no setor 2814 do espaço, onde fica a Terra. Sua arma é considerada a mais poderosa do universo: um anel de energia verde que é capaz de fazer praticamente tudo, limitada apenas pela força de vontade do usuário. A DC e a Warner estão fazendo o trabalho de casa bonitinho: contrataram um bom diretor de filme de ação, Martin Campbell (dos 007s *GoldenEye* e *Cassino Royale*) e dois roteiristas experimentados nos quadrinhos, Marc Guggenhein (que escreveu histórias do *Wolverine* e do *Homem-Aranha*) e Michael Green (produtor das séries *Heroes* e *Smallville*). É um filme que tem um baita potencial, pode virar uma série de aventura no espaço do tipo *Guerra nas Estrelas*. Reynolds ganhou sozinho na megassena: de coadjuvante, virou astro de produção de ponta. Não vai ter nem filme novo do *Batman*, nem do *Super-Homem* para fazer concorrência. E ainda por cima fisgou a Scarlett Johansson: ela trabalhou em *Ghost World*, escrito por Daniel Clowes, no *Spirit* do Frank Miller, e vai ser a Viúva Negra de *Homem-de-Ferro 2*. Reynolds tem tudo para ser O Cara em 2011.

Escrevo "tem tudo para ser" por causa de um certo Brandon Routh. O ator, hoje com 29 anos, era um garoto desconhecido quando foi escolhido por Bryan Singer para estrelar *Superman Returns* (2006). Ele seria O Cara; porém o filme, que marcaria a volta triunfal do herói kryptoniano às telas, foi um tremendo fracasso. Muita gente criticou seu trabalho, mas ele não teve culpa nenhuma. Não tinha erro: Singer tinha dirigido para a Marvel os dois primeiros e muito bem-sucedidos – de público e de crítica, coisa rara – *X-Men* e prometida ser fiel ao espírito dos filmes de Richard Donner e Richard Lester, de 1978 e 1980. Foi fiel demais e anacrônico. O herói havia sido reformulado nos anos 80 pelo quadrinista John Byrne: não fazia o menor sentido o homem mais poderoso do planeta se fingir de bobalhão. Byrne corrigiu o exagero, mas Singer não o seguiu. Sendo uma continuação dos filmes de 1978 e 1980, lá estava Clark Kent com cara de bocó. E Routh só foi escolhido para o papel porque era parecido com Christopher Reeves, que interpretou o herói nos filmes originais. Não se sabe quando e se haverá um novo *Superman* e Routh foi para o limbo dos atores com pinta de mané de um papel só.

Em *Death Of The Night*, pelo menos, o ator não é fisicamente parecido com o personagem. No filme, produzido pela pequena Arclight, com orçamento modesto, ele interpreta Dylan Dog, o Detetive do Pesadelo, sempre às voltas com zumbis, vampiros e lobisomens. O herói foi criado pelo italiano Tziano Sclavi, em 1986, para a Sergio Benelli Editore. Não são bons os augúrios: o roteiro é de Thomas Dean Donnely e Joshua Oppenheimer, do fraquinho *Sahara* (2005, aquele com Matthew McConaughey e Penelope Cruz) e a direção, de Kevin Munroe, das *Tartarugas Ninjas* (2007). Como aconteceu com o *Constantine* de Keanu Reeeves, pouco deve restar do Dylan Dog original. Nem mesmo o seu fiel parceiro Groucho estará na história, por causa de direitos autorais; quem o substituiu é Marcus, curiosamente interpretado pelo Jimmy Olsen de *Superman Returns*, Sam Hungtington. É bom lembrar que o descaracterizado *Constantine* foi um sucesso inesperado em 2005. Cinema é magia.

Esta estreia você não poderá perder

CLUBE DO ASSINANTE SET

SUA REVISTA DE CINEMA em breve muito mais próxima de você!

Pré-estreias exclusivas para assinantes

Senha para a acesso a informações exclusivas no site

Newsletter semanal por e-mail

Fóruns de discussões sobre cinema e reportagens da revista

Descontos na loja virtual SET no nosso site

Se você já é assinante da SET, acesse **www.revistaset.com.br** e cadastre o seu e-mail agora mesmo.

Assine SET e faça parte deste clube!

O MITO CAI POR TERRA

Ao mostrar o fim de Guevara, segunda parte do épico sucumbe à derrota e à desilusão

Muitos meses de espera separaram o lançamento no Brasil de *O Argentino* – a primeira metade da monumental cinebiografia de Ernesto 'Che' Guevara dirigida por Steven Soderbergh – e o de *A Guerrilha*, a conclusão da saga, em cartaz nos cinemas. O longo intervalo entre os dois lançamentos, no entanto, não consegue apagar a impressão de um certo desequilíbrio narrativo entre as duas partes. O início da narrativa mistura momentos da primeira visita de Guevara (interpretado por Benicio Del Toro) aos Estados Unidos, em 1964, ocasião em que discursou na sede da Organização das Nações Unida , com a recriação de seu envolvimento com os irmãos Fidel (Demián Bichir) e Raúl (o brasileiro Rodrigo Santoro) Castro, comandantes das forças revolucionárias que derrubaram o governo do ditador Fulgencio Batista, em 1959. A história é conduzida com um tom épico e enérgico. Em comparação, *A Guerrilha* traz como clima dominante um tom de derrota e desilusão. Aparentemente, Soderbergh teria sucumbido ao destino trágico de seu

Soderbergh se esforça para tomar distância do ser humano Che

personagem, capturado e executado por soldados do exército boliviano em 1967. Este segundo filme começa em 1966, quando Guevara, já um mito vivo da revolução socialista, desaparece de Cuba. Toma o rumo d África, onde pretendia difundir naquele continente os ideais revolucionários. Frustrado em suas intenções, volta para a América Latina e infiltra-se na Bolívia, articulando de lá uma milícia de inspiração nos moldes da operação que resultou na reviravolta cubana.

CHE: PART TWO, ESPANHA/FRANÇA/EUA, 2008. DE STEVEN SODERBERGH. COM BENICIO DEL TORO, CARLOS BARDEM, DEMIAN BICHIR. 135 MIN. WWW.CHE-MOVIE.CO.UK. DRAMA.

Em entrevistas quando do lançamento internacional da cinebiografia, o cineasta disse que sua abordagem de Guevara se concentraria não em seu papel na revolução cubana, e sim na figura humana do médico tornado combatente. Soturno e denso, o filme parece se esforçar para tomar distância do personagem como ser humano, destacando as nuances que ajudaram a torná-lo um mito histórico. É um processo inverso ao adotado por Soderbergh em *O Argentino*, que se fragmentava em torno das várias facetas de Che – como o jovem corajoso, o guerrilheiro o sonhador, o guerreiro, o amigo, e até sua imagem como figura pública. A mudança de ritmo e abordagem do diretor, entretanto, não afeta a performance de Del Toro, premiado como melhor ator em Cannes de 2008, que encarna todos os conflitos internos de seu personagem com a bravura esperada dos grandes intérpretes. **(Carlos Helí de Almeida)**

NOTA: 6

FALANDO GREGO

Nia Vardalos acertou no milhar com *Casamento Grego* (do qual era atriz e roteirista). Nunca mais conseguiu repetir o mesmo sucesso, apostando erradamente em bombas como *Eu Odeio o Dia dos Namorados*, recentemente exibido por aqui. Em *Falando Grego*, a moça até consegue se redimir, apesar de seguir, quase à risca, a fórmula das comédias românticas anteriores. Ela vive uma americana apaixonada por História Antiga – tão apaixonada que vira guia turística nas ruínas da Grécia. Frustrada com o trabalho e solitária, embarca em mais uma tour carregada de turistas chatos. Mas acaba encontrando o amor literalmente entre os escombros. Visivelmente feito a toque de caixa, com elenco quase todo anônimo e roteiro simplório explorando os choques culturais entre os gregos e os gringos, o filme ganha o espectador pela despretensão. Nia já passou da idade de ser mocinha inocente em comédias românticas, mas seu sorriso ainda é genuinamente cativante. Mas a maior surpresa é comprovar, nos créditos, a identidade do coroa gorducho e piadista que aporrinha o ônibus da excursão: sim, é Richard Dreyfuss. **(Marco Antonio Barbosa)**.

MY LIFE IN RUINS, EUA/ESPANHA, 2009. DE DONALD PETRIE. COM NIA VARDALOS, RICHARD DREYFUSS, ALEXIS GEORGOULIS, RACHEL DRATCH. 95 MIN. COMÉDIA.

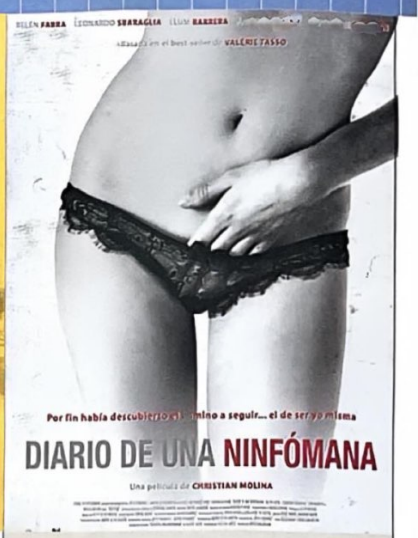
NOTA: 6

GESTO OBSCENO

O ponto de partida de *Gesto Obsceno* é a violência – que mesmo um simples movimento de mãos mais ofensivo pode acabar desencadeando. É o que se vê na história vivida por Michael Klienhouse (Gal Zaid), um pai de família comum que vê sua vida ameaçada depois de um desentendimento no trânsito; um misterioso motorista arranca a porta de seu carro depois de ser ofendido por sua esposa. Rodado em Israel, o longa faz uso da câmera na mão e de uma edição certeira, que dispensam artifícios hollywoodianos. De forma simples, *Gesto Obsceno* mantém o clima de suspense em tom sempre crescente. O roteiro (escrito pelos próprios atores Zaid e Ya'ackov Ayali) deixa exposto a perda dos valores éticos e a ineficiência da lei, abordando como os israelenses precisam enfrentar a intolerância entre semelhantes – ainda que ao som constrangedor das sirenes do Dia da Memória, que em Israel homenageia soldados mortos e vítimas do terrorismo. A insólita solução que o protagonista encontra para seu estranho dilema debocha dos clichês típicos do gênero. **(Eduardo Frota)**

TNU'A MEGUNA, ISRAEL, 2006. DE TZAHI GRAD. COM GAL ZAID, YA'ACKOV AYALI, ANIA BUKSTEIN, TAL GRUSHKA, RIVKA MICHAELI, KEREN MOR. 100 MIN. WWW.FOULGESTURE.COM. COMÉDIA DRAMÁTICA.

NOTA: 7



DIÁRIO PROIBIDO

Na sequência inicial de *Diário Proibido*, a avó da protagonista Valére diz à neta que, em sua época, só havia dois caminhos para uma mulher: o casamento ou a prostituição. A partir daí o libelo pseudo-feminista que é a premissa do filme já começa a desandar, destroçado pela culpa que a personagem demonstra por se manter sexualmente ativa sem ter um parceiro fixo. Adaptação do best seller *Diário de Uma Ninfomaníaca*, que narra as aventuras sexuais da autora francesa Valére Tasso, o longa é tão sutil quanto um episódio da série softcore *Emmanuelle* – de onde parece derivar a edição de suas cenas sensuais. De previsível, o roteiro passa à total obviedade quando Val decide se casar para refrear seu desejo. O matrimônio logo naufraga e a personagem se torna uma prostituta de luxo, seguindo a "vocação" lapidada em sua constante busca pelo prazer. Ora, Catherine Deneuve fez esse caminho com muito mais charme há mais de 40 anos. Nem mesmo a entrega da bela atriz Belén Fabra à personagem, que passa a maior parte do filme despida de roupas e preconceitos, consegue capturar o interesse do espectador. Melhor esperar pela cinebiografia de Bruna Surfistinha, que é coisa nossa. **(Nelson Gobbi)**

DIARIO DE UNA NINFÓMANA, ESPANHA, 2008. DE CHRISTIAN MOLINA. COM BELÉN FABRA, LEONARDO SBARAGLIA, LLUM BARRERA, GERALDINE CHAPLIN. 95 MIN. WWW.DIARIODEUNA NINFOMANA LAPELICULA.COM. DRAMA.

NOTA: 4

GIGANTE

Há algo de original neste despretensioso e humano terceiro longa de Adrián Biniez, argentino radicado no Uruguai. Operando com simplicidade, Biniez nos dá a vida de um homem grande, doce e solitário, mas sem os violinos, as furtivas lágrimas de canto de olho ou a desgraça que parece vicejar aqui entre nós, os latinos. O gigante em questão, o simpático Jara, é um homem cheio de doçura nos olhos e timidez selvagem. Segurança noturno de um hipermercado em Montevidéu, apaixona-se por uma faxineira, sua colega de trabalho. Jara não consegue se aproximar da moça e opta por segui-la, à distância, através do monitor de TV ou pelas ruas da capital uruguaia.

GIGANTE, URUGUAI/ ARGENTINA/ALEMANHA / ESPANHA, 2009. DE ADRIÁN BINIEZ. COM HORACIO CAMANDULE, LEONOR SVARCAS, FERNANDO ALONSO, DIEGO ARTUCIO, ARIEL CALDARELLI, FABIANA CHARLO. 84 MIN. DRAMA.

Biniez filma com propriedade. Molda o silêncio e não devaneia com a câmera tremulante nas mãos. De desempenho quase minimalista, seu protagonista, o ator de teatro Horacio Camandulle, diz sem falar: ouvimos sua respiração e assistimos a seus olhos. Não carecemos do diálogo longo e profuso, que explica o que foi feito para ser visto. Biniez faz de um roteiro mínimo uma imensa (e intensa) experiência cinematográfica. **(Filipe Quintans)**

NOTA: 8,5

SE NADA MAIS DER CERTO

"O nosso medo de assumir riscos nos deixa viciados no depois", conclui a andrógina Marcin, interpretada com garra por Carol Abras. No longa de José Eduardo Belmonte, vencedor da última edição do Festival do Rio, ninguém tem qualquer sinal de garantia à vista. Todos parecem esgotados, à beira do abismo, mergulhados em torpor. São legítimos representantes de uma classe média falida que, diante da falta de perspectivas, passam a flertar com a marginalidade.

BRASIL, 2009. DE JOSÉ EDUARDO BELMONTE. COM JOÃO MIGUEL, CAUÃ REYMOND, CAROLINE ABRAS, LUIZA MARIANI. 120 MIN. WWW.SENADAMAISDERCERTO.COM.BR. DRAMA.

Belmonte interliga a desestabilização dos personagens (acompanhados por uma câmera instável) com a decadência do mundo contemporâneo, marcado pela ausência de ideais e pelo culto a celebridades vazias. O único consolo está na chance de formar uma família substituta, nem que seja a partir da ruína – o mais perceptível ponto em comum entre os que atravessam a tela. *Se nada mais der certo* traz características presentes em outros trabalhos de Belmonte (as falas sussurradas, uma certa obsessão por espelhos, a opção por imagens fugidias, às vezes difíceis de reter), mas confirma a força do seu cinema. **(Daniel Schenker)** NOTA: 9

A VERDADE NUA...

Galã brucutu salva comédia romântica muito previsível

A Verdade Nua e Crua começa de modo tão previsível que é impossível evitar o enfado nos primeiros 20 minutos de projeção. Katherine Heigl incorpora um personagem que um rascunho rejeitado por Sandra Bullock: Abby, uma esforçada produtora de televisão que vive solitária. Espanta os homens com suas exigências porque, na verdade, está à espera do príncipe encantado. O roteiro (espantosamente, escrito por três mulheres!) segue totalmente sem surpresas mesmo depois da entrada em cena de Mike Chadway (Gerard Butler), que apresenta um talk-show televisivo com o mesmo título do filme. Mike é grosseiro, machista, sem papas na língua – tudo o que Abby detesta (ou diz detestar) num homem. Mas também tem bíceps bem torneados e uma máscula barbinha malfeita... Claro que os dois acabam trabalhando juntos. E ao mesmo tempo em que Mike tenta explicar a "feia verdade" acerca dos homens para Abby, ajudando-a a conquistar um possível pretendente, os dois acabam se apaixonando...

O que, então, salva da cova rasa este longa de Robert Luketic (*Legalmente Loura*)? Apenas a inspiradíssima presença de Gerard Butler. O astro de *300* pode não ser muito mais do que um brucutu sorridente. Mas o evidente gosto com que se entrega a seu papel, recheado de falas e cenas estapafúrdias e exageradas, redime o fraco conjunto costurado por Luketic. Ainda que seu personagem reduza-se, no fim, a um dos mais velhos chavões da comédia romântica: o machão que esconde, por trás da casca grossa, um coração ferido. Ao menos, mais simpático do que sua chata parceira.

THE UGLY TRUTH, EUA 2009. DE ROBERT LUKETIC. COM KATHERINE HEIGL, GERARD BUTLER, CHERYL HINES. 96 MIN. WWW.THEUGLYTRUTH-MOVIE.COM. COMÉDIA ROMÂNTICA.

(Marco Antonio Barbosa)

NOTA: 4

A ÓRFÃ

O público já se cansou de garotinhas com olhares maquiavélicos em longas de terror

Adotar uma criança é um gesto belo e nobre, certo? Para o diretor Jaume Collet-Serra também pode ser muito perigoso. Depois de abortar durante a gestação de seu terceiro filho, Kate Coleman (a charmosa Vera Farmiga, revelada por Martin Scorsese em *Os Infiltrados*), decide incorporar à sua família a pequena Esther (Isabelle Fuhrman), uma russa de 9 anos que ela e o marido encontram no orfanato local e trazem para casa dispostos a dar todo seu amor. Desde o início, fica claro para o espectador que se trata de uma psicopata precoce – fato que os filhos legítimos de Kate não demorarão a perceber.

Dá para entender por que o filme causou polêmica entre as comunidades de adoção americanas. Frases politicamente incorretas como "Deve ser difícil amar um filho adotivo como se fosse seu" dão ideia do tamanho da controvérsia. Os estúdios já ousaram diversas vezes ao colocar crianças assassinas (criando até uma espécie de sub-gênero dentro do thriller com serial killers), mas parece ser a primeira vez que usam a figura de orfãos adotados. A medida soa como uma tentativa desesperada para dar gás a um gênero já desgastado demais.

Não é suficiente, porém, para Collet-Serra tirá-lo do buraco. O talentoso cineasta já havia chamado atenção com o surpreendente *A Casa de Cera*, disparada melhor produção da Dark Castle, que redimensiona o *slasher movie* regurgitando todos os seus clichês com muita ironia e um alucinado e poético virtuosismo visual (ah, o ridículo olhar bovino de Paris Hilton antes de morrer...). É verdade que em *A orfã* o diretor tenta mais uma vez dar o pulo do gato com uma solução maluca e sobrenatural que transforma seu filme numa autêntica obra de terror... Mas não adianta. Aqui, os clichês não passam de clichês e os efeitos de assinatura não criam a tensão necessária. Antagonistas infantis sedentos por sangue já estão começando a cansar a beleza dos espectadores, assim como conflitos edipianos e aquele olhar terrível de menina manipuladora e maquiavélica – que a jovem Isabelle Fuhrman, justiça seja feita, até que domina bem. (**Bolívar Torres**)

ORPHAN, EUA, 2009. DE JAUME COLLET-SERRA. COM ISABELLE FUHRMAN, VERA FARMIGA, PETER SARSGAARD. 123 MIN. ORPHAN-MOVIE.WARNER BROS.COM/. TERROR.

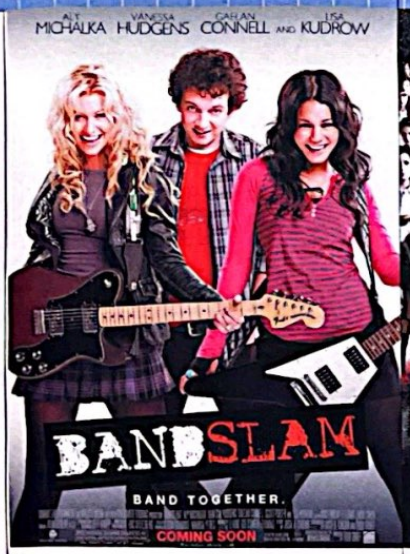
NOTA: 4

G.I.JOE – A ORIGEM DE COBRA

Sintam o drama: a maior surpresa de *G.I. Joe– A origem de Cobra* é ver a Torre Eiffel, símbolo máximo francês, vir abaixo depois de um ataque terrorista. Sendo que, historicamente, os monumentos de Nova York são os preferidos de 10 entre 10 filmes do gênero. De resto, tudo é muito previsível no longa-metragem de Stephen Sommers, inspirada numa coleção de brinquedos (por aqui conhecido como Comandos em Ação) que já rendeu revistas em quadrinhos e um seriado de animação na TV. É desconcertante, por exemplo, a desproporção entre o dinheiro investido em cenários e gadgets de cena e o nível rasteiro dos diálogos e das caracterizações. Para a nova franquia que o realizador da série *A Múmia* inicia aqui – e o desfecho não faz suspense algum sobre isso – é distrair o espectador com máquinas incríveis e situações mirabolantes enquanto um elenco de segunda, que tem em Dennis Quaid o nome mais conhecido, dá conta de um fiapo de história envolvendo uma força militar especial, um comerciante de armas e uma organização criminosa misteriosa. (**Carlos Helí de Almeida**)

G.I.JOE :THE RISE OF COBRA, EUA, 2009. DE STEPHEN SOMMERS. COM CHANNING TATUM, DENNIS QUAID, SIENNA MILLER. 118 MIN. WWW.GIJOEMOVIE.COM. AÇÃO.

NOTA: 4

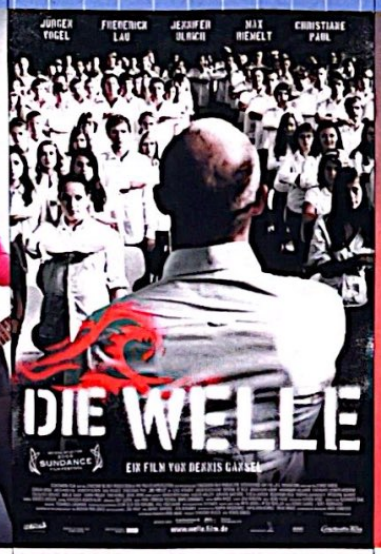


HIGH SCHOOL BAND

Aproveitando a franquia de musicais adolescentes rodados em colégios, *High School Band* tenta dar uma roupagem mais rock ao sonho de estrelato da garotada. O roteiro conta a história de um jovem que usa seus conhecimentos teóricos sobre música para ajudar uma banda a vencer um disputado concurso. O filme começa bem, com uma série de citações a ícones do rock, como David Bowie, Velvet Underground e Violent Femmes. Tinha tudo para dar certo. O problema é quando surgem os números musicais. **(Eduardo Frota)**.

BANDSLAM. EUA, 2009. DE TODD GRAFF. COM ALYSON MICHALKA, VANESSA HUDGENS. 111 MIN. WWW.BANDSLAM MOVIE.COM. MUSICAL.

NOTA: 2



A ONDA

Rodado para a TV, em 1981, *The Wave*, a adaptação cinematográfica para o livro do escritor Todd Strasser, ganhou, em 2008, uma diferente e atualizada versão. Captado pelo jovem diretor alemão Dennis Gansel, o longa baseia-se num experimento real montado em sala de aula para ilustrar como funciona o sistema ideológico que suporta regimes totalitários e fascistas como o nazismo. Adaptado a Berlim dos anos 2000, o diretor acerta a mão ao registrar o vazio de sentidos típico da geração web 2.0. **(Luiz Felipe Reis)**.

DIE WELLE, ALEMANHA, 2008. DE DENNIS GANSEL. COM JÜRGEN VOGEL, FREDERICK LAU. 107 MIN. DRAMA.

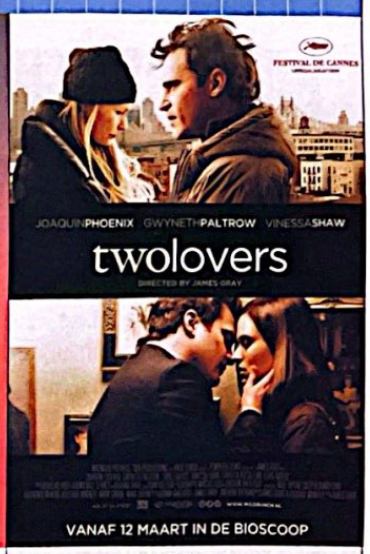
NOTA: 8

REZE PARA O DIABO...

Premiado como melhor documentário no Festival de Tribeca em 2008, *Reze para o Diabo Voltar ao Inferno* é um filme tão corajoso quanto as mulheres cujas histórias são contadas na tela. Em plena guerra civil na Libéria, surge um movimento pela paz liderado por simples donas de casa. E foram capazes de mudar o rumo do conflito. Sem apelar para o sentimentalismo, a história narrada pela diretora Gini Reticker é um exemplo para o mundo. **(Rubens Lima Jr.)**

PREY THE DEVIL BACK TO HELL. EUA, 2009. DE GINI RETICKER. COM JANET JOHNSON BRYANT, ETWEDA COOPER, VANDA FLOMO. 72 MIN. WWW.PRAYTHEDEVILBACKTO HELL.COM. DOCUMENTÁRIO.

NOTA: 8



AMANTES

Em seu terceiro longa, o diretor americano James Gray volta a deixar claro que prefere seguir a escola da narrativa clássica hollywoodiana a sucumbir aos delírios da era digital. *Amantes* descreve o sofrido triângulo amoroso formado por um jovem depressivo (Joaquin Phoenix), sua vizinha neurótica (Gwyneth Paltrow) e a filha boa-moça (Vinessa Shaw) dos amigos dos pais dele. É um drama sem artifícios de câmera, centrado nas ambiguidades e neuroses dos personagens e na complexidade da relação entre eles. Admirador de François Truffaut, Alfred Hitchcock, George Cukor e outros mestres da narrativa, Gray procura tratar o relacionamento amoroso sem os clichês típicos dos filmes românticos – ou, no caso de *Amantes* – dos dramas sobre personagens com problemas mentais. A história cria espaço para o espectador observar as angústias dos personagens sem guia-los pelo caminho do previsível. Além do trio de protagonistas – impecável – destaque também para Isabella Rosselini no papel da mãe judia do rapaz que, apesar do pequeno tempo de tela, transmite a profundidade de sua relação com o filho. **(Carlos Helí de Almeida)**.

TWO LOVERS, EUA, 2008. DE JAMES GRAY. COM JOAQUIN PHOENIX, GWYNETH PALTROW, VINESSA SHAW, ISABELLA ROSSELINI. 110 MIN. WWW.TWOLOVERS MOVIE.COM. DRAMA.

NOTA: 7

O JÚRI

	Alessandro Gianni UOL Cinema	Carlos H.de Almeida SET	Celso Sabadin Cineclick/Radio Bandeirantes	Daniel Schenker Jornal do Brasil	Marcelo Cajueiro Variety	Marco A. Barbosa SET	Pedro Butcher Plano B	Renata Boldrini Radio O Rio	Rodrigo Fonseca O Globo	Tom Leão O Globo	
À Deriva	6	6	8	6,5	-	6	4	8	10	6	6,5
A Era do Gelo 3	2	-	4	-	-	5	7	8	8	4	5,5
Arrasta-me para o Inferno	-	6	-	6	-	7,5	6	-	8	10	7
Brüno	-	-	-	-	-	-	-	7	7	6	7
Confissões de uma Garota...	-	-	5	-	6	-	6	-	5	5	5,5
G.I. Joe	-	5	7,5	-	7	3	7	-	9	8	6,5
Harry Potter e o Enigma...	5	6	8	-	-	4	-	7	2	9	6
Inimigos Públicos	8	8	8	5,5	-	4	-	-	9,5	7	7
A Mulher Invisível	6	7	7	5	-	7,5	-	9	7	-	7
Moscou	7	6	3	8	-	7	-	-	2	-	6

HERBERT DE PERTO

Documentário mostra capacidade de superação do cantor dos Paralamas do Sucesso

No documentário *Herbert de Perto*, os diretores Roberto Berliner e Pedro Bronz investem num recorte já explicitado no próprio título: abordar a trajetória do músico Herbert Vianna, da infância em João Pessoa (Paraíba) nos anos 60, passando pela adolescência em Brasília e a chegada ao Rio de Janeiro, onde foi formada, com Bi Ribeiro e João Barone, a banda Os Paralamas do Sucesso, até culminar no acidente de ultraleve que o deixou paraplégico e vitimou sua mulher, Lucy Needham, em 2001.

De um lado, por exemplo, há um jovem excessivamente autoconfiante; de outro, há alguém que é solidário aos artistas que foram alvejados por objetos durante o primeiro Rock in Rio (1985). A lição de moral pública dá o tom de um rapaz que engatinhava na profissão, mas mostrava personalidade. Berliner e Bronz destacam a capacidade de superação de Herbert diante da tragédia. E também seu olhar luminoso lançado em direção à cidade, evidente, por exemplo, no instante em que fala sobre a Favela da Maré ("uma megabomba lacrimogênea na minha alma – mas uma bomba do bem"), que atravessava todos os dias a caminho da faculdade na Ilha do Fundão e que acabou servindo de motivação para a composição de *Alagados*. Entretanto, através da figura de Herbert Vianna, os dois cineastas descortinam um panorama do rock nacional. Mostram como uma cidade artificial como Brasília acabou se tornando o berço de algumas das bandas mais representativas do rock brasileiro dos anos 80; assiste ao surgimento de tantas outras e a delicada passagem para a década de 90, quando, conforme dizem em determinado momento do filme, "parecia que tinha passado a hora do rock no Brasil". Projetos como o de *Herbert de Perto*, além de integrarem a atual onda de documentários sobre grupos musicais, talvez possam ser incluídos numa certa vertente que evoca, sem traços de amargura, a cultura daqueles efervescentes anos 80. **(Daniel Schenker)**

BRASIL, 2006. DE ROBERTO BERLINER E PEDRO BRONZ. COM HERBERT VIANNA, BI RIBEIRO, JOÃO BARONE. 60 MIN. DOCUMENTÁRIO

NOTA: 7

UM NAMORADO PARA MINHA...

O que acontece quando um homem, desesperado com a falta de tesão, a tagarelice e o mau humor de sua mulher, decide encerrar o casamento? Conselhos e discussões intermináveis travadas com os companheiros do futebol disputado ao fim do expediente, ensaios obsessivos de uma simples frase: "Quero me separar", a pesquisa e contratação dos serviços de um canastrão profissional especializado em seduzir mulheres casadas, além do pagamento às escondidas, através de um trato com um amigo, de um salário para uma vaga de locutora numa estação de rádio para a mulher. Dirigido pelo argentino Juan Taratuto, *Um Namorado para Minha Mulher* combina comédia de costumes e melodrama, ambos em boa medida, para ilustrar a relação, à beira do abismo, de um casal de classe média. Assim que seu plano começa a dar sinais positivos, Tenso (Suar) é surpreendido pelo retorno de sua paixão por Tana (Bertuccelli) e seu desespero muda de lado. Reconstituindo o passado, o filme parte das lembranças do casal numa sessão conjunta de terapia. **(Luiz Felipe Reis)**

UN NOVIO PARA MI MUJER. ARGENTINA, 2008. COM VALERIA BERTUCCELLI, GABRIEL GOITY, ADRIÁN SUAR. 100 MIN. COMÉDIA

NOTA: 6,5

UMA CANÇÃO DE AMOR

Em plena Segunda Guerra Mundial, duas adolescentes tunisianas, Nour e Myriam, 16 anos, compartilham desde a infância uma amizade, digamos... "íntima". Moram na mesma casa em um bairro modesto numa Tunísia em que judeus e muçulmanos vivem em harmonia. Apesar da proximidade, as duas estão destinadas a vidas diferentes. Cada uma deseja secretamente viver na pele da outra: a judia Myriam, comprometida com um noivo muito mais velho, deseja poder amar como a muçulmana Nour – que, por sua vez, inveja a escolaridade da amiga.

LE CHANT DES MARIÉES, FRANÇA/TUNÍSIA, 2009. DE KARIN ALBOU. COM LIZZIE BROCHERÉ. 100 MIN. DRAMA.

Sempre confrontando o desejo feminino com as limitações impostas pela política e pela religião, Karin Albou traça aqui um retrato delicado das primeiras pulsões amorosas e sexuais de duas jovens (interpretadas pelas talentosas Lizzie Brocheré e Olympe Borval). O olhar da cineasta parece, por vezes, cuidadoso e asséptico demais, tanto no plano sensual quanto político (suas duas obsessões desde *La Petite Jérusalem*), dando às cenas uma certa beleza lânguida e etérea, mas pouco densas. **(Bolívar Torres)**.

NOTA: 5

SEDE DE SANGUE

O diretor de *Oldboy* retorna com a história de um padre vampiro e seu amor impossível

Os vampiros voltaram a fazer parte do *zeitgeist* ficcional contemporâneo – ou será que nunca deixaram de fazer? Na verdade não importa muito para Park Chan-wook, um dos mais fortes competidores pelo invejável título de mais inventivo cineasta oriental da atualidade. O vampirismo é apenas mais um elemento na impactante miscelânea de referências e gêneros que o diretor embaralha em *Sede de Sangue*. Numa rapsódia guiada acima de tudo pelo desejo (sexual e também de sangue), é possível enxergar conexões com o *film noir*, o melodrama romântico e uma aventura francamente sobrenatural. E, claro, também com os filmes de vampiros. Na junção entre o sensual e o repugnante, a experiência é quase tão impactante quanto os trabalhos anteriores de Chan-wook.

Todas as velhas obsessões do coreano – culpa, violência, remorso, vingança, amores proibidos e/ou torturados – retornam temperadas com muito sangue na história do padre (!) Sang-hyun (vivido por Song Kang-ho, de *O Hospedeiro*). Após submeter-se a uma experiência científica bizarra, o sacerdote ganha poderes sobre-humanos. Mas também desenvolve uma incontrolável sede por sangue humano. Não bastando as dificuldades óbvias para satisfazer suas novas necessidades (numa cena particularmente memorável, o padre suga o sangue da bolsa intravenosa de um paciente em coma num hospital), Sang-hyun ainda embarca num romance com a perversamente virginal Tae-ju (Kim Ok-vin). Como se vê, a disposição para a bizarria continua forte na mente de Chan-wook. A diferença principal é que o diretor pisa no freio da podreira explícita (nada de polvos vivos sendo mastigados aqui). O que não quer dizer que *Sede de Sangue* não contenha seus momentos de forte impacto sensorial, amplificados pela esfuziante paleta de cores e sons – tudo para traduzir os irresistíveis apelos a que os personagens sucumbem, inevitavelmente. **(Marco Antonio Barbosa)**

THIRST, CORÉIA DO SUL, 2009. DE PARK CHAN-WOOK. COM SONG KANG-HO, OK BIN-KIM, KIM OK-VIN. 133 MIN. WWW.THIRSTMOVIE.COM TERROR

NOTA: 8,5

ARRASTE-ME PARA O INFERNO

Sam Raimi não tem pena de sua mocinha, Christine Brown. A protagonista, modelo de boa conduta, é mordida pela ambição e comete uma primeira atitude pouco generosa. Por causa dela, os espíritos passam a persegui-la ao longo de movimentados 100 minutos de projeção. Não precisam pedir licença para entrar, mas sempre encontram uma janela com livre acesso aos aposentos onde se encontra a personagem, que clama por perdão sem, porém, encontrar chance de redenção. O mal pode estar numa brisa suave, em folhas secas espalhadas, no ranger de portas e, sobretudo, num mosquito irritante e só aparentemente inofensivo. Sam Raimi, que assina o roteiro com o irmão, Ivan, salpica referências aqui e ali (uma gata se chama Hecuba) e apela para doses de escatologia. Levando-se em conta que o gênero terror ficou reduzido, com o correr dos anos, a uma sucessão de sequências histéricas, *Arraste-me para o inferno* desponta como opção razoável, ainda que não chegue perto do brilhantismo de um terrir como *Fome Animal*, de Peter Jackson. (**Eduardo Frota**)

DRAG ME TO HELL EUA, 2009. DE SAM RAIMI. COM ALISON LOHMAN, JUSTIN LONG, LORNA RAVER, DILEEP RAO, DAVID PAYMER. 99 MINUTOS. GÊNERO: TERROR

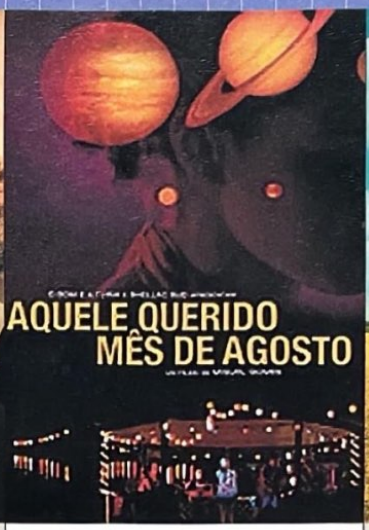
NOTA: 6,5

TEMPOS DE PAZ

Novas diretrizes em tempos de paz, peça escrita por Bosco Brasil, revive nessa transposição para o cinema assinada por Daniel Filho. O melhor do longa-metragem está no embate entre o imigrante europeu Clausewitz (Dan Stulbach) que desembarca no Brasil de 1945, e o interrogador Segismundo (vivido por Topy Ramos) – que, não por acaso, tem o mesmo nome do protagonista de *A Vida É Sonho*, de Calderon de la Barca. Stulbach e Ramos repetem os excelentes desempenhos vistos na encenação – o primeiro com a boa composição de voz e o olhar transbordante e o segundo impondo a autoridade própria do papel. Ao concentrar o conflito entre Clausewitz e Segismundo ambientes claustrofóbicos e centrar o filme nos atores, Daniel Filho aposta na imaginação do espectador. Presta homenagem ao teatro, louvando o diretor Ziembinski, mas é pena que não tenha confiado plenamente na força do texto original. Os personagens criados para a versão e as cenas ilustrativas inseridas na confissão de Segismundo não funcionam bem. **(Daniel Schenker)**

BRASIL, 2009. DE DANIEL FILHO. COM TONY RAMOS, DAN STULBACH, LOUISE CARDOSO, AILTON GRAÇA, LEONARDO THIERRY, ANSELMO VASCONCELOS. 82 min. DRAMA.

NOTA: 7

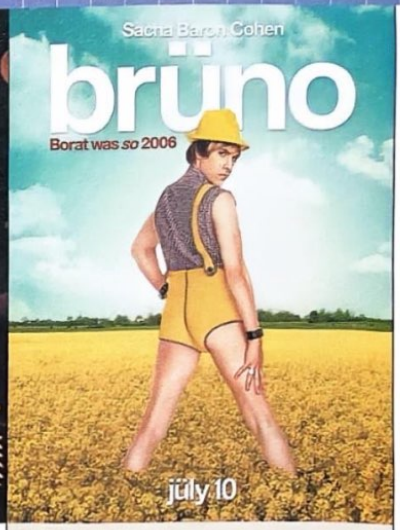


AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO

Durante toda sua longa projeção, o filme do português Miguel Gomes brinca de esconde-esconde com o espectador, dissimulando o próprio estilo adotado. Seria um documentário que virou ficção ou uma ficção que virou documentário? Sem resposta para essa questão, percorre durante o mês de agosto diversas aldeias portuguesas na época das férias. Paralelamente, conta a história de um grupo mambembe de cantores mostrando um amor não desejado pelo pai de sua filha com um primo. Considerado também uma comédia, esse quesito (a suposta comicidade) só vai interessar aos irmãos lusitanos. Daí reside o problema fundamental do filme: falta a identificação de quem não é português com os temas abordados. Em diversos momentos tudo se torna repetitivo e tedioso, seja na exaustão de músicas bregas, na mistura de atores e não atores sem um mínimo código e nas tentativas de metáforas pseudocômicas. (**Rubens Lima Junior**).

PORTUGAL, 2008. DE MIGUEL GOMES. ELENCO COM SÓNIA BANDEIRA, FÁBIO OLIVEIRA, JOAQUIM CARVALHO, MANUEL SOARES. 147 MIN. GÊNERO: COMÉDIA.

NOTA: 4



BRÜNO

Sai o repórter homofóbico cazaque, entra o fashionista gay austríaco. Passando de um extremo ao outro, Sacha Baron Cohen conseguiu fazer, basicamente, o mesmo filme. O comediante britânico continua deslocando-se pelos confins da América do Norte comportando-se como uma *intervenção ambulante*, com o intuito de escancarar toda a ignorância yankee apelando para doses radicais de provocação. Assim como no anterior *Borat*, o novo longa traz uma pretensão experimental que não se concretiza – simula um terromoto, mas provoca, na prática, apenas um leve tremor. Fica claro que Baron Cohen, infelizmente, não é Andy Kaufman. Está mais para um Michael Moore. Usa as mesmas manipulações toscas que o corpulento documentarista tenta aplicar nos seus espectadores, mas com a vantagem de não posar como super-herói dos direitos humanos. Enquanto Moore dá lições de moral, Cohen se limita – inteligentemente – a uma bagunça divertida, embora não tão iconoclasta como julga ser. (**Bolívar Torres**)

BRÜNO, EUA, 2009. DE LARRY CHARLES. COM SACHA BARON COHEN, BONO, CHRIS MARTIN, ELTON JOHN, SLASH, GUSTAF HAMMARSTEN, CLIFFORD BAÑAGALE. 81 minutos. COMÉDIA.

NOTA: 7

CONFISSÕES DE UMA GAROTA...

Mais do que um relato da atribulada vida sexual de uma moça trabalhadora (como sugere o preguiçoso título em português), *Confissões de uma Garota de Programa* fala dos meandros da natureza humana, no que toca os desejos e necessidades individuais, numa espécie de ode mínima à cultura do "Eu" (cheio de beleza física, de tesão reprimido e muita grana no bolso). Embora soe profundo e sugira uma narrativa densa e final "aberto", o filme brinca com verdades e mentiras com denotada finesse. Soderbergh monta e remonta o drama moderno, experimentando de tudo. A câmera, digital, muitas vezes desfocada e trêmula, está onde menos se espera; o plano é improvável, a montagem é arredia, exige do espectador certa aplicação. Vemos os personagens dialogando, mas, numa fuga da obviedade reinante, ouvimos esses mesmos personagens, pouco importando que caras têm. Longe de reinventar a abordagem de um enredo à primeira vista banal, Soderbergh tira da lama um tipo de cinema rápido e indolor, feito com capricho. (**Filipe Quintans**).

THE GIRLFRIEND EXPERIENCE EUA, 2009. DE STEVEN SODERBERGH. COM SASHA GREY, CHRIS SANTOS, PHILIP EYTAN, T. COLBY TRANE, PETER ZIZZO, RON STEIN. 78 MIN. DRAMA.

NOTA: 8,5

FORÇA G

Animais inteligentes sempre rendem alta bilheteria entre a garotada. A nova aposta da Disney se concentra em três felpudos porquinhos-da-índia e uma toupeira nerd. Juntos, formam a *Força G* – um esquadrão que, utilizando o que há de mais moderno em equipamentos de espionagem, precisa defender o planeta de um ganancioso empresário. O filme dirigido por Hoyt Yeatman, que mistura personagens animados com atores em carne e osso, procura se mostrar antenado com o público da nova geração: os bichinhos jogam games e usam sites de relacionamentos. Porém, muito mais simpáticos do que os protagonistas são os coadjuvantes, pouco acionados durante a projeção. Um hamster e um trio de camundongos fazem as melhores cenas do longa. Apesar de o roteiro se mostrar confuso em determinados momentos, pouco se ousa no quesito 3D. Aos adultos, salva-se apenas um punhado de boas citações cinematográficas que as crianças, provavelmente, não vão conseguir entender. (**Eduardo Frota**)

G-FORCE EUA, 2009. DE HOYT YEATMAN. COM BILL NIGHY, WILL ARNETT, ZACH GALIFIANAKIS, KELLI GARNER, TYLER PATRICK JONES, PIPER MACKENZIE HARRIS. 88 MIN. AVENTURA.

NOTA: 7

SE BEBER, NÃO...

Uma comédia de erros que não cria ilusões

Não é muito inspiradora a idéia de um filme sobre uma despedida de solteiro que dá errado. Na "terra do clichê" esse talvez seja um entre os mais gastos e caducos. Como a recente safra de comédias americanas no nível em que andam – drogas, humor adolescente e uma aparente disposição de mandar o mundo pelos ares – *Se Beber, Não Case* é uma aposta quase suicida. Quatro amigos vão para Las Vegas para o bota-fora de um deles, instalam-se numa suíte espetacular do hotel Caesar's e... É inevitável um leve suspiro de tédio e a velha certeza de que nada de novo está por vir.

Os rapazes acordam no dia seguinte em frangalhos, na suíte destruída, acompanhados de um tigre e um bebê. E sem o futuro noivo. A pergunta "O que aconteceu noite passada?" é repetida mais do que o tolerável e assim segue o cortejo. O que faz o diretor Todd Phillips (*Starsky & Hutch*, *Escola de Idiotas* e *Bittersweet Motel*, documentário inédito no Brasil sobre a banda americana Phish) é remanejar elementos da comédia, empregando o espírito libertador de um cinema neoindependente. Parece um grande feito, uma "reinvenção da roda" da comédia. Não é.

Na melhor das intenções, *Se Beber, Não Case* é uma comédia de erros e desmesuras. Faz rir não pelo tema, mas porque expõe o talento de atores aparentemente desconhecidos (a começar pelo barbudo genial Zach Galifianakis) numa abordagem incomum. Cometer os velhos exageros – "Uma das grandes comédias do ano", por exemplo, não se aplica ao caso. Melhor dizer que se trata só de uma comédia. Faz justiça e não cria ilusões. (**Filipe Quintans**)

THE HANGOVER EUA, 2009. DE TODD PHILLIPS. COM BRADLEY COOPER, ED HELMS, ZACH GALIFIANAKIS, JUSTIN BARTHA, HEATHER GRAHAM, MIKE TYSON. 100 MIN. COMÉDIA.

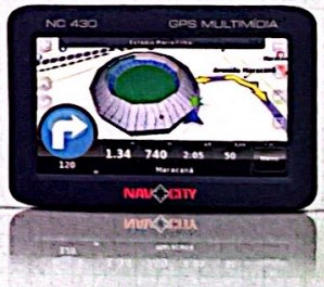
NOTA: 5

SIGHT
O MÁXIMO EM GPS

DESCUBRA O MUNDO DA SUA CIDADE EM 3D

Navcity NC 430
GPS Multimídia
Transmissor FM
Tela 4.3"

R$ **799,00**
FACILITADOS



Oriente-se com precisão. Encurte distâncias. Drible congestionamentos. Economize combustível e tempo. Evite multas e acidentes. Tudo isso e muito mais: agora os navegadores Navcity vêm com imagens em 3D. Descubra o mundo das cidades em todas as dimensões.

NAVCITY
TECNOLOGIA EM MOVIMENTO

À venda
AMERICANAS | AMERICANAS.COM | AUTO VILA SOM (21) 3391.0659 | COMPRAFACIL.COM.BR | CARTECH BARRA (21) 2491.3502 | FNAC.COM.BR | KROY SOM (21) 2295.2293
LIVRARIA TIJUCANA (21) 2569.1007 | MANIAVIRTUAL.COM.BR | NAVGPS (21) 3879.5523 | NAVGPS.COM.BR | PONTO FRIO | SARAIVA.COM | SUBMARINO.COM | VELUPLAST (21
2112 3333 | WAL MART

AS RELAÇÕES DE PODER

Adaptação da HQ de Alan Moore e Dave Gibbons está bem à frente da produção 2009

Depois do que Christopher Nolan fez em *Batman – O Cavaleiro das Trevas* (2008) ficou difícil acreditar que uma transposição de HQs para o cinema poderia ter o mesmo rigor estético e a mesma argúcia em sua análise para a falência ética contemporânea. Mas Zack Snyder (*300*), com sua mirada niilista para a realidade, foi capaz de ultrapassar qualquer expectativa em seu diálogo com a graphic novel de Alan Moore e Dave Gibbons, que despedaçou todos os paradigmas narrativos dos gibis na década de 80. Ciente do desprezo de Moore pelas versões de sua obra para outras mídias, os produtores creditaram apenas Gibbons como titular de *Watchmen*, dando um pontapé na vaidade do escritor e quadrinista, cuja precisão se perdeu ao custo de todas as drogas que ele consome. O filme de Snyder, esnobado pelo público americano, dispara na comparação com qualquer outra produção de 2009 até agora pelo requinte de sua análise política para o desgoverno das relações de poder. A trama parte do assassinato do Comediante (Jeffrey Dean Morgan, um achado), membro mais desprezível de uma equipe de super-heróis que herdou sua missão de um grupo da década de 40, dizimado ora pelo preconceito, ora pela inexperiência. Esse time de vigilantes foi dissolvido graças a uma ação presidencial de Richard Nixon, que somou três mandatos seguidos no mundo de tintas retrofuturistas apresentado nas telas. Só o Dr. Manhattan (Billy Crudup), um ser onipotente cujo poder foi constituído após uma explosão atômica, tem licença para operar. Mas isso está prestes a mudar, à força de uma paranoia de uma guerra nuclear e da investigação promovida por Rorschach (Jackie Earle Haley, impecável), o mais violento dos vigilantes. Para forçar o espectador a alugar/comprar *Watchmen – Contos do Cargueiro Negro*, DVD lançado em abril com uma animação e um documentário que complementam a narrativa de Snyder, a Paramount foi de uma avareza lastimável nos extras do que poderia ter sido "o" DVD de 2009. Mesmo assim, a faixa *Tecnologia de um Mundo fantástico*, explorando a concepção visual feita por Dave Gibbons nos quadrinhos, merece uma atenção especial. Confira também a versão brasileira, dirigida por Guilherme Briggs, um dos melhores dubladores nacionais da atualidade.

WATCHMEN, EUA, 2008. De Zack Snyder. Com Jeffrey Dean Morgan, Jackie Earle Haley, Billy Crudup, Patrick Wilson. Aventura. Paramount.

Filme: 10 Extras: 5

USINA DE SONHOS

Projetada em 2004, após participação magnética em *Alfie, o Sedutor*, Sienna Miller esbanja credenciais para o posto de estrela mais estonteante de Hollywood na atualidade. Nesta incursão à literatura pouco desbravada de Michael Chabon, ela é Jane Bellwether, que enlouquece Art (Jon Foster), rapaz cujo pai (Nick Nolte, sempre impecável) é um implacável mafioso. Apesar da afinação do elenco, a direção de Thurber desperdiça as tiradas mais reflexivas de Chabon.

THE MYSTERIES OF PITTSBURGH EUA, 2008. De Rawson Marshall Thurber. Com Sienna Miller, Jon Foster, Nick Nolte. Suspense. Imagem.

FILME: 6 EXTRAS: 0

DESONRA

Inédito nas salas brasileiras, com carreira discreta em países europeus, *Desonra* é uma competente incursão pela obra do prêmio Nobel de literatura J. M. Coetzee, vitaminada por densa interpretação de John Malkovich. No longa, fotografado com inspiração por Steve Arnold, ele interpreta David Lurie, um professor de literatura que é afastado de sua confortável vida docente após ter um caso com uma aluna, isolando-se numa região assolada por conflitos políticos que ele sempre preferiu ignorar.

DISGRACE Austrália/ África do Sul, 2008. De Steve Jacobs. Com John Malkovich, Paula Arundell, Drama. Flashstar.

FILME: 7,5 EXTRAS: N/D

CHE

The Argentine, parte um do épico guevarista de quatro horas de duração de Steven Soderbergh, chega ao formato digital no mesmo momento em que sua porção final, *Che 2 – A Guerrilha*, aguarda uma vaga em circuito. Soderbegh gastou US$ 30 milhões para viabilizar sua reconstituição para a Revolução Cubana que conduziu Fidel Castro ao poder. Comercialmente, o primeiro longa frustrou expectativas: sua bilheteria freou em US$ 1,7 milhões. Suas compensações foram estéticas, em especial o prêmio de Melhor Ator para Benicio Del Toro em Cannes, em 2008. Monolítico em sua atuação, Del Toro esbanja inteligência ao buscar o ser humano Guevara. Rodrigo Santoro tem participação discreta, mas competente, como Raúl Castro. O maior erro da Europa Filmes foi ter desovado o filme nas locadoras sem a preocupação com extras, essencial a um projeto cuja ambição atraiu toneladas de controvérsia a cada passo de Soderbegh.

CHE – THE ARGENTINE EUA/ França/ Espanha, 2008. De Steven Soderbergh. Com Benicio Del Toro, Rodrigo Santoro. Épico. Europa.

FILME: 7,5 EXTRAS: 0

BERNARD & DORIS

Indicado ao Emmy e ao Globo de Ouro como Melhor Telefilme, este drama sobre amizade e renúncia é um atestado da evolução da HBO Films. Susan empresta tintas de diva à bilionária Doris Duke (1912-1993), cujo tédio é regado a litros de álcool, combustível que quase arruinou o mordomo Bernard Lafferty (Fiennes) . Curado da dependência, Lafferty é contratado para ser o serviçal-chefe da mansão de Doris, onde estabelece uma verdadeira revolução. Nos extras, a história real de Doris e seu mordomo.

BERNARD AND DORIS EUA, 2006. De Bob Balaban. Com Ralph Fiennes, Susan Sarandon. Drama. Warner.

FILME: 6,5 EXTRAS: 7

GARAGEM OLIMPO

Grande vencedor do Festival de Havana em 1999, *Garagem Olimpo* só chegou ao Brasil depois de 10 anos de gaveta, motivado pelas boas críticas de *Terra Vermelha*, filme mais recente de seu realizador, Marco Bechis, filho de italiano criado entre Buenos Aires e São Paulo. Aqui, Bechis disseca as estratégias morais e afetivas de uma militante que, na ditadura argentina, é confinada numa garagem e obrigada a se submeter aos desígnios de seu torturador.

GARAGE OLIMPO Argentina/ Itália/ França, 1999. De Marco Bechis. Com Antonela Costa. Carlos Echevarría. Drama. Paris.

FILME: 5 EXTRAS: 4

DIVÃ

Com sete filmes na casa dos milhões de espectadores, a maioria projetos estrelados pelos Trapalhões, José Alvarenga Jr., diretor de programas de TV de enorme popularidade como *Os Normais*, assumiu esta adaptação do livro homônimo de Martha Medeiros, amparado no talento e carisma de Lilia Cabral. O longa decolou no gosto popular, tornando-se titular de uma bilheteria de R$ 1,8 milhão, só atropelada pela safra de blockbusters hollywoodianos que o sucedeu. A produção apresentou aos cinéfilos a excelente humorista Alexandra Richter, que vive Mônica, dona de casa fiel que testemunha as mazelas afetivas de sua melhor amiga, a ex-professora Mercedes, encarnada por Lilia com doçura. Mercedes deixa uma relação desgastada com Gustavo (José Mayer) para se aventurar com outros homens, a maioria mais jovens. Essas incursões rendem situações cômicas que não desprezam um tempero ligeiramente amargo de riso.

Brasil, 2009. De José Alvarenga Jr. Com Lilia Cabral, José Mayer, Alexandra Richter, Paulo Gustavo. Comédia dramática. Europa.

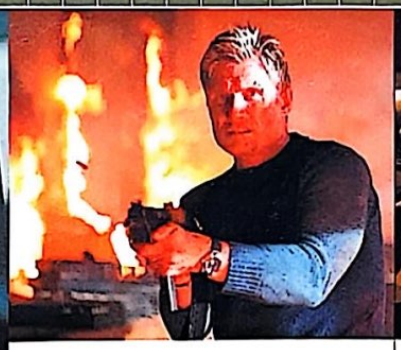
FILME: 8 EXTRAS: N/D

TINHA QUE SER VOCÊ

Hollywood foi de uma ingratidão imperdoável com Dustin Hoffman, hoje relegado a papéis secundários. O ator transformou radicalmente a forma de interpretar para cinema, a partir da revolução estética empreendida pela chamada Geração Easy Rider, promovendo um engajamento da filmografia americana em questões políticas e sociais. O diferencial deste romance sobre pessoas de meia-idade está na escalação de Hoffman como protagonista, dividindo as telas com uma estrela cujo talento faz jus ao seu. O ator é o compositor Harvey, que ganha a vida escrevendo jingles publicitários. Ao viajar para Londres para acompanhar o casamento da filha com quem tem uma distanciada relação, Harvey acaba se envolvendo com uma inglesa solteirona, Kate (Emma). O pecado da direção de Joel Hopkins foi ter economizado em excesso o mel.

LAST CHANCE HARVEY EUA, 2008. De Joel Hopkins. Com Dustin Hoffman, Emma Thompson, Kathy Baker, James Brolin. Romance. Imagem.

FILME: 7,5 EXTRAS: 0



AÇÃO IMEDIATA

Ressuscitado pelo bonde brucutu de Sylvester Stallone em *Os Mercenários*, filmado em Mangaratiba, o sueco Dolph Lundgren, o eterno Ivan Drago de *Rocky IV*, começa a ensaiar seus passos em direção à rota do estrelato perdido. Nesta produção rodada na Bulgária, por US$ 6 milhões, Lundgren encarna um soldado dos EUA, que foi capturado e encarcerado na Europa Oriental. Sua liberdade terá um preço: ele terá de salvar uma jovem americana capturada por um mafioso.

DIRECT CONTACT EUA/Alemanha, 2009. De Danny Lerner. Com Dolph Lundgren, Michael Paré, Gina May. Ação. Flashstar.

FILME: 7 EXTRAS: 0

EVOCANDO ESPÍRITOS

Já está em estudo uma sequência para este drama de horror que faturou US$ 55 milhões em território americano, resgatando a narrativa seca do gênero na década de 70. O roteiro é baseado em fatos reais: uma família que se muda para casarão de Connecticut é assolada por manifestações de espectros violentos. Nada é mais assustador do que o ator canadense Elias Koteas como o reverendo Popescu, único auxílio da família na luta contra as trevas.

THE HAUNTING IN CONNECTICUT EUA, 2009. De Peter Cornwell. Com Virginia Madsen, Kyle Gallner, Martin Donovan, Elias Koteas. Terror. Imagem.

FILME: 7 EXTRAS: 2

ANJOS E DEMÔNIOS

Visto por 3 milhões de pagantes em território brasileiro, esta sequência de *O Código Da Vinci* se tornou um dos maiores êxitos de bilheteria no país. Nos EUA, contudo, seu faturamento ficou aquém das expectativas diante dos gastos de US$ 150 milhões de sua produção, pilotada por um Ron Howard recém-reciclado de si mesmo com *Frost/Nixon*. O faturamento do longa não foi além de US$ 132 milhões no circuito americano. Lá, ninguém parece muito empolgado com as artimanhas do simbologista Robert Langdon, encarnado por Tom Hanks. Depois de esclarecer o mistério em relação à filha secreta de Jesus Cristo no longa anterior, ele volta a irritar a Igreja ao se meter no Vaticano à cata de pistas sobre uma organização terrorista, os Illuminati, capaz de minar a força católica.

ANGELS & DEMONS EUA, 2009. De Ron Howard. Com Tom Hanks, Ewan McGregor, Ayelet Zurer, Stellan Skarsgard. Aventura. Sony.

FILME: 5,5 EXTRAS: 2

CAVALEIROS DO APOCALIPSE

Preparando-se para viver Bill Clinton nos cinemas, em *The Special Relationship*, Dennis Quaid volta à popularidade da década de 80. Nesta produção de US$ 20 milhões, brilha como Aidan Breslin, detetive viúvo que luta para se acostumar à morte da mulher. Ainda purgando sua dor, vê-se imerso numa investigação de assassinatos que remetem aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

HORSEMEN, EUA, 2009. De Jonas Åkerlund (EUA, 2008). Com Dennis Quaid, Zhang Ziyi, Clifton Collins Jr. Suspense. Sony

FILME: 8,5 EXTRAS: 7

LANTERNA VERDE

Desde que Ryan Reynolds foi anunciado como o titular do anel esmeralda no projeto *The Green Lantern*, previsto para 2011, chovem apostas de que o filme será um fenômeno de bilheteria. Enquanto a versão em carne e osso não chega, saboreie esta incursão do herói pela animação. Ao se deparar com a nave caída do alienígena Abin Sur, o piloto Hal Jordan é escolhido para policiar o setor 2814 do Universo, ostentando uma joia capaz de realizar todos os seus pensamentos. Mas o vilão Sinestro vai atrapalhar sua paz.

GREEN LANTERN: MFA: FIRST FLIGHT, EUA, 2009. De Lauren Montgomery.

FILME: 9 EXTRAS: 3

DVD

GOONIES

Orçado em U$ 19 milhões, *Goonies* faturou três vezes mais, imortalizando-se como um clássico de aventura da Era Ploc, apoiado na narrativa frenética de Richard Donner.

THE GOONIES, EUA, 1985. De Richard Donner. Com Sean Astin, Josh Brolin, Corey Feldman, Robert Davi. Aventura.

O roteiro, costurado por Chris Columbus a partir de argumento de Steven Spielberg, mostra jovens que embarcam numa jornada de perigos após encontrar um mapa do tesouro. Ao longo do caminho, a mão de ourives de Donner para tomadas de corre-corre faz a pressão do espectador subir. No elenco, o jovem Josh Brolin, de *Onde os Fracos Não Têm Vez*.

FILME: 8,5 EXTRAS: 9

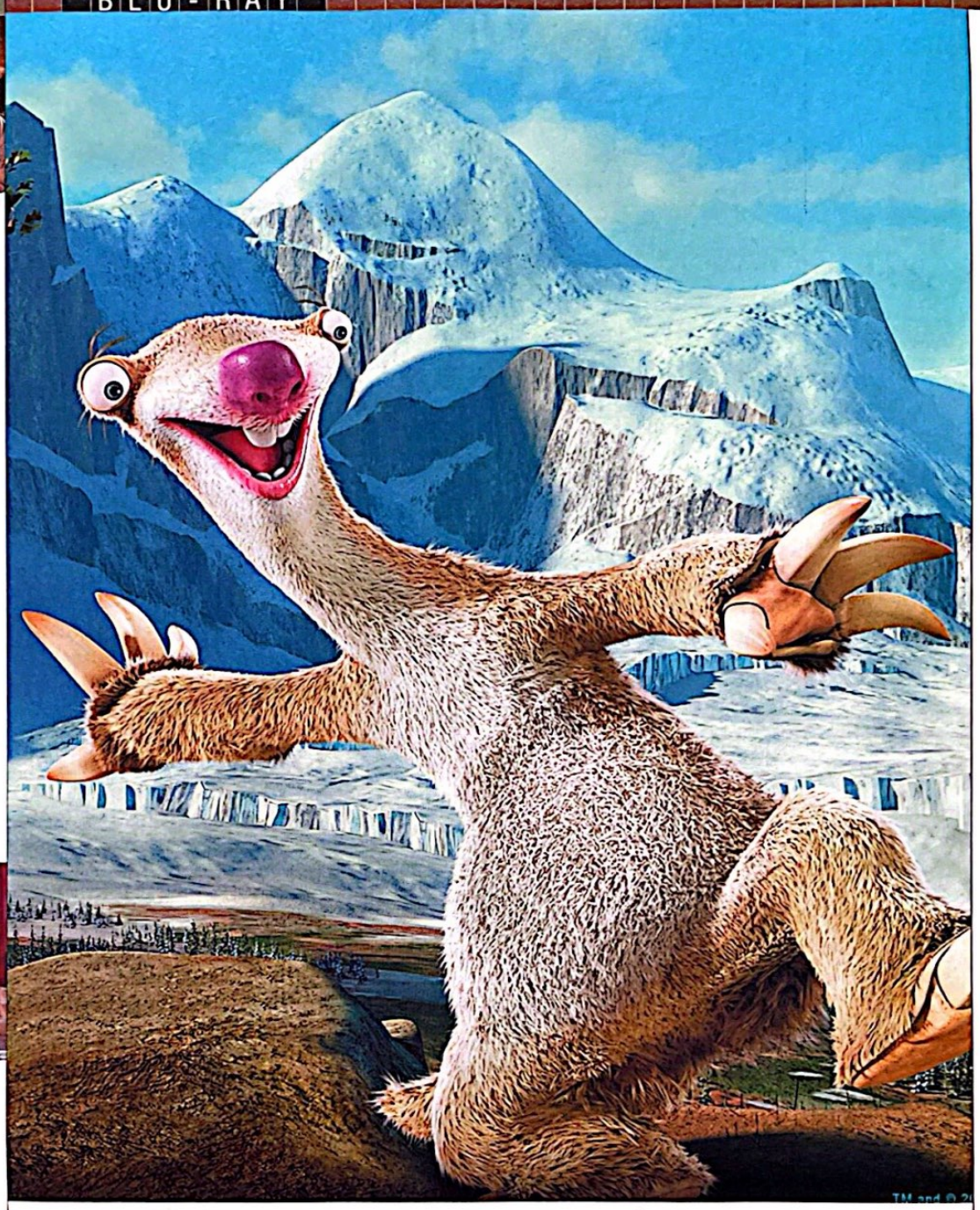
STREET FIGHTER

Em 1994, quando Jean-Claude Van Damme ainda era um astro aspirante, *Street Fighter*, adaptação do videogame homônimo, chegou aos cinemas prometendo quebrar recordes de público. Mas sua displicência com ritmo e verossimilhança condenou-o ao fracasso. Agora, o cineasta polonês Andrzej Bartkowiak tenta resgatar o time de lutadores que combate o ditador Bison, interpretado pelo competente Neal McDonough. Mas o ator é a única razão de ser desta aventura. Prefira rever o seriado japonês que circulou entre 1995 e 1996 no SBT.

STREET FIGHTER: THE LEGEND OF CHUN-LI/EUA/Índia/Japão/Canadá, 2008. De Andrzej Bartkowiak. Com Kristin Kreuk, Michael Clarke Duncan, Robin Shou. Aventura. Imagem.

FILME: 2 EXTRAS: 0

BLU-RAY



GELO AINDA MAIS CRISTALINO

Saldanha começa patinando na monotonia, mas acerta rápido

Lapidada pelos recursos digitais de nitidez do Blu-Ray, *A era do gelo 3*, o maior fenômeno de bilheteria no país desde Titanic, se torna uma iguaria ainda mais apetitosa. Com uma bilheteria que migrava para a casa dos 9 milhões de ingressos vendidos em apenas seis semanas em cartaz, o terceiro capítulo da franquia pilotada pelo animador carioca Carlos Saldanha começa patinando na monotonia, mas acerta rápido. A entrada da doninha caolha Bucky, dublada por Simon Pegg nos EUA e pelo genial Alexandre Moreno no Brasil, aumenta o coeficiente de riso do longa-metragem. Desta vez é a preguiça Sid quem joga no lixo a paz dos mamíferos exóticos de Saldanha ao se perder em um mundo subterrâneo loteado por dinossauros. Será responsabilidade de Bucky salvar os pelos dos demais personagens e convencer o espectador de que o maior acerto do cineasta brasileiro foi a criação de um universo de personagens bastante particular.

ICE AGE: DAWN OF THE DINOSAURS EUA, 2009. De Carlos Saldanha. Vozes de Ray Romano, Denis Leary, Simon Pegg. Animação. Fox.

FILME: 8 EXTRAS: N/D

SILVERADO

É dificil pensar o cinema da década de 80 sem Lawrence Kasdan. Roteirista de *Os Caçadores da Arca Perdida*, o diretor de *Corpos Ardentes* alternou produções tocantes como *O Reencontro* e *O Turista Acidental* com este tributo a um filão, o faroeste, que a correção política ameaçava de extinção. Ator-fetiche do cineasta, Kevin Kline injeta humor na figura de Paden, um pistoleiro Don Juan que tenta resgatar a paz numa cidadezinha onde a corrupção impera. Paden conta com o chumbo quente de mais três aspirantes a herói para garantir a lei: Emmett (Scott Glenn), Malaichi (Danny Glover) e Jake, interpretado por um Kevin Costner molecote. A dublagem brasileira original traz um elenco de vozes magistral, incluindo Dario de Castro emprestando o gogó a Kline.

SILVERADO, EUA, 1985. De Lawrence Kasdan. Com Kevin Kline, Kevin Costner, Danny Glover Faroeste. Columbia Pictures

FILME: 10 EXTRAS: 7

VAMOS NESSA

Encarado em Hollywood como uma magistral muleta para filmes de ação ameaçados de amadorismo, o cineasta Doug Liman, diretor de *Sr. & Sra. Smith*, é convocado sempre que um estúdio qualquer precisa apresentar uma aventura mais carregada no charme do que na adrenalina. Com tintas emprestadas muito claramente de *Rashomon*, o clássico de 1950 manufaturado por Akira Kurosawa, Liman narra a partir de três distintos pontos de vista uma longa noite de loucuras vividas por um grupo de jovens à cata de dinheiro. Scott Wolf, celebrado no seriado *O Quinteto*, é o destaque do elenco, ao lado de nomes fortes como William Fichtner e de uma azeitada Katie Holmes. O disco presenteia ouvidos e retinas com o clipe bacanudo de *New*, do esperto e invariavelmente certeiro No Doubt, de Gwen Stefani.

GO EUA, 1999. De Doug Liman. Com Katie Holmes, Scott Wolf, William Fichtner. Thriller.

FILME: 8 EXTRAS: 8

RÁPIDA E MORTAL

Numa década pré-*Homem-Aranha*, o mestre do terror Samuel Marshall Raimi resolveu dar uma pausa em fantasmas e outros demônios e investir nas curvas de Sharon Stone. Três anos depois de Clint Eastwood ter fechado o caixão do faroeste com *Os Imperdoáveis* (1992), Raimi resolveu tirar o gênero da cova, apoiado no charme sexy da loura. Sharon é uma pistoleira misteriosa que entra num torneio de duelos ao sol mediado pelo impiedoso latifundiário John Herod, encarnado por um Gene Hackman magistral. Russell Crowe entra em cena como um religioso bom de mira que ajuda Sharon em sua cruzada de vingança, que só fica clara no final. As manhas do Blu-Ray amplificam o colorido que Raimi imprime aos tiroteios, sempre regados a sangue.

THE QUICK AND THE DEAD EUA, 1995. De Sam Raimi. Com Sharon Stone, Gene Hackman, Russel Crowe, Leonardo DiCaprio. Faroeste.

FILME: 7 EXTRAS: 1

LA – CIDADE PROIBIDA

Mais provocativa incursão do cinema americano ao âmago do gênero noir desde *Chinatown* (1974), a adaptação do romance homônimo de James Ellroy fez Hollywood se dar conta de toda a sabedoria do fotógrafo Curtis Lee Hanson. Em 1998, galgou céus de brigadeiro ao ver o policial que rodou na Califórnia abocanhar nove indicações ao Oscar no ano em que *Titanic* navegava pelos mares da consagração. Indicado à Palma de Ouro em Cannes, projetou ao estrelato Russell Crowe, no papel do tira Bud White. Violento, White tenta desbaratinar uma rede de corrupção policial ligada à prostituição, apoiado na inteligência de um colega que despreza: Ed Exley (Guy Pearece). White ama uma garota de programa, Lynn Bracken (Kim Basinger, Oscar de Coadjuvante), o que complica sua luta. No elenco, brilham Danny DeVito, Kevin Spacey e David Strathairn. Os melhores extras são investigações documentais sobre a fotografia bruxuleada de Dante Spinotti e sobre o processo de adaptação da literatura de Ellroy.

LA CONFIDENTIAL EUA, 1997. De Curtis Hanson. Com Kevin Spacey, Russell Crowe, Guy Pearce, Kim Basinger. Policial. Warner.

FILME: 10 EXTRAS: 10

CINÉFILO E CASEIRO

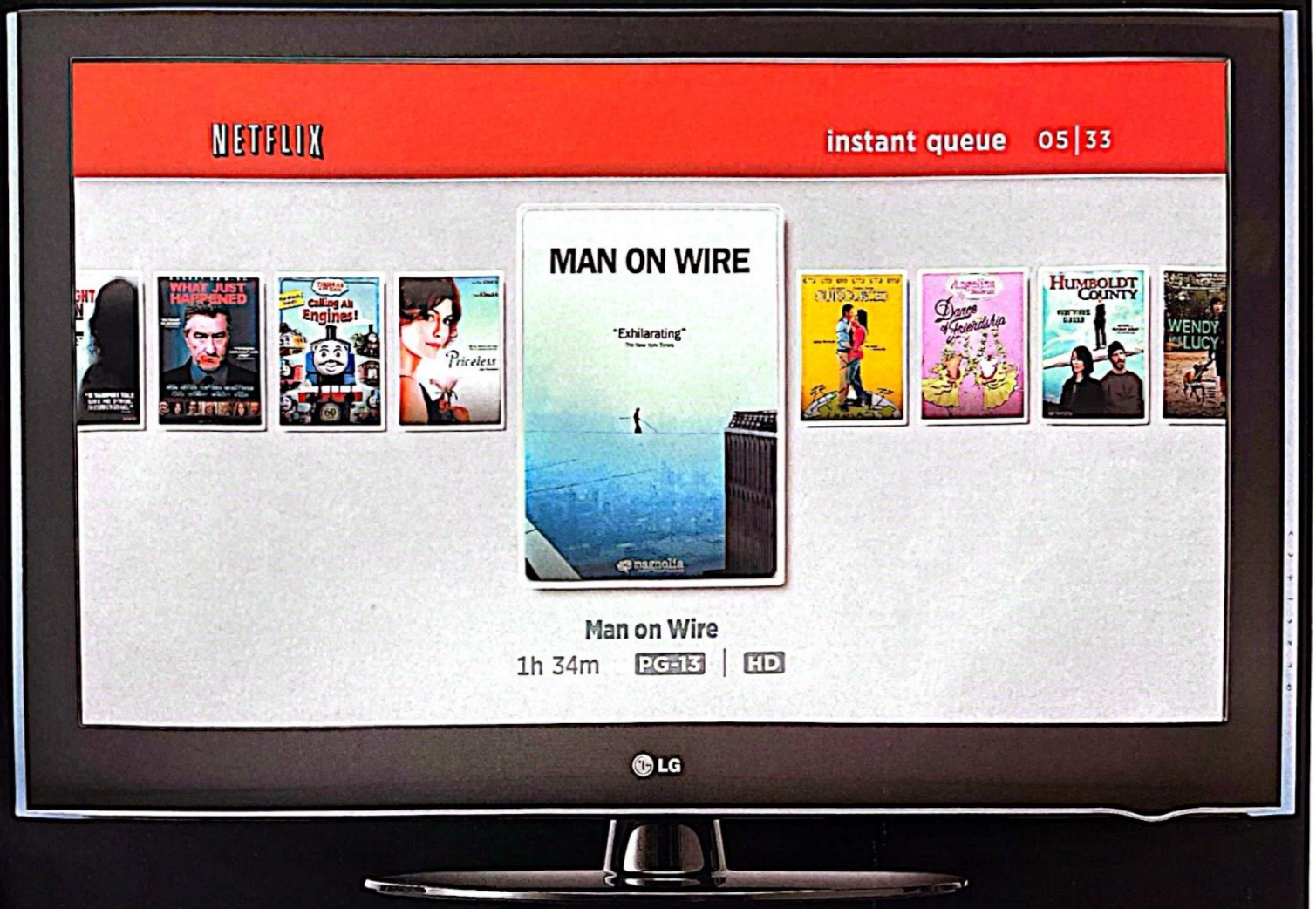
Blockbuster, gigante do servico de aluguel de DVDs nos EUA, se reinventa para não fechar. Libera filmes para baixar online. E isso vai chegar aqui já

Franz Valla, *de Nova York*

Aquele rotineiro caminhar ate a locadora de vídeos da esquina para trazer para casa aquele lançamento em DVD está com os dias contados. A Netflix e a Blockbuster, as gigantes do serviço de aluguel de filmes nos Estados Unidos, se preparam para brigar pelo mercado brasileiro já no próximo ano com as mesmas armas que utilizaram para mudar o jeito que os norte-americanos assistem a seus filmes em casa. Desde o fim do ano passado é costume selecionar e alugar fitas online que podem ser baixados e vistos imediatamente no computador. Ou diretamente na TV, graças a pequenos modems oferecidos pelas distribuidoras para se conectar aos televisores de tela plana. Qualidade plena.

O Xbox 360, popular game-player da Microsoft, foi um dos primeiros dispositivos que conectam a internet a acomodar o download direto de filmes da Netflix. Alguns modelos de telas LCD e plasma disponíveis nos Estados Unidos até já trazem o modem embutido. A Netflix já vinha revolucionando o mercado há alguns anos. Criou um meio de ordenar os filmes através de seu web site e recebê-los em apenas um dia útil na porta de casa. A estratégia foi um sucesso. Pagando uma mensalidade mínima, equivalente ao valor do aluguel de dois DVDs na Blockbuster, pode-se assistir a quantos filmes quiser por mês, dois, três ou quatro por vez, dependendo do plano selecionado. E sem correr riscos de multas de atraso na devolução, feita tambem pelo correio através de envelopes pré-pagos oferecidos pela locadora.

O esquema da Netflix continua firme até hoje, mas a possibilidade de se fazer o download imediato de filmes inéditos, opção válida desde o fim de 2008, empurrou a companhia à frente da Blockbuster. A locadora dispõe de mais de 100 mil títulos, fora os novos lançamentos e 12 mil estão disponíveis para serem baixados imediatamente na internet. A Blockbuster, por sua vez, perdeu muito terreno para a novata Netflix e só há alguns meses começou a correr atrás da mesma fórmula. A pequena vantagem que leva é o fato de ainda ter lojas físicas, nas quais o consumidor pode entregar seus DVDs pessoalmente e receber créditos para alugar outros DVDs de graça. Esta é a mesma vantagem que levará ao Brasil, onde a Netflix não tem presença. Representante do Departamento de Relações com os clientes da Netflix, Adam Levy nos explica como o serviço vai chegar ao Brasil:



"Vamos fazer parcerias com os grandes provedores de acesso no Brasil", conta Levy. "Temos investido muito em tecnologia e nosso objetivo é entregar os nossos filmes diretamente na TV do consumidor. Com o auxílio do controle remoto será possivel requisitar filmes para serem assistidos imediatamente, assim como é feito agora nos Estados Unidos. O nosso sistema de aluguel de DVDs pelo correio ajudou a consolidar nossa posição no mercado, mas já vai estar obsoleto ate o meio do ano que vem. O desafio agora é pôr todos os nossos 100 mil títulos disponíveis online". Levy diz que há algus obstáculos: "O que limita a rapidez de entrega de novos lançamentos diretamente na tela dos consumidores fora dos Estados Unidos é que às vezes alguns desses filmes nem estrearam em alguns países ainda e temos que seguir o prazo para que cumpram primeiro sua trajetória nos cinemas.

A Blockbuster opera fora dos Estados Unidos através do sistema de franquias e a Netflix mantém suas operações centralizadas pelo web site. Ela dispõe de mais de 100 centros de distribuição espalhadas pelos Estados Unidos, daí a rapidez na entrega e coleta de DVDs. O mesmo sistema está sendo agora reproduzido no Brasil pela Blockbuster, que oferece até entrega de DVDs no mesmo dia a certos lugares no Rio e em São Paulo. O que vai definir mesmo o vencedor dessa briga pelo público brasileiro é a facilidade em baixar seus filmes com o auxílio apenas do controle remoto diretamente para a TV. Porque a possibilidade de baixar os filmes para o computador já não é nenhuma novidade.

Nos EUA, a Netflix pôs a Blockbuster a correr atrás. No Brasil, sem concorrência, é diferente

Enquanto os modelos de TV de alta definição da LG que trazem os modems embutidos não chegam ao Brasil para acompanhar a demanda, os usuários dos servicos das locadoras online já podem contar com o Xbox 360 da Microsoft, que traz a comodidade de se conectar à internet e é compatível com o serviço oferecido pela Netflix. As fabricantes LG e Samsung abraçaram o serviço da Netflix com seus modelos de Blu-Ray players, que já trazem conexão com a internet. A LG tem os modelos BD-370 e BD-390. O primeiro é vendido no Brasil e está listado por R$ 1.599 no site da Americanas.com. O modelo básico da Samsung, o BD-P1600, também pode ser encontrado na Americanas.com por R$ 1.299. Apesar de ser possivel conectar esses modelos diretamente com a internet e fazer downloads do Youtube e outros sites, ainda não é possível utilizar o serviço das locadoras. Numa antecipação que demonstra a vantagem da Blockbuster no mercado brasileiro. Ao se inscrever, o locatário ganha um bônus de um mês grátis no serviço de aluguel pelo correio.

O Maior Concurso de Curtas e Médias do Brasil

FILMA BRASIL

A estrada mais curta para o sucesso.

Apóie este projeto. Patrocine o Brasil.

Patrocínio Prata:

Caminhões e Ônibus

Roteiro e Direção: Você!
Estrelando:

Patrocínio Platina:

Patrocínio Ouro:

Patrocínio Prata:

Apoio:

Realização:

MUZY CORP

Você em cena!

www.filmabrasil.com

TERRA DA HIPOCRISIA

Terceira temporada de *MAD MEN* para tudo lá fora. E HBO corre para exibir por aqui

Taís Toti

O publicitário Don Draper fuma calmamente um cigarro, enquanto seu escritório está sendo inundado. A imagem no pôster de divulgação de *Mad Men* pode ser a única (metafórica) informação sobre a terceira temporada, já que o criador e produtor Matthew Weiner faz de tudo para evitar o vazamento de spoilers da série, que acaba de estrear nos Estados Unidos. No Brasil ainda não se sabe quando a HBO vai transmitir a terceira temporada – ou se a lei anti-fumo vai proibir também a atração, dado o número de cigarros por episódio. Gerente geral da HBO Networks Latin America, Gustavo Grossman diz que vai ser breve:

"Estão sendo feitos esforços para que a nova temporada chegue aqui antes do fim do ano".

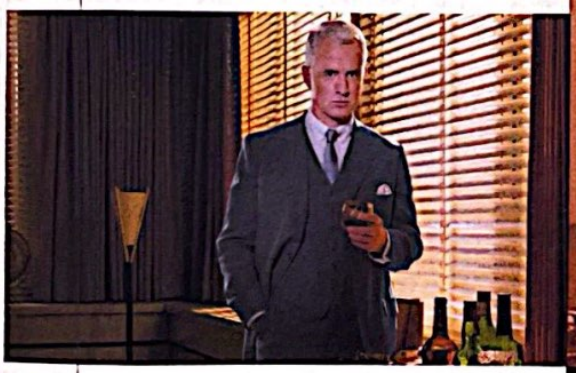
A demora ocorre porque *Mad Men* não é uma produção original da HBO – é do canal americano AMC – e a estreia também depende da compatibilidade com outras séries agendadas, como a produção

As duas primeiras renderam à atração um Emmy e dois Globos de Ouro

brasileira *Filhos do Carnaval*, que ganha uma segunda temporada em outubro. Treze é um número de sorte para *Mad Men*. Os 13 episódios que compõem cada temporada já renderam um Emmy e dois Globos de Ouro de Melhor Série Dramática em 2008 e 2009, além de elogios da crítica e fãs dispostos a criar contas no Twitter de personagens da série. Até os Simpsons fizeram uma paródia da abertura de *Mad Men*, que tem inspiração hitchcokiana.

Mais do que o cotidiano da fictícia agência de publicidade Sterling Cooper, *Mad Men* retrata a sociedade americana dos anos 60, que começava a presenciar a entrada da mulher no mercado de trabalho e a revolução da pílula anticoncepcional. Fumar era tão comum quanto beber água, o adultério era prática recorrente entre os homens e podia-se cantar a secretária sem medo de ser acusado de assédio sexual. Mas talvez o tema principal de *Mad Men* seja a diferença entre o que as coisas parecem ser e o que elas realmente são. A diferença entre o olhar de longe e de perto está no protagonista Don e sua identidade – e qual é mesmo? – assim como o contraste entre o sedutor anúncio publicitário e o produto anunciado.

O figurino é uma atração à parte, tendo angariado suspiros e apelidos de "*Gossip Girl* mais velha" para o seriado. A figurinista Jannie Bryant chegou a anunciar uma coleção inspirada na série, sobre a qual vem mantendo certo mistério. A coleção de outono de 2008 do estilista Michael Kors também teve inspiração em *Mad Men*.



Anos 60: trair era legal e assédio no trabalho, bem normalzinho

NÚMEROS GRANDIOSOS

Série dobrou de tamanho nas fileiras do AMC, que se jogou em *Breaking Bad*

A audiência dobrou da primeira para a segunda temporada, chegando a quase 2 milhões de espectadores nos EUA. No Brasil, a HBO diz que é uma "série de sucesso". *Mad Men* parece se assemelhar à vida do protagonista Don Draper: só se move para frente. O sucesso do canal AMC, que exibe o seriado nos EUA e, antes de *Mad Men*, só exibia filmes, poderia ter sido da HBO. O canal achou arriscado demais investir no projeto de Matthew Weiner, que até então havia escrito roteiros para *A Família Soprano/The Sopranos*, mas nunca criado uma série. O AMC, que aceitou o risco, gostou tanto do investimento que é responsável também por outra série, *Breaking Bad*, que teve a primeira temporada exibida no Brasil pelo Sony.

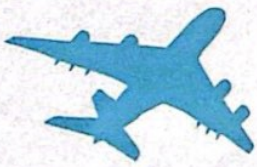
Você sempre volta diferente de uma viagem.

Cursos no exterior

Intercâmbio cultural

Experiências de trabalho

Viagens



Barra
(21) 3419-5701
Centro
(21) 3526-7700
Ipanema
(21) 2512-8577
Niterói
(21) 2729-2009

STB®
Student Travel Bureau
www.stb.com.br

LUIZ NORONHA

SOBRE O SUCESSO

VÊM AÍ *TROPA DE ELITE 2* E VÁRIAS CINEBIOS. E NENHUM MARKETING PODEROSO VAI DITAR SEUS FUTUROS

O recente sucesso de bilheteria de comédias como *Divã*, de José Alvarenga Jr, junto com o lançamento ruidoso de *Os Normais 2*, levantou a bola de uma discussão curiosa. Depois que um filme é lançado, o que não faltam são explicações para o fracasso ou sucesso, quase sempre obviedades que ninguém viu antes. Pipocam opiniões aqui e ali identificando uma nova onda no cinema brasileiro, há quem relacione o zeitgeist criado pela crise econômica com os resultados nas bilheterias, as pitonisas e oráculos auscultam o coração da plateia e decretam: o brasileiro quer mesmo é ver comédia! Para quem gosta de elocubrações teóricas, é um prato cheio. Todo esse papo serve para ocupar espaço, mas não resiste a uma análise mais fina.

Tirando o fato de que os diretores destes filmes são artistas talentosos que provaram que sabem fazer contato com o grande público, o que de resto é o que quer qualquer um que faça um filme, não há rigorosamente nenhuma identidade estilística entre eles, o que desmonta qualquer possibilidade de caracterizar um movimento na largada. A ligação com a crise econômica tampouco é fácil de estabelecer. Em condições normais de temperatura e pressão, um produtor demora, no Brasil, uns bons três anos para realizar um filme comercial, da sinopse à primeira cópia. Daí para a data de lançamento, são outros quinhentos, depende da estratégia da distribuição, do *Harry Potter* e do *Homem-Aranha*, e não é incomum um filme pronto esperar seis meses ou mais para chegar aos cinemas. A decisão da quantidade de cópias, que é determinante para o resultado total da bilheteria, está ligada ao interesse que os produtores e distribuidores conseguem despertar nos donos dos cinemas. Quer dizer, um monte de variáveis, todas estendendo-se por longos prazos e misturando dados concretos com as impressões mais subjetivas. A chance de qualquer lançamento do cinema nacional que tenha acontecido no primeiro semestre de 2009 estar relacionada a uma crise cujo marco explosivo está em setembro de 2008 é próxima de zero e as comédias que vimos em sequência não são outra coisa que não mera coincidência. Já o fato de as rendas terem subido de patamar, isso sim está ligado à crise, porque cinema ainda é uma diversão relativamente barata, mas é algo que se aplica a todos os gêneros, não só às comédias.

Considerando que do ponto de vista de quem paga ingresso não há diferença entre filmes brasileiros ou de Hollywood, o que acontece é que no Brasil não há recursos financeiros ou humanos para produzir filmes competitivos comercialmente se os roteiros forem de grandes dramas históricos, ficção científica ou ambiciosas aventuras cheias de efeitos especiais. O que sobra são os recortes da realidade presente com uma pegada meio documental, as comédias e os dramas biográficos, sempre que possível com rostos conhecidos no elenco. Não há novidade nisso, o grosso do catálogo da Atlântida, da Vera Cruz e quetais vai mais ou menos por estes caminhos.

Daqui para frente, teremos a produção e a exibição de *Salve Geral*, de Sérgio Rezende, e de *Tropa de Elite 2*, de José Padilha, ambos com bom potencial de público. Aí, serão lembradas as bilheterias de *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*. Valerá a conclusão de que o brasileiro gosta de ver violência? Teremos também a cinebio de Lula, de Fábio Barreto, a de Chico Xavier, de Daniel Filho, e a de Luiz Gonzaga, de Breno Silveira, todos prometendo arrastar multidões. Alguém vai lembrar de *Dois Filhos de Francisco* e dizer que o brasileiro gosta de biografias. Ou de reverenciar ídolos, ou do universo sertanejo etc.

A verdade é que, independentemente das boas intenções dos diretores, do esforço dos produtores, das campanhas de marketing e das teorias da crítica, o sujeito que sai de casa e paga ingresso para entrar num cinema é o juiz final da obra. Seu poder é tanto que, como mostram as pesquisas, o boca-a-boca ainda é o fator determinante para o sucesso. E o brasileiro, como o japonês, o americano ou o francês, não tem um xodó especial por nenhum gênero. Drama ou comédia, ele gosta mesmo é de filme bom.

Faculdade de Comunicação e Artes

Os melhores cursos de Comunicação e Artes!

CINEMA
- Produção e edição de vídeo em alta definição desde 2004
- Estúdio de 200m² com maquinaria completa
- Os melhores softwares: FinalCut, ProTools, Motion e Color

EVENTOS
- Centro de Convenções com 8.268m²
- Auditórios multimeios e Teatro Escola
- Novas instalações e equipamentos para todos os tipos de eventos

JORNALISMO
- Jornal universitário com tiragem de 30.000 exemplares
- Laboratório de telejornalismo totalmente digital
- Produção de programas de rádio e TV semanais

FOTOGRAFIA - manhã
- Sem aulas aos sábados
- Equipamentos 35mm e médio formato
- Turmas reduzidas com enfoque no desenvolvimento individual

RÁDIO E TV
- Edição de vídeo em alta definição
- 3 estúdios de rádio e gravação
- Vivência profissional desde o início do curso

FOTOGRAFIA - noite
- 5 estúdios constantemente atualizados
- 2 laboratórios de revelação e ampliação
- Equipamentos digitais e analógicos

RELAÇÕES PÚBLICAS
- Ênfase em comunicação corporativa
- Professores atuantes no mercado
- Experiência prática em organização e divulgação de eventos

PUBLICIDADE E PROPAGANDA
- Maior expertise em Macintoshes da região
- Agência Experimental com os melhores softwares
- Professores altamente qualificados e com grande experiência na área

TEATRO
- Foco na formação de atores
- Teatro Escola equipado e com 250 lugares
- Apresentações teatrais desde o 1º ano do curso

parcelas a partir de R$ 208,39*

CEUNSP

muito mais vida universitária!

conheça as mais de 70 opções de cursos!

Vestibular 2010

19.09.09

www.ceunsp.edu.br

0800 10 95 35

* Planos de pagamento em 18 parcelas a partir do valor indicado referente aos cursos de Fotografia (noite) e Eventos. Consulte outros planos ligando para 0800 10 95 35. Todos os cursos sujeitos à disponibilidade de vagas.

DO DIRETOR DE "DIÁRIO DE UMA PAIXÃO"
cameron diaz
abigail breslin
Até que ponto você iria para salvar sua família?
uma prova de amor
(My Sister's Keeper)
alec baldwin jason patric sofia vassilieva e joan cusack
11 de setembro
nos cinemas
NEW LINE CINEMA
A TimeWarner Company
www.playarte.com.br
PlayArte
PICTURES
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME